

Compreendes o que lê? - Volume I

APOCALIPSE

DESVENDANDO O LIVRO DE APOCALIPSE

A chave para a compreensão do livro de Apocalipse: o Paralelismo Hebraico

A História da Igreja de Cristo

Fatos que marcaram a História da Humanidade na Era Cristã

O cumprimento do Mistério de Deus em nossos dias: o Reino de Deus

Por: Raimundo Barreto

Segunda Edição Ilustrada

www.raibarreto.com.br



Índice

01 *Prefácio*

03 *Introdução*

Capítulo 1 - Paralelismo

- 05 A Estrutura Literária da Bíblia
- 05 Paralelismo Padrão
- 06 Paralelismo Invertido
- 06 Paralelismo em Degraus
- 08 Cântico do Servo

Capítulo 2 - Parábolas

- 09 As Parábolas
- 09 O que é uma parábola?
- 09 Os tipos de parábolas
- 10 Entenda as parábolas

Capítulo 3

- 11 Exemplos de paralelismo nas parábolas
- 11 A Ovelha, a Moeda e os Dois Filhos Perdidos
- 12 A Parábola da Ovelha Perdida
- 13 A Parábola da Moeda Perdida
- 14 A Parábola dos Dois Filhos - O Mais Moço
- 15 A Parábola dos Dois Filhos - O Mais Velho
- 16 A Parábola Acerca das Dádivas de um Pai
- 17 Os Servos Que Esperam

Capítulo 4 - Apocalipse

- 19 Compreendendo o Livro de Apocalipse
- 24 A História da Igreja (7 Igrejas da Ásia)
- 40 A História da Humanidade
- 41 **Acontecimentos PRESENTE**
- 42 - As Cruzadas (Guerra Santa)
- 42 - A Guerra dos Cem Anos
- 43 - A Peste Negra
- 44 - A Inquisição
- 45 - A Primeira Guerra Mundial
- 46 - A Segunda Guerra Mundial
- 47 - Holocausto: exterminar os judeus
- 48 Preparação para entrar em outra cena
- 51 Sinais no céu... A Mulher e o Dragão
- 53 A Besta que emerge do mar
- 54 A Besta que emerge da terra
- 54 O Cordeiro e seus 144.000 remidos
- 57 **Acontecimentos FUTURO**
- 63 *Anexo I*
Bibliografia Sugerida
- 67 *Anexo II*
Acontecimentos que mudaram
o mundo 1989 a 1991

Prefácio

*“E que desde a infância sabes as sagras letras que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. **Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na Justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.**” (2 Timóteo 3:15-17).*

Há muito tempo venho guardando no coração o desejo de escrever um livro, como este que ora apresento. Buscava ao Senhor pela concretização deste anelo, por saber que seria de grande benefício para o Corpo de Cristo, a Igreja.

Há alguns anos atrás, num encontro de professoras e professores - eu era o único professor - da Escola do Reino, realizado na cidade de Senhor do Bonfim (BA), compartilhei com os presentes o que pensava sobre o ensinamento às crianças, e também aos adolescentes e jovens. Comentei que as crianças (incluindo-se os adolescentes e jovens) deveriam receber todo o ensinamento das Escolas do Reino fundamentado na Bíblia. Por exemplo, na aula de **Português**, textos da Bíblia podem ser utilizados para análise e interpretação. Podem-se estudar os vários estilos literários que compõem as Escrituras como: poesia, poema, parábola, provérbio e cartas; ainda a parte gramatical, como os tipos de discurso: narração, diálogo, dissertação e descrição.

Porém, a Bíblia seria utilizada não apenas na disciplina Português, como também em outras, por exemplo:

Matemática: existe uma ciência chamada numerologia, que estuda o significado dos números, e ainda há a numerologia bíblica. As crianças, adolescentes e jovens precisam saber o significado espiritual e filosófico dos números. Isso porque a matemática, com todas as suas equações e teoremas, foi concebida a partir de princípios espirituais, que refletem em diversas outras áreas do conhecimento.

História: seriam transmitidos todos os fatos históricos fundamentando-os nas Escrituras, como o faço no capítulo deste livro sobre o Apocalipse. Os fatos históricos seriam observados do ponto de vista profético e divino.

Geografia: a geografia é a ciência que estuda a organização do espaço e as interações do Homem com o meio, nas dimensões econômicas, política, bio-natural e ideológica-cultural. No próximo volume, desta série “Compreendes o Que Lêis?”, estudaremos o Livro de Gênesis, onde observaremos, por exemplo, a origem do Sistema Solar e da Terra, a origem do Homem, formação dos continentes, surgimentos dos povos/nações e como a humanidade, com o decorrer dos Séculos, se organizou na superfície do Globo.

Línguas: Neste ponto seria muito proveitoso o estudo do hebraico e, principalmente, do grego. Pode-se ainda estudar o inglês, fazendo-se tradução de textos bíblicos e da Palavra Viva nesta língua. Além disso, por nossas traduções da Bíblia ser de um excelente nível linguístico, os alunos assimilariam um bom conhecimento da língua portuguesa.

Além destas disciplinas, pode-se extrair muito da Bíblia para ensinamentos em outras matérias, como, por exemplo: Biologia, Arqueologia, Saúde/Higiene, Educação Moral etc.

Isto tudo, porém, não perdendo de vista a inspiração divina das Escrituras e o seu caráter sobrenatural.

Deve-se, portanto, adequar cada ensinamento a uma determinada faixa etária, tendo-se como padrão o que é dito em **Deuteronômio 31:9-13**. Nesta passagem, o Senhor ordena que as Escrituras fossem lidas publicamente, para toda a nação de Israel, num período de **sete em sete anos**. Isso porque, a cada sete anos, aproximadamente, o ser humano passa por um processo de transformação e reestruturação de sua personalidade. Sendo assim, tendo recebido os ensinamentos bíblicos adequados às suas necessidades, a

personalidade da criança, do adolescente e do jovem estaria sendo formada e abalizada nas verdades bíblicas. Este processo é comentado por John Stevens numa Palavra gravada e intitulada: "**Criando Gênios**".

Se os assuntos tratados aqui - e nos volumes seguintes - forem bem compreendidos, pode-se aplicá-los como ensinamentos às crianças (a partir de uma faixa etária adequada), adolescentes e jovens. Desta forma, este livro pode ser utilizado como um excelente "manual de referência" para confecção de planos de aulas e planejamento escolar.

Embora haja este desejo de ensinar a Bíblia às crianças, aos adolescentes e aos jovens, ao escrever este livro, também, estou pensando em todo o Corpo de Cristo.

Sobre este volume

Neste livro (Compreendes o que lês? - Volume I) apresento alguns princípios de interpretação que devem ser observados quando se estiver estudando a Bíblia. Não pretendo esgotar o assunto, mas coloco alguns pontos que servirão de base para a compreensão dos textos bíblicos. No **Anexo I**, há uma relação de livros de consulta e pesquisa que são essenciais para todos aqueles que querem se aprofundar no estudo das Escrituras. Seria proveitoso que as igrejas locais criassem uma biblioteca e adquirissem estes livros, que ficariam à disposição dos irmãos, para consulta e estudo.

A razão de estudarmos aqui as Parábolas e depois o Livro de Apocalipse, é que, pelo fato de analisarmos as parábolas primeiramente, o estudante irá compreender, pela aplicação prática, a discernir o **Paralelismo Hebraico**, estilo literário largamente utilizado em toda a Bíblia. Isto facilitará o entendimento do **Apocalipse, que foi escrito tendo como base o Paralelismo**. Entretanto, se você quiser começar o estudo pelo Livro de Apocalipse não deixe de ler o Capítulo 1, pois os assuntos tratados neste capítulo serão de suma importância para a compreensão deste Livro.

Depois de ter lido todo o livro de Apocalipse, você irá compreender o porquê Deus concedeu a unção para redigi-lo justamente nestes dias de grandes mudanças que estão acontecendo na Humanidade.

O meu desejo e oração é que o Espírito Santo gere mais fome pela Palavra Viva de Deus em seu coração.

Raimundo Barreto da Silva
Rio Claro (SP), novembro de 1991
contato@raibarroto.com.br
www.raibarroto.com.br

Segunda Edição
Garanhuns (PE), Novembro de 2014

Introdução

*“Eis que um etíope, eunuco... que viera adorar em Jerusalém, estava de volta e, assentado no seu carro, vinha lendo o profeta Isaías. Então disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro, e acompanha-o. Correndo Filipe, ouviu-o ler o profeta Isaías, e perguntou: **Compreendes o que vens lendo?** Ele respondeu: Como poderei entender, se alguém não me explicar? E convidou Filipe a subir e a sentar-se junto a ele” (Atos 8:27-31).*

Existe em nossos corações muita vontade de compreender a Bíblia, pois temos a necessidade vital de entendermos a Palavra de Deus. No entanto, muitos de nós nos encontramos como o etíope da passagem citada acima, insaciáveis, pois não há quem nos ensine as Escrituras.

É compreensível que todos nós enfrentemos dificuldades para compreender a Bíblia, primeiramente porque Ela traz em si muitos *mistérios*, que são revelados por Deus em *tempo oportuno*. Fora isso, por vezes nos deparamos com outras espécies de obstáculos como, por exemplo, para compreender o aspecto cultural que envolve os textos, o seu contexto histórico, discernir a interpretação adequada para os diversos estilos literários (como os livros proféticos, os provérbios e as parábolas) e muitas vezes até para entender algumas das palavras que são encontradas em nossas traduções.

Entretanto, é do interesse e missão do Espírito Santo nos guiar em toda a Verdade. Assim como o Espírito dirigiu Filipe até a presença do etíope para poder ajudá-lo a compreender as Escrituras, ainda hoje, o mesmo Espírito, desempenha grande esforço a fim de esclarecer-nos a Bíblia. Contamos com o dom da presença do Espírito Santo, que nos foi dado para ajudar-nos a trilhar os caminhos que nos levam ao conhecimento de toda a Verdade.

Por outro lado, há um esforço que precisamos fazer para compreendermos a Bíblia: o esforço da **dedicação**. Alguém já disse que não há revelação ou entendimento da Palavra, sem que haja dedicação. Quando nos aplicarmos diligentemente a estudar a Bíblia, meditar e ouvir o Espírito do Senhor, certamente alcançaremos o pleno conhecimento da Verdade.

Em Atos 17:11, o apóstolo Paulo elogia os crentes da cidade grega de Beréia pois estes *“...receberam a palavra com toda a avidez, **examinando** as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim”*. A palavra grega traduzida por “examinando” é *anakrinō*, e significa *esquadrinhar, fazer uma pesquisa cuidadosa e exata, como nos processos legais*. O exame feito por eles não era superficial. Eles faziam sondagens cuidadosas para confirmar se era verdade aquilo que Paulo e Silas estavam ensinando, à base das Escrituras, sobre Jesus como o Messias há muito prometido.

Semelhantemente, seguindo o exemplo dos nossos antigos irmãos bereanos, é importante que nós não somente leiamos a Bíblia, mas também a estudemos - *“examinando cuidadosamente”* - de modo a entender o significado do que é dito. Fazendo assim, nós também nos tornaremos como Timóteo, pessoas aptas a *“salvar tanto a nós mesmos como aos que nos escutam”*. Se não encontramos a Verdade nas Escrituras - que é a própria Pessoa de Jesus Cristo -, não teremos firmeza de fé, nem a Vida, e ainda não poderemos ajudar outras pessoas a encontrarem a Verdade. Para acharmos a Verdade é necessária uma busca diligente na Palavra. Observe as seguintes passagens:

“Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (João 5:39).

“Medita estas coisas, e nelas sê diligente (dedicado), para que o teu progresso a todos seja manifesto. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua (persevera) nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1 Timóteo 4:15, 16).

*“Por isso vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois **todo** o que pede recebe; o que busca, encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á” (Lucas 11:9, 10).*

Leia também a passagem de **João 1:45-48**. A expressão “*debaixo da figueira*”, utilizada no texto, ilustra que Natanael era um verdadeiro israelita, um crente que meditava e buscava compreender as Escrituras, ele buscava a Vida Eterna.

Com esta motivação no coração, vamos iniciar os nossos estudos.

Capítulo 1

A Estrutura Literária da Bíblia

A palavra Bíblia vem do vocábulo grego *Biblia* (*Biblia*), e significa literalmente LIVROS. Fato curioso é que este vocábulo na língua grega, tanto pode ser **plural** neutro, como também feminino **singular**. Sendo assim, como plural neutro ele ressalta a PLURALIDADE quanto aos diversos livros das Escrituras. E como singular feminino ele evidencia maravilhosamente a UNIDADE do volume, apesar da pluralidade de livros. Explica-se assim a pluralidade na unidade. A Bíblia é ao mesmo tempo uma **BIBLIOTECA** e **UM LIVRO**.

Por esta razão, é muito importante sabermos identificar a estrutura literária na literatura bíblica. Existem vários tipos literários (os gêneros literários) que compõem a Bíblia. Há diferença real entre um salmo, de um lado, e uma epístola, do outro lado. Precisamos ler e estudar os livros poéticos como poemas, as Epístolas como cartas e assim sucessivamente. Há muita diferença literária entre o Livro de Apocalipse e os livros históricos como: 1 e 2 Samuel.

Os livros poéticos do Antigo Testamento, juntamente com a maioria dos livros proféticos e muitas passagens dos outros livros, fazem uso extensivo do **PARALELISMO HEBRAICO**¹. Este *artifício literário* é construído a partir do uso de duas linhas que as relacionam entre si de alguma forma especial. A segunda linha pode ser sinônima da primeira, caso em que é chamado “*paralelismo sinônimo*” (p. ex., Salmos 1:5; 2:3; 59:1; Isaías 44:22). Quando a segunda linha é o oposto da primeira, a parêntese de versos é chamada de “*paralelismo antitético*” (p. ex., Salmos 1:6 e 20:8). A segunda linha também pode ser o clímax da primeira, ou uma ilustração da mesma, ou completá-la de uma forma que seja mais sentida do que entendida. Este paralelismo é algumas vezes chamado de “*sintético*” (Salmos 1:2; 9:8; 27:1; 55:6).

Tendo este paralelismo de duas linhas como ferramenta, os poetas do Antigo Testamento desenvolveram três estilos literários básicos para relacionar estas partes separadas do paralelismo. Estes estilos são chamados de **Paralelismo Padrão**, **Paralelismo Invertido** e **Paralelismo em Degrau**. Estes três artifícios literários ocorrem todos em **Isaías 55:6-11**. Neste caso o paralelismo pode ser visto claramente, mesmo em uma tradução portuguesa como a ARA. Vamos destacar cada um deles.

Paralelismo Padrão

(Ex.: Isaías 55:6, 7)

- A** *Buscai* o Senhor enquanto se pode achar,
A *invocai-o* enquanto está perto.
- B** Deixe o perverso o seu *caminho*,
B o iníquo os seus *pensamentos*;
- C** *Converta-se* ao Senhor, que se compadecerá dele
C e *volte-se* para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.

Aqui o autor começa com três parênteses de paralelismo padrão. Em cada caso o tema exposto na primeira linha é repetido na segunda. Note que a segunda linha é sinônima da primeira, você pode constatar isso observando as palavras em *itálico*: *buscai / invocai-o; caminho / pensamentos; converter-se / voltar-se*.

¹ Este texto sobre o Paralelismo Hebraico e o conteúdo dos Capítulos 2 e 3 a seguir, foram extraídos do livro **A Poesia e o Camponês** (Uma análise literária-cultural das **Parábolas em Lucas**), de Kenneth Bailey - Edições Vida Nova, tradução de Adiel Almeida de Oliveira (ver **Anexo I – Bibliografia Sugerida**).

Paralelismo Invertido

(Ex.: Isaías 55:8, 9)

- A Porque os *meus pensamentos* não são os *vossos pensamentos*,
 B nem os *vossos caminhos* os *meus caminhos*, diz o Senhor.
 C Porque, assim como os céus são mais **altos** do que a terra,
 B assim são os *meus caminhos* mais **altos** do que os *vossos caminhos*,
 A e os *meus pensamentos* mais **altos** do que os *vossos pensamentos*.

Ainda estamos lidando com pares de linhas, mas o autor as colocou em ordem diferente (como se pode ver facilmente observando-se os *itálicos*). O tema de “meus pensamentos/vossos pensamentos” ocorre no começo e é repetido no fim (A). O tema de “meus caminhos/vossos caminhos” ocorre na segunda e quarta linhas (B). A ilustração/parábola dos céus e da terra ocorre no centro (C).

Observe ainda a repetição deliberada da palavra “**altos**”. A repetição dessa palavra enfatiza o tema central do poema: Iavé é Deus e habita nos altos céus, logo, seus pensamentos e caminhos são mais altos (elevados ou nobres) que os pensamentos e caminhos dos homens, daí a necessidade de sua conversão ao Senhor.

Note que continua a ser usado o paralelismo, mas neste caso é paralelismo invertido.

Paralelismo em Degrau

(Ex.: Isaías 55:10, 11)

Este caso pode ser visto melhor quando escrito como segue:

- A Porque, assim como *descem* a *chuva* e a *neve dos céus*,
 B e para lá *não tornam*, sem que primeiro reguem a terra
 C e a *fecundem* e a *façam brotar*
 D para *dar semente* ao semeador e pão ao que come,
 A assim será a *palavra* que *sair da minha boca*;
 B *não voltará* para mim vazia,
 C mas *fará o que me compraz*,
 D e *prosperará naquilo* para que a *designei*.

As quatro linhas da segunda estrofe combinam com as quatro linhas da primeira estrofe em um padrão **ABCD/ABCD**, fazendo um desenho em forma de degrau, desta forma este artifício poético pode ser chamado de paralelismo *em degrau*. Observando-se os verbos, podemos perceber que a primeira linha de cada estrofe fala de algo *saindo* e a segunda fala de algo *não voltando*. As duas últimas linhas apresentam os resultados.

Estes três artifícios estilísticos podem ser usados em várias combinações, mas os blocos básicos dessa edificação literária são os três tipos de paralelismo esboçados acima. Uma grande variedade de padrões encontra-se frequentemente no PARALELISMO INVERTIDO. Desta forma este artifício requer especial atenção.

O **PARALELISMO INVERTIDO** de Isaías 55:8, 9, examinado anteriormente, é um caso claro. Neste caso estamos tratando de parselhas de versos, e os pares de linhas se relacionam uma à outra de forma invertida. Na literatura bíblica a inversão de temas algumas vezes vai muito além de simples paralelismo. Conjuntos de parselhas de **versos, parágrafos, capítulos e até um livro todo** pode ser considerado como tendo sido composto com base em uma série de temas que são declarados e depois repetidos de forma invertida. Assim sendo, somos obrigados a ir além do paralelismo invertido, e falar do **Princípio de Inversão**. Por exemplo, na ilustração das três parselhas de versos de paralelismo padrão apresentada acima (Isaías 55:6, 7), Isaías usou o princípio de inversão. Ele começa na primeira parselha de versos com uma conclamação para buscar o Senhor. A segunda parselha diz ao ímpio o que precisa ser

abandonado (*caminho e pensamentos*). Na terceira parêntese voltamos ao tema da primeira (*converter-pensamentos e voltar-caminhos*).

Uma observação: Quando um autor bíblico usa intencionalmente a inversão de linhas paralelas, frequentemente **coloca o auge no centro** que se relaciona com o começo e o fim. Em seguida há um ponto de retorno pouco depois do centro. Às vezes há a inversão dupla.

Alguns princípios que ajudam a inspirar cautela talvez sejam oportunos agora.

- a) **As ideias que se repetem** em linhas combinadas são as ideias mais importantes da linha, e demonstram sê-lo em todo o poema. Se apenas palavras de somenos importância se combinam, então a estrutura sugerida é imaginária.
- b) A linha poética do Antigo Testamento hebraico e a sintaxe do hebraico e aramaico devem sempre estar como pano de fundo, para ajudar a determinar onde a linha poética começa e termina. Por exemplo, “ele lhe deu” costumeiramente é uma só palavra nas linguagens semíticas, e não pode ser quebrada em duas linhas.
- c) Frequentemente uma porção mais antiga de literatura apresenta para um novo leitor, alguns **comentários adicionais** ligados a ela. Estes comentários adicionais salientam-se porque quebram o padrão literário. A presença de frases adicionais como essas em algumas das estruturas literárias do Novo Testamento - como veremos no próximo capítulo ao examinarmos Lucas 6:22, 23 - introduz um jogo que qualquer número de participantes pode jogar. Marque frases suficientes como comentários adicionais, e você poderá criar qualquer padrão literário em qualquer parágrafo do Novo Testamento. Precisamos ter o maior cuidado para identificar qualquer palavra ou frase como comentário de editor posterior. A interrupção desse padrão feita pelo comentário adicional precisa estar evidente. É necessário haver uma razão clara e discernível que tenha levado alguém, em certo estágio da transmissão do material, a acrescentar um breve comentário.
- d) **Traduções mais antigas e mais formais**, como a ARC, podem ser usadas com proveito pelo não especialista. Muitas traduções recentes em português usaram de grande liberdade reordenando as palavras e frases em uma ordem apropriada para a língua portuguesa. Um bom começo pode ser com a **ARA**, mas certo conhecimento das línguas originais é essencial para um estudo preciso da estrutura de determinada passagem.
- e) Quando há uma estrutura no texto, os relacionamentos entre as linhas são **fortes e evidentes**. A sutileza é um inimigo mortal.
- f) Tem-se verificado que as inversões são inconscientemente expressas em vários escritos como cartas, memorandos de escritório e conversa casual. Neste estudo estamos procurando uma **repetição deliberada** que tem raízes no paralelismo hebraico do Antigo Testamento. **O estudante precisa procurar características especiais como o auge central que se relaciona com o começo e o fim; um ponto de retorno pouco depois do centro; indícios de inversão dupla; redundância introduzida para completar o paralelismo; e outras repetições que pareçam ser claramente deliberadas.** Quando tais características ocorrem, o estudante pode estar bem confiante de que está tratando com uma construção literária consciente, importante para a análise.

Como um reforço ao que vimos até aqui neste capítulo, vejamos mais um belo exemplo de Paralelismo em Isaías.

Cântico do Servo
(Isaías 49:5, 6)

- A** Mas agora *diz o Senhor*,
que me formou desde o ventre *para ser seu servo*,
- B** para que *torne a trazer Jacó*,
- C** porque eu *sou glorificado* perante o Senhor,
e o meu *Deus é a minha força*.
- A'** Sim, *diz ele*:
Pouco é o *seres meu servo*,
- B'** para *restaurares* as tribos de *Jacó*,
e *tornares a trazer* os remanescentes de *Israel*;
- C'** também te dei como *luz para os gentios*,
para seres a *minha salvação* até a *extremidade da terra*.

Já observamos o uso de paralelismo em degrau em Isaías. Aqui, mediante o uso de parênteses repetidas de versos, o papel característico do servo é enfatizado. Na primeira série o servo é formado do ventre (A) para restaurar Jacó/Israel (B) e é especialmente honrado por Deus, que se tornou a sua força (C). Esta série de ideias é relativamente tradicional. Mas a segunda série contém uma surpresa dramática. Pois descobrimos que é coisa sem importância ser o servo de Deus (A') tendo em vista apenas a restauração de Jacó/Israel (B'). Assim sendo, ele é dado como luz para a salvação dos gentios (C'). O claro progresso do texto esclarece o duplo papel do Servo. Ele é formado/enviado para as "ovelhas perdidas da casa de Israel". Mas isto não é suficiente em relação à grandeza do Servo. Ele é fortalecido e honrado (C) de forma que possa tornar-se a luz de salvação até os confins da terra (C'). Há uma força centrífuga de missão expressa no texto.

Capítulo 2

As Parábolas

I) O que é uma parábola?

As parábolas de Jesus são contadas para dirigir-se aos ouvintes e cativá-los, a fim de fazê-los parar e pensar acerca de suas próprias ações, forçando-os a reagir; ou levá-los a dar alguma resposta a Jesus e ao Seu ministério. Ainda elas revelam a natureza do reino de Deus e/ou indicam como um filho do reino deve ser.

II) Os tipos de parábolas.

Há pelo menos seis tipos diferentes de formato em que as parábolas de Jesus funcionam. Portanto, é essencialmente importante verificar como elas se relacionam.

1. Parábolas em um diálogo teológico.

Um exemplo deste tipo é a discussão teológica (a vida eterna) entre Jesus e o jovem rico em **Lucas 18:18-30**. O clímax da discussão ocorre quando Jesus conta a parábola do Camelo e da Agulha (vs. 25). Ela tem uma função importantíssima de formar o clímax de toda a discussão, e não pode ser isolada desta. Estão incluídas nesta classificação de parábolas aquelas que se referem aos tempos do fim, as parábolas que têm o tema da parusia ou do dia do Senhor.

2. Parábolas em um evento narrativo.

Um exemplo deste tipo de parábola é a narrada durante o banquete na casa de Simão, o fariseu, em **Lucas 7:36-50**. A parábola do Credor e seus Dois Devedores (vss. 41, 42) funciona como parte do evento narrativo. Há diálogo, mas as ações dramáticas da mulher silenciosa são o centro de toda a cena.

3. Parábola em uma coleção topical.

Em **Lucas 11:1-13** temos uma *coleção topical* (coleção de tópicos) a respeito do assunto da oração. A parábola do Amigo à Meia-Noite (**Lucas 11:5-8**) faz parte dessa coleção.

4. Parábola em um poema.

Ocasionalmente, como em **Lucas 11:9-13**, temos *um poema* cuidadosamente composto a respeito de oração. Jesus apresenta três parábolas impressionantes na estrofe central do poema. A função delas é que esse clímax é a chave para se entender todo o poema.

5. Parábola sozinha.

Em **Lucas 17:1-10** temos três tópicos em rápida sucessão, cada um dos quais contendo algum elemento parabólico.

6. Parábolas do Reino.

Este grupo de parábolas é muito grande. Estas parábolas são aquelas que expressamente dizem: “*O reino dos céus é semelhante a...*”. Esta expressão significa: “É assim com o Reino de Deus...” Este grupo de parábolas conta-nos alguma coisa acerca da natureza do Reino de Deus - Jesus apresenta-nos o Reino de Deus por meio de parábolas (cf. **Marcos 4:30**). Muitas destas parábolas se encontram em Mateus 13 e Marcos 4.

Desta forma, em todos os tipos de parábolas, a não ser na quinta (Parábolas Isoladas), elas funcionam como parte essencial de uma unidade literária maior. Em cada caso é a unidade maior (ou contexto) que precisa ser examinado para se determinar acerca do que, afinal de contas, a parábola fala.

III) Entenda as parábolas.

“E com muitas parábolas tais lhes dirigia a palavra, conforme podiam compreender” (Marcos 4:33).

O povo que tinha condições de ouvir e compreender as profundidades do que estava sendo dito em uma parábola eram os aldeões da Palestina do Século I. Nós, os ocidentais, estamos separados deles pelo tempo e pelo espaço. Dois mil anos se passaram, e culturalmente somos ocidentais, e não orientais. Então, quais os cuidados que devemos tomar para não prejudicar a compreensão das parábolas?

Devemos estar atentos às seguintes regras:

1. Sempre que possível, deve-se procurar **identificar o auditório**, e tentar entender a atitude do auditório diante do tópico discutido pela parábola. E depois, mediante uma análise daquela decisão/reacção inicial, verificar o que o texto diz para nós. É importante discernir a multiplicidade de temas existentes numa parábola sem destruir a sua unidade, e sem alegorizar os seus detalhes.

1.a - Leia várias vezes a parábola com o seu contexto;

1.b - Procure discernir **quais os símbolos** que o auditório original teria identificado imediatamente e instintivamente na parábola;

1.c - Procure determinar como os ouvintes originais teriam se identificado com a história e, portanto, quais as suas reacções.

2. Observe os aspectos culturais da parábola. As parábolas foram narradas em um ambiente de comunidades de aldeias palestinas da época de Jesus.

3. Examine cuidadosamente o texto em versões diferentes do Novo Testamento. Se possível, examine o texto original grego a fim de tirar dúvidas.

4. Observe, caso haja, a estrutura literária, como vimos no capítulo anterior.

5. Esteja atento à **repetição padronizada** de palavras e frases, e o seu significado para a interpretação do texto. Neste ponto é importante estar atento aos **verbos e adjetivos**.

Capítulo 3

Exemplos de Paralelismo nas Parábolas

Neste capítulo pretendemos aplicar os métodos vistos anteriormente a algumas parábolas encontradas no Evangelho Segundo Lucas. Com estes exemplos, a assimilação do que vimos anteriormente será mais fácil devido à sua aplicação prática. É recomendável, após a análise destas parábolas, o estudante reler os capítulos anteriores para que os princípios de interpretação sejam melhor assimilados.

Os exemplos a seguir foram extraídos do livro “A poesia e o camponês”, cuja indicação é colocada no Anexo I deste livro.

A Ovelha, a Moeda e os Dois Filhos Perdidos

(Lucas 15:1-32)

O Contexto: Lucas 15:1-3.

Nos versículos 2 e 3, Jesus é apresentado como a defender a sua associação com os pecadores: “*Este recebe pecadores e **come** com eles. Então lhes propôs Jesus esta parábola...*”. Para entendermos com exatidão o que Jesus queria transmitir nas três parábolas que se seguem, precisamos, primeiramente, compreender o significado cultural da comunhão à mesa.

A comunhão à mesa, em qualquer parte do mundo, é um assunto relativamente sério. Isto é verdade especialmente no Oriente Médio. Jeremias, um dos “pais” da igreja, diz:

*“Para entender o que Jesus estava fazendo ao comer com ‘pecadores’, é importante perceber que no Oriente, até hoje, convidar um homem para uma refeição é uma honra. É uma oferta de paz, confiança, fraternidade e perdão; em suma, **compartilhar de uma mesa significa compartilhar de vida...** Desta forma, as refeições de Jesus com os publicanos e pecadores são expressões da missão e da mensagem de Jesus (Marcos 2:17), são refeições escatológicas, celebrações antecipadas do banquete do fim dos tempos (Mateus 8:11), em que a comunidade dos santos já está sendo representada (Marcos 2:19). A inclusão de pecadores na comunidade da salvação, conseguida com a comunhão à mesa, é a expressão mais significativa da mensagem do amor redentor de Deus”.*

No Oriente, hoje em dia, como no passado, um nobre pode alimentar qualquer número de pessoas necessitadas, de nível inferior, como sinal de generosidade, mas *não* come com elas. Todavia, quando os convivas (convidados para banquete, almoço, jantar etc) são “recebidos”, a pessoa que recebe esses convivas come com eles. **A refeição é um sinal especial de aceitação.** Jesus é mostrado, no texto, empenhado em relacionamentos sociais com publicanos e pecadores. Não é de se admirar que os fariseus ficassem desconcertados.

Além de “comer com pecadores” Jesus é criticado por hospedar pecadores. A acusação “*Este recebe pecadores*” tem paralelo íntimo em Marcos 2:15s. Neste texto de Marcos, Jesus é claramente o hospedeiro do repasto. Sendo assim, a irritação dos fariseus é melhor compreendida, pois em qualquer banquete oriental pensa-se que o hóspede está trazendo honra à casa em que é recebido.

Em suma, Lucas 15:1-3 é o ambiente para as parábolas que se seguem. O assunto é o fato de Jesus ter recebido pecadores para a comunhão à mesa, como conviva ou como hospedeiro. Este assunto é de tremenda importância para Jesus e para os seus oponentes. As parábolas de 15:4-32 são uma defesa dos atos de Jesus, ao mesmo tempo em que expressam a natureza da graça de Deus para com os pecadores e rejeitados deste mundo. Voltemo-nos agora para a primeira parte desta defesa.

A Parábola da Ovelha Perdida (Lucas 15:4-7)

Examinaremos a estrutura literária da parábola, buscaremos respaldos para compreender os elementos culturais pertinentes e depois procuraremos extrair os ensinamentos que Jesus queria transmitir por meio desta.

A estrutura da parábola é a seguinte:

- A** Que homem, dentre *vós*, tendo cem ovelhas
B e tendo perdido *uma (hadh)* delas
C não deixa as *noventa e nove* no deserto
- 1** e vai atrás da *perdida*
2 até que a encontra, e tendo-a encontrado
3 coloca-a sobre os seus ombros, *jubiloso (hedhwa?)*
4 E chegando *em casa* chama *os amigos* e vizinhos
3' dizendo-lhes: *Jubilai (hedhwa)* comigo
2' porque *encontrei* a minha ovelha
1' que estava *perdida*
- A'** Eu *vos* digo que assim há mais *alegria (hedhwa)* no céu
B' sobre *um (hadh)* pecador que se arrepende
C' do que sobre *noventa e nove* justos que não necessita de arrependimento.

As correspondências semânticas entre as linhas paralelas são as seguintes:

- A** que homem dentre *vós* (dirigindo-se ao auditório)
B uma (ovelha)
C noventa e nove
- 1** a perdida
2 encontra
3 alegria
4 restauração
3' alegria
2' encontra
1' perdida
- A'** Eu *vos* digo (dirigindo-se ao auditório)
B' um (pecador)
C' noventa e nove

A estrutura desta seção tem fortes correspondências sonoras bem como semânticas. São usados paralelismo invertido e em degrau. As duas estrofes das extremidades usam paralelismos em degrau e a central, paralelismo invertido.

As correspondências semânticas entre *vós*, *um* e *noventa e nove* que ligam as estrofes I e III, não necessitam de comentários. Além das correspondências semânticas, há um notável jogo de palavras ligando essas estrofes. Alguém já notou uma paronomásia (semelhança entre palavras de línguas diferentes, que indica origem comum) nos antecedentes aramaicos desta parábola, entre “um” (*hadh*) e “alegria” (*hedhwa*). Esta correspondência sonora corre por todo o poema, e fortalece a unidade das três estrofes. **Hadh** ocorre na primeira estrofe, **hedhwa** na segunda, e ambas as palavras na terceira. Além disso, a **hedhwa (alegria)** está no centro apoteótico do poema. Assim, as duas estrofes das extremidades estão ligadas por correspondências semânticas e sonoras.

Isto nos leva a considerar a estrofe central. As parábolas de Jesus são conhecidas pela naturalidade e pelas qualidades da vida comum. Temos uma declaração longa, que é claramente construída para propiciar

a inversão de ideias que preencherão a forma paralela e o apogeu acerca da “**alegria com a restauração**” no centro da parábola.

A parábola/poema, reforçada por sua estrutura, diz ao ouvinte/leitor que o pastor se regozija duas vezes: uma vez quando encontra a ovelha (3), e uma segunda vez na comunidade, de volta à aldeia (3'). A primeira ocasião de regozijo é notável. Os pastores da Galileia superior, ainda hoje, confirmam que: “*Uma ovelha perdida ficará deitada, desamparada e recursar-se-á a mexer-se. O pastor é forçado a carregá-la por uma distância considerável*”. Surpreendentemente, este pastor se **regozija** com o fato da restauração que ainda está diante dele. Este tema é importantíssimo nesta primeira parábola, e desaparece completamente de vista na segunda. Reaparece em 15:11-32. O pastor colocou a ovelha sobre os ombros, sabendo que o trabalho duro ainda deverá ser realizado. Este tema do **fardo da restauração** é importante de notar-se. A estória não termina com o fato de encontrar a ovelha. Depois que ela é achada, ela precisa ser restaurada. Sem que o pastor leve o fardo ao ombro não há restauração. É a restauração, com o seu fardo implícito e a alegria expressa, que constituem o centro da segunda estrofe, e desta forma, o clímax de todo o poema. Este quadro nos revela o amor gracioso que procura o pecador.

Uma coisa a ser observada é a frase “*no deserto*” (Lucas 15:4). O pastor deixa o rebanho “no deserto”. Depois ele volta “para casa” com a ovelha perdida sobre os ombros. A parábola tem poucos detalhes, contudo eles são suficientes para permitir uma reconstrução. Os pastores das tribos nômades deixam as ovelhas soltas durante a noite. Porém, os camponeses, que vivem perto das terras de pastagem, recolhem as ovelhas a um aprisco do lar, no fim de cada dia. A referência à “casa” na parábola confirma que estamos lidando com pastores camponeses. Vejamos ainda um comentário que confirma o que foi dito:

*"Nunca vi na Síria, Palestina ou Mesopotâmia um rebanho apascentado por uma única pessoa. **Dois, e até três pastores geralmente são empregados.** Quando uma ovelha se perde e o pastor vai procurá-la, os outros pastores levam o rebanho para casa. Ao chegar, os vizinhos imediatamente notam a ausência do pastor, ou serão disso informados, pois além da possibilidade da perda do animal, muitas vezes a questão é a segurança do homem. Se ele encontra um animal feroz, um pastor sozinho, tendo apenas a sua funda e o seu cajado, está em uma situação difícil. Portanto, o fato de se achar e levar para casa a ovelha perdida é motivo de muita ação de graças na comunidade".*

O pastor se regozija em comunidade. Como notamos acima, esta alegria em comunidade é provavelmente devida a dois fatores. Primeiro, a comunidade se alegra ao ouvir que o pastor está a salvo. Segundo, provavelmente o rebanho pertence a esses mesmos amigos e vizinhos. Faz-se convite aos amigos e vizinhos da vila, que estavam preocupados como que provavelmente seria uma perda comunitária. A ovelha perdida é um prejuízo comunitário. A ovelha recuperada é ocasião para alegria em toda a vizinhança. Da mesma forma, o pecador está perdido para a comunidade, e é natural esperar alegria comunitária com a sua recuperação, e não “murmuração” como a dos fariseus e escribas em 15:2.

Na conclusão da parábola, registra-se a alegria por “um pecador que **se arrepende**”. Aqui “ser encontrado” é sinônimo de “arrepender-se”. Assim, a parábola da Ovelha Perdida estabelece uma compreensão radicalmente nova da natureza do arrependimento.

Parábola da Moeda Perdida (Lucas 15:8-10)

As parábolas da Ovelha Perdida e da Moeda Perdida podem ser consideradas como uma **parábola dupla**. A Moeda Perdida tem uma estrutura literária que é mais simples e menos precisa do que a da Ovelha Perdida. Os detalhes culturais são genuínos. O tema do fardo da restauração encontra-se ausente. Esta segunda metade da parábola reforça os temas indicados na primeira metade; entretanto, há algum progresso.

Mais uma vez precisamos analisar a estrutura desta parte da parábola. A Moeda Perdida exhibe o seguinte padrão:

Ou que mulher, tendo dez moedas de prata,

- A** se *perder* uma moeda
B não acende uma lâmpada e varre a casa
e procura diligentemente até a *encontrar, e encontrando-a*,
C reúne as suas amigas e vizinhas, dizendo:
“*Alegrai-vos comigo,*
B’ pois *encontrei* a moeda
A que havia *perdido*”.

Tem sido observado frequentemente que a moeda pode fazer parte das joias ou do dote da mulher. Todavia, precisa ser feita uma distinção entre o beduíno e o aldeão. As mulheres beduínas usam o seu dote na forma de moedas, dependuradas em seus véus; as mulheres aldeãs não têm o mesmo costume. É mais provável que a moeda fazia parte de um colar pois, de fato, as aldeãs usam moedas em colares. Obviamente a beleza do colar como um todo é destruído quando se perde uma moeda. Mais uma vez, a perda representa mais do que o valor de uma única moeda.

O centro desta parábola enfatiza a **alegria** pelo fato de se encontrar o que se havia perdido.

A Parábola dos Dois Filhos (15:11-32)

Aqui também temos uma **parábola dupla**, e cada metade tem a sua estrutura própria. O versículo de número 11 diz assim: “*Certo homem tinha dois filhos...*”. Por vezes tem se enfatizado muito a parábola do primeiro filho, o pródigo, mas, é importante analisar o contraste que Jesus faz dos dois filhos (o mais moço e o mais velho).

Esboçaremos a estrutura das duas partes da parábola, indicando apenas os versículos, e faremos alguns poucos comentários. Acompanhe o texto em sua Bíblia.

A Parábola do Filho Pródigo - Mais Moço (Lucas 15:11-24)

vss.

- | | | |
|---------|----|--|
| (12) | 1 | Um filho é perdido - “Dá-me a parte que me cabe” |
| (13) | 2 | Bens gastos com uma vida extravagante |
| (14) | 3 | Tudo perdido - “gastou tudo... começou a passar necessidades” |
| (15) | 4 | O grande pecado - “alimentar porcos para gentios” |
| (16) | 5 | Total rejeição - “ninguém lhe dava nada” |
| (17) | 6 | Mudança de mente - “caiu em si... aqui pereço” |
| (18,19) | 6’ | Arrependimento - “levantar-me-ei...
faze de mim um escravo ... (eu restituirei)” |
| (20) | 5’ | Total aceitação - “seu pai corre e beija-o” |
| (21) | 4’ | A motivação do arrependimento: “Não sou mais digno de ser chamado teu filho. Quero trabalhar para me sustentar”. |
| (22) | 3’ | Tudo ganho - uma roupa, um anel e sapatos (restauração da filiação) |
| (23) | 2’ | Bens usados em alegre celebração. Um novilho é morto e comido em alegria comunitária. |
| (24) | 1’ | Um filho é achado - “Meu filho estava morto e está vivo, estava perdido e foi achado”. |

Houve mais regozijo, em comunidade.

O Filho Mais Velho (Lucas 15:25-32)

vss.		
(25,26)	1	O filho mais velho estava no campo e veio...
(27)	2	Teu irmão, ileso. Fizeram uma festa.
(28)	3	Teu pai o recebeu, salvo (obs: indignação, não queria entrar)
(29)	4	Queixa1 - como me trata... (... te sirvo, jamais transgredi).
(30)	4'	Queixa2 - como trata ele...
(31)	3'	O pai tenta reconciliar.
(32)	2'	Teu irmão, ileso. Fizemos uma festa. Fique Alegre conosco.
	1'	Qual foi o final???????? (Faltando) ...

Observe que estes dois filhos tiveram uma atitude errada. Os dois “pecaram” contra o pai. Quanto ao filho mais moço, fica evidente o seu pecado, mas vejamos qual foi a transgressão do mais velho.

É difícil encontrar na história da literatura um homem que se condene tão completamente com suas próprias palavras como este filho mais velho. O filho mais jovem ficara atordoado ao ver o preço pago pelo pai para demonstrar publicamente amor inesperado, quando este corre, abraça-o e beija-o. Resultado disso uma significativa mudança em toda a sua atitude, pois já não queria trabalhar para pagar sua dívida (como um trabalhador assalariado, segundo o original grego no verso 19), aceitou a graça do perdão. O filho mais velho, com a sua insolência (por humilhar o seu pai publicamente, discutindo enquanto os hóspedes ainda estão em casa), estava convidando severa punição. O pai, porém, mostra-se conciliador. É apenas razoável esperar que esta demonstração de amor inesperado tenha efeito semelhantemente notável sobre o filho mais velho. Infelizmente isto não acontece.

Qual será, então, a sua reação? Em vez de uma confissão, acontece uma dupla queixa.

1. O filho mais velho se dirige ao pai sem usar títulos. Os títulos (como: pai) são usados em todo o decorrer da estória, em discurso direto, até este ponto. Este filho fala: “Há tantos anos eu *TE* sirvo...”
2. O filho mais velho demonstra a atitude e o espírito de um escravo, e não de um filho. Literalmente ele diz: “Eu me *escravizei* por ti...” A sua atitude mostra claramente: “Eu trabalhei, onde está o meu?” Ele expressa a atmosfera de uma disputa salarial.
3. Ele acabava de insultar seu pai publicamente, e não obstante é capaz de dizer: “Nunca desobedeci as tuas ordens”. *Este é o espírito dos fariseus, pelo qual ele (o filho mais velho) entra nas fileiras dos “noventa e nove que não necessitam de arrependimento;” assim, mesmo que ele nunca tivesse desobedecido as ordens de seu pai, com este ato ele havia quebrado o mandamento do amor.*

A diferença entre ele e seu irmão mais novo era que o mais novo estaria distanciado e rebelde enquanto ausente da casa, mas o mais velho estava distanciado e rebelde em seu coração, enquanto estava na casa. O distanciamento e a rebeldia do filho mais jovem tornaram-se evidentes pelo fato de ele se ter rendido às suas paixões, e pelo seu pedido de abandonar a casa do pai. **O distanciamento e rebeldia do filho mais velho tornaram-se evidente em sua ira e em sua recusa de entrar em casa.**

Deve-se lamentar que “a cortina” se fechou sobre este drama estando o filho mais velho ainda fora de casa! Será que o pai conseguiu convencê-lo? Ou o filho mais velho continuou do lado de fora, até o fim? **Os fariseus precisavam dar a sua resposta a esta pergunta, implícita na parábola.**

O auditório (fariseus e escribas) é encorajado a se considerar presente ali na pessoa do filho mais velho, murmurando contra o “pecador” sentado à mesa do banquete oferecido pelo pai, ao que estava perdido.

A Parábola/Poema Acerca das Dádivas de um Pai (Lucas 11:9-13)

Esta parábola é composta de três comparações inesquecíveis. Ela apresenta-se na forma de **duas estrofes de poesia** da Forma III (paralelismo em degrau) e **uma estrofe de parábola** da Forma I (paralelismo padrão). É uma construção mista de parábola/poema. Provavelmente o poema é endereçado aos adversários do evangelho, e afirma que um Pai Celestial dá boas dádivas a *todos* os Seus filhos. Vamos examinar a estrutura literária desta passagem:

Por isso vos digo:

- | | |
|----|--|
| 1 | <i>pedi</i> , e dar-se-vos-á |
| 2 | <i>buscai</i> , e achareis |
| 3 | <i>batei</i> , e abrir-se-vos-á. |
| 1' | Pois todo o que <i>pede</i> recebe |
| 2' | o que <i>busca</i> encontra |
| 3' | e a quem <i>bate</i> , abrir-se-lhe-á. |

Qual dentre vós é o pai que,

- | | |
|----|--|
| A | se o filho lhe <i>pedir</i> pão, |
| A' | lhe <i>dará</i> uma pedra? |
| B | ou se <i>pedir</i> um peixe, |
| B' | lhe <i>dará</i> em lugar de peixe uma cobra? |
| C | Ou, se lhe <i>pedir</i> um ovo, |
| C' | lhe <i>dará</i> um escorpião? |

Ora, se vós,

- | | |
|----|--------------------------------|
| 4 | sendo maus |
| 5 | sabeis <i>dar</i> boas dádivas |
| 6 | aos vossos filhos, |
| 4' | quanto mais o Pai celestial |
| 5' | dará o Espírito Santo |
| 6' | àqueles que lho pedirem? |

A primeira estrofe é um claro exemplo de paralelismo em degrau. O padrão é: pedir, buscar, bater - pedir, buscar, bater. Os verbos no presente do imperativo dão a entender **ação contínua**, e podem ser traduzidos como “*continuai pedindo, buscando, batendo*”. A ênfase em “todo aquele”, pode ser entendida como apelo aos réprobos; até eles receberão, se pedirem. Pode ser também considerada como defesa da universalidade do evangelho, Jesus podia estar dizendo aos fariseus: “Todo aquele que pedir receberá, mesmo os pecadores, e não apenas os chamados justos”.

Quanto à segunda estrofe, alguém já comentou que: “*Pão, peixe e ovo são a comida comum de um homem comum... Uma pedra redonda se parece com um pão redondo (Lucas 4:3), e há pequena diferença exterior entre a serpente do mar que é uma espécie de peixe, e uma serpente da terra, que é uma cobra comum... e o escorpião quando enrolado se parece com um ovo*”.

As três imagens, portanto, são breves paralelismos antitéticos. Cada uma das parênteses de versos tem a mesma mensagem. **Infalivelmente o filho receberá dádivas de seu pai, e estas serão boas.**

A terceira estrofe é também um exemplo cuidadosamente elaborado de paralelismo em degrau. O tema se centraliza na qualidade das dádivas. A pessoa que pede a Deus pode ficar certa de receber dádivas ainda melhores do que as que um pai dá a seu filho.

Quanto ao auditório a quem foi dirigido este poema, pode-se observar que a parábola foi dirigida aos discípulos, e o poema para os adversários do evangelho (observe a expressão: “*vós, sendo maus*”).

Os Servos Que Esperam (Lucas 12:35-38)

Observaremos, apenas, a forma literária dessa passagem e o uso das suas figuras ou imagens. A forma é a seguinte:

- | | | |
|---|------------------------------------|---|
| A | 1
1' | Que a vossa cintura esteja cingida,
e a vossa lâmpada queimando. |
| B | 2
3
3'
2' | E sede como homens que estão esperando
que o seu senhor volte das bodas
de forma que quando ele venha e bata
imediatamente possam abrir-lhe. |
| C | 4
5
6
7
6'
5'
4' | Benditos são esses servos
a quem, vindo o senhor, encontre acordados.
Em verdade vos digo, que ele se cingirá,
e os fará reclinarem-se à mesa
e virá e os servirá.
Se (na segunda ou terceira vigília) ele vier e assim os encontrar
benditos são esses servos. |

Neste caso a forma literária é edificada sobre um uso bem sofisticado do fenômeno do paralelismo em grupos. Se todas as repetições forem ignoradas, os sete movimentos da parábola poderão ser identificados com facilidade. Eles são os seguintes:

1. Os servos se preparam para servir o senhor.
2. Os servos esperam para servir o senhor.
3. A volta do senhor é esperada.
4. Os servos são benditos por sua vigilância.
5. O senhor vem.
6. O senhor se prepara e serve os servos.
7. Os servos se reclinam (à mesa) para serem servidos.

Todavia, as palavras extras não são redundantes, mas fazem parte da forma literária.

O paralelismo em grupos é como se o poeta deliberadamente abrisse ao meio uma copla ou parêntese de versos, e inserisse vários materiais entre a metade inicial e a final da unidade, para formar uma estrofe. Um caso claro desta ocorrência encontra-se nas Beatitudes Lucanas (**Lucas 6:20-26**). Ali - acompanhe em sua Bíblia -, uma série bem precisa de quatro coplas é formada com as palavras chaves “bem-aventurados” e “pois”. Como aqui:

Bem-aventurados os pobres,
pois deles é o reino de Deus.

O texto tem três parênteses de versos estruturados desta forma. Mas a quarta série tem algum **material extra** inserido entre a primeira e a segunda linha da parêntese. Isso acontece da seguinte forma:

Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem,
(e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu);
pois dessa forma procederam seus pais com os profetas.

A parêlha de versos está intacta. No entanto, material extra foi acrescentado no meio. Ao mesmo tempo, este material extra no centro está em ordem de acordo com um padrão exato. Há três negativas combinadas com três positivas, e uma referência ao Filho do Homem no centro. Isto pode ser visto se mostrarmos da seguinte maneira:

Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem,
e quando vos expulsarem da sua companhia,
vos injuriarem
e rejeitarem o vosso nome como indigno,
por causa do *Filho do Homem*.
Regozijai-vos naquele dia
e exultai,
porque grande é o vosso galardão no céu;
pois dessa forma procederam seus pais com os profetas.

Assim, este texto é um exemplo do fenômeno do paralelismo em grupos. Um paralelismo em duas linhas foi aberto ao meio e, neste caso, sete linhas foram acrescentadas no meio. Estas sete linhas têm uma forma literária característica, com um clímax no meio. Desta forma, o texto maior tem quatro parêlhas de versos, e o quarto é aberto ao meio para perfazer uma estrofe.

Capítulo 4

Compreendendo o Livro de Apocalipse

Quando nos voltamos ao Livro de Apocalipse depois de ler o restante do Novo Testamento, sentimos que estamos entrando num país estrangeiro. Ao invés de narrativas e cartas que contêm declarações claras de fatos e de imperativos, chegamos a um livro cheio de anjos, trombetas, terremotos, bestas, dragões e abismos sem fundo.

As dificuldades para a compreensão são intrínsecas. Quando chegamos ao Livro para escutar a Palavra, a maioria de nós dificilmente sabe o que fazer dele. O autor às vezes fala de modo direto: “*Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus*” (1:9). Escreve para sete igrejas conhecidas em cidades conhecidas com condições reconhecidamente do Século I.

Ao mesmo tempo, no entanto, há um **simbolismo rico e diverso**. A maioria dos problemas tem sua origem nos símbolos, além do fato de que o Livro trata dos eventos futuros, mas ao mesmo tempo o contexto é reconhecidamente do Século I.

Não pretendemos ter a capacidade de solucionar todas as dificuldades que envolvem o Apocalipse. Antes, apresentaremos alguns princípios de interpretação e comentários para a compreensão do Livro de Apocalipse.

Assim como acontece com a maioria dos demais gêneros bíblicos, a primeira chave à compreensão do Apocalipse é examinar o *tipo* de literatura que é. Neste caso, no entanto, enfrentamos um tipo diferente de problema, porque o Apocalipse é uma combinação sem igual, finamente harmonizada, de três tipos literários distintos: **o apocalíptico, a profecia e a carta**. Além disto, o tipo básico, o apocalipse, é uma forma literária que não estamos muito acostumados.

A seguir apresentaremos alguns pontos que devemos sempre ter em mente ao estudar o Livro de Apocalipse (e que servem, também, para a interpretação das literaturas proféticas).

1. Há um princípio de interpretação que diz: “**Bíblia se explica com Bíblia**”. Isto quer dizer que a própria Bíblia traz em si as chaves que destrancam as portas, que nos leva à compreensão de todos os mistérios nela contido. Se você não compreende o significado de uma passagem isolada, deve buscar a base para sua compreensão em outros textos bíblicos. Sempre procure outras passagens que venham a fundamentar aquilo que você está lendo e tendo como verdade.
2. Quanto ao Livro de Apocalipse, é importante que ao lê-lo, tenhamos uma compreensão básica de outros livros da Bíblia. Pois, a raiz mestre da apocalíptica é a literatura profética veterotestamentária, especialmente conforme é achada em **Ezequiel, Daniel, Zacarias**, e partes de **Isaías**.
3. Diferentemente da maioria dos livros proféticos, os apocalipses são obras literárias desde o início. Tem uma estrutura e forma escrita. Portanto, os diferentes **estilos literários** analisados nos capítulos anteriores devem ser observados. A interpretação “poética” é um método legítimo de estudar o Apocalipse, e certamente um método recompensador.
4. Mais frequentemente, a “matéria” da apocalíptica é apresentada na forma de visões e sonhos, e sua linguagem é enigmática (com sentidos ocultos) e simbólicos. Portanto, para sua compreensão, é importante a **identificação de cada símbolo apresentado**. E, mais uma vez, é importante que estes símbolos identificados tenham sua correspondência de significado nas outras literaturas bíblicas. Leia as literaturas proféticas e catalogue todos os símbolos e seus significados que são apresentados, como por exemplo: dragão, besta, chifres, gafanhotos, espada, cavalo, mulher, babilônia etc.

5. Um ponto importante em toda a literatura profética é que os profetas falavam e escreviam (como João ao escrever o Livro de Apocalipse - cf. 1:19) daquilo que **viam** e/ou **ouviam**. Uma visão, por exemplo, de uma cena *futura*, e conseqüentemente, *distante*, pode ser comparada a uma pessoa que aprecia uma paisagem montanhosa, onde é difícil precisar a distância que existe entre uma montanha (ou paisagem) e outra. Aquela paisagem (visão) que parece estar perto, na realidade está longe. Um outro aspecto é que as “paisagens” distantes, não são descritas com precisão de detalhes. Porém, quanto mais perto se está da “paisagem” (visão), os detalhes e seus significados ficam mais nítidos. Quanto mais perto estivermos para o cumprimento daquelas profecias e à Luz da revelação do Espírito, maior será a nossa compreensão do que realmente a “visão” significa.
6. Porque são literárias, a maioria dos apocalipses são muito formalmente estilizados. Há uma forte tendência para **dividir o tempo e os eventos em pacotes arrumados**. Há, além disto, grande estima pelo uso simbólico dos números. Como conseqüência, o produto final usualmente tem as visões em conjuntos cuidadosamente dispostos, frequentemente numerados. Não raras vezes, quando estes conjuntos são ajuntados, expressam alguma coisa sem necessariamente procurar sugerir que cada quadro separado segue imediatamente após o anterior.

É importante está-se observando cada item exposto acima ao ler-se o Livro de Apocalipse. Ainda existe um detalhe a respeito deste Livro que deve ser observado de início, que é o fato de ter sido ordenado a João: “*Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo*” (22:10). Ainda observe a seguinte passagem: “*Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas*” (1:19). No Livro de Apocalipse, João escreveu profecias acerca do que já estava acontecendo em seus dias (*as coisas que são - PRESENTE*), e coisas que ainda iriam acontecer *depois destas - FUTURO*.

Depois de tudo o que foi dito, então, perguntamos: *Qual o princípio ou método de interpretação do Livro de Apocalipse? Como este Livro está estruturado?* Sem dúvida, deve haver algum princípio de interpretação do mesmo e, certamente, este está “escondido” nas Escrituras.

A seguir mostraremos dois princípios para se compreender como foi estruturado o Livro de Apocalipse, inclusive, iremos identificar a sua estrutura literária.

Primeiramente, leia **Gênesis 41:25-32**. Nesta passagem é dito que Faraó teve um **SONHO DÚPLICE** ou que foi duplicado, “*porque a coisa é estabelecida por Deus, e Deus se apressa a fazê-la*” (vs. 32). Deus deu dois sonhos a Faraó, e estes sonhos se referiam ao mesmo acontecimento, eram “*apenas um*” (cf. vss. 25, 26).

Parte do Livro de Apocalipse foi escrito da mesma maneira, sendo composto de uma **versão dúplice das mesmas visões**. (Observe as duas páginas seguintes).

O outro princípio, para compreender parte do que está escrito no Livro de Apocalipse, se encontra em **Josué 6:1-5, 15**. Nesta passagem observamos que “*no sétimo dia, devia-se dar sete voltas ao redor da muralha*”, ou seja, **SETE NO SÉTIMO**. Em Apocalipse observamos que, semelhantemente, quando da abertura do “*sétimo selo*”, pelo Cordeiro, foram liberados os sete últimos julgamentos “*pelo soar de sete trombetas*”, tocadas por **sete anjos**.

Ainda observamos uma série de **sete cenas** consecutivas, onde há atuação de um anjo em cada cena. Na sétima cena, porém, observamos a atuação de **sete anjos**, que têm “os sete últimos flagelos”.

Baseando-se nestes dois princípios, dos Livros de Gênesis e de Josué, concluímos que os acontecimentos liberados pelo soar das **sete trombetas** são continuação dos acontecimentos provenientes da abertura dos **sete selos**, (sete no sétimo), ou a segunda parte da narrativa (FUTURO).

Ainda observamos que no Livro de Apocalipse há um deliberado uso do princípio literário de **PARALELISMO EM DEGRAU**, ou uma *dupla narração de um mesmo fato* (visão duplicada) - **visões são narradas e depois repetidas de forma paralela**.

Uma observação importante: na primeira narrativa (PRESENTE), quando se lê as passagens paralelas, nota-se que não há repetição de ideias ou palavras, isso porque os fatos relacionados a estas passagens são **complementares** (paralelismo sintético). Já na segunda narrativa (FUTURO), o leitor poderá claramente observar a repetição de ideias e palavras, isso porque os fatos relacionados às passagens paralelas são **sinônimos** (paralelismo sinônimo).

Veremos ainda que o Livro de Apocalipse é dividido como segue:

1. **História da Igreja:** A Igreja é o personagem central da História. Tudo o que acontece no mundo tem como personagem principal, a Igreja. Daí a atenção que é dada à Igreja nesta primeira parte do relato de Apocalipse. Nesta parte observamos como a Igreja influencia a História da Humanidade.

2. Os **sete selos** e as sete cenas com anjos (**sete atuações de anjos**), paralelamente, constituem a narrativa da primeira parte da visão e referem-se à **História da Humanidade** no **PRESENTE** (“as coisas que são”).

3. Depois da abertura dos sete selos, segue-se a narrativa da segunda parte da visão (“as coisas que **hã**o de ser”), com os “**sete últimos flagelos**” (15:1). Os textos referentes às **sete trombetas** e os **sete últimos flagelos** falam da **História da Humanidade** no **FUTURO**, e devem ser lidos paralelamente.

Sendo assim, veja como fica o **Esboço do Livro de Apocalipse**:

- (1:1-3) - Introdução Geral.
 (1:4-20) - Introdução às cartas e cenas introdutórias.
 (2:1-3:22) - Mensagem do Senhor às sete igrejas.
 Cada igreja tipifica uma etapa (dispensação) da **História da Igreja**.
 Éfeso - A Igreja Apostólica (séc I)
 Esmirra - A Igreja Perseguida (séc II-III)
 Pérgamo - A Igreja sob favor imperial (312 a 500 d.C.)
 Tiatira - A Igreja da **Idade das Trevas** (500 a 1500 d.C.)
 Sardes - A Igreja da **Reforma** e da **Renascença** (1517 d.C. ao Século XVIII)
 Filadélfia - A Igreja das missões (séc XIX até início do séc XX)
 Laodicéia - A Igreja do tempo do fim (meados do Século XX ...)
 (4:1-5:14) - Preparação do “palco” para apresentação do drama que se segue:

História da Humanidade

Versão UM (6:1 a 11:19)

(6:1 a 7:17)

- (6:1, 2) 1º selo
 (6:3, 4) 2º selo
 (6:5, 6) 3º selo
 (6:7, 8) 4º selo
 (6:9-11) 5º selo
 (6:12 a 7:17) 6º selo

PRESENTE

Versão DOIS (14:6 a 16:21)

(14:6-20)

- 1º anjo (14:6, 7)
 2º anjo (14:8)
 3º anjo (14:9-13)
 4º anjo (14:14-16)
 5º anjo (14:17)
 6º anjo (14:18-20)

“Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora” (vs. 8:1) - Preparação para entrar em outra cena. Aqui se deve ler a passagem de **12:1-14:5**.

- (12:1-6) - A mulher e o dragão.
 (12:7-12) - Anjos pelejam no céu contra o dragão. A vitória de Cristo e do seu povo.
 (12:13-18) - O dragão persegue a mulher.
 (13:1-10) - A besta que emerge do mar.
 (13:11-18) - A besta que emerge da terra.
 (14:1-5) - O cordeiro e seus remidos. Tendo nas frentes escrito o seu nome e o no me do Pai.
 (8:1-6) 7º selo 7 anjos (15:1-8)

“Então os **sete anjos** que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar” (vs. **8:6**). Na abertura do sétimo selo, os **sete anjos** preparam-se para tocar as **sete trombetas**.

“... **ninguém podia penetrar no santuário**, enquanto não se cumprisse os sete flagelos dos sete anjos. Ouvi, vinda do santuário, uma grande voz, dizendo aos **sete anjos**: **Ide, e derramai pela terra as sete taças da cólera de Deus**” (15:8; 16:1). Aqui começa a atuação dos **sete anjos** que liberam os **sete últimos flagelos**, pelo soar de **sete trombetas**.

Versão UM (6:1 a 11:19)

Versão DOIS (14:6 a 16:21)

CONTINUAÇÃO

(8:7 a 11:19)

(16:1-21)

(8:7)	1ª trombeta		1º flagelo	(16:1, 2)
(8:8, 9)	2ª trombeta		2º flagelo	(16:3)
(8:10, 11)	3ª trombeta		3º flagelo	(16:4-7)
(8:12, 13)	4ª trombeta	<u>FUTURO</u>	4º flagelo	(16:8, 9)
(9:1-12)	5ª trombeta		5º flagelo	(16:10, 11)
(9:13-11:14)	6ª trombeta		6º flagelo	(16:12-16)
(11:15-19)	7ª trombeta		7º flagelo	(16:17-21)

Os dois últimos versículos desta narração dizem assim:

*“Abriu-se, então o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e **grande saraivada**” (11:19)².*

*“... também desabou do céu sobre os homens **grande saraivada**, com pedras que pesavam cerca de um talento; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande” (16:21).*

Neste ponto se devem ler os **Capítulos 17 a 22**, que é uma passagem complementar aos acontecimentos vistos na 7ª trombeta. Nestes capítulos temos uma narrativa mais detalhada dos acontecimentos que envolvem o último Ai, e os que seguem a esse.

(17:1-18)	- Destruição da grande meretriz.
(18:1-24)	- Queda da Babilônia.
(19:1-10)	- Bodas do Cordeiro. Júbilo, <u>Alegria</u> no céu.
(19:11-21)	- Prisão da besta e do falso profeta.
(20:1-6)	- Prisão de Satanás por mil anos.
	- Primeira ressurreição.
	- Os justos reinam por 1.000 anos (Milênio).
(20:7-10)	- Libertação condicional de Satanás.
	- Derrota definitiva sobre Satanás.
(20:11-15)	- Segunda Ressurreição.
	- O juízo final.
(21:1-8)	- O novo céu e a nova terra.
	“Tudo está feito”.
(21:9-27)	- A nova Jerusalém, que desce do céu.
(22:1-21)	- Reinaremos pelos séculos dos séculos (vs. 5) ...

² Observe que o versículo 11:19 é continuação do 15:8. Se fôssemos seguir a ordem normal dos versículos, como se encontram no Livro de Apocalipse, leríamos primeiramente 11:19 e depois 15:8. Desta maneira os fatos não fariam sentido, observe: “Abriu-se, então o santuário de Deus...”; e depois leríamos: “... ninguém podia penetrar no santuário”. Entretanto, seguindo-se o princípio de paralelismo, observamos que a passagem de 11:19 é posterior a 15:8. Dessa maneira os versículos têm sentido: “... ninguém poderia penetrar no santuário, enquanto não se cumprisse os sete flagelos dos sete anjos” (15:8). Depois que os flagelos se cumprem não se houve falar do santuário, seguindo-se a ordem normal dos acontecimentos. Mas, se lermos 11:19 em seguida, poderemos compreender: “Abriu-se, então o santuário de Deus...”.

Para identificarmos o sofisticado Paralelismo que foi utilizado na construção do Livro de Apocalipse, observe o esboço abaixo:

Paralelismo Invertido na História da Igreja

Introdução Geral (1:1-3)
 Introdução às cartas aos anjos das sete igrejas e cenas introdutórias (1:4-20)
 Éfeso (2:1-7) - A Igreja Apostólica
 Esmirra (2:8-11) - A Igreja Perseguida
 Pérgamo (2:12-17) - A Igreja sob favor imperial
 Tiatira (2:18-29) - A Igreja da Idade das Trevas
 Sardes (3:1-6) - A Igreja da Reforma e da Renascença
 Filadélfia (3:7-13) - A Igreja das missões
 Laodicéia (3:14-22) - A Igreja dos tempos modernos...

O padrão de *paralelismo invertido* é claro aqui. Observe que houve um declínio de glória e vida na Igreja até o “clímax”, a **Igreja da Idade das Trevas**. Em seguida a este período, segue-se um ponto de retorno com a **Igreja da Reforma**. Pouco a pouco a glória e a vida tem sido restaurada à Igreja, que não deixa de ter seus “poréns”.

Paralelismo em Degraus na História da Humanidade

(4:1 a 5:14) - Preparação do “palco” para apresentação do drama que se segue.

1º selo (6:1,2)

2º selo (6:3, 4)

3º selo (6:5,6)

4º selo (6:7, 8)

5º selo (6:9-11)

6º selo (6:12-7:17)

12:1 a 14:5

7º selo (8:1-6)

1ª trombeta (8:7)

2ª trombeta (8:8, 9)

3ª trombeta (8:10, 11)

4ª trombeta (8:12, 13)

5ª trombeta (9:1-12)

6ª trombeta (9:13 a 11:14)

7ª trombeta (11:15-19)

1º anjo (14:6, 7)

2º anjo (14:8)

3º anjo (14:9-13)

4º anjo (14:14-16)

5º anjo (14:17)

6º anjo (14:18-20)

7 anjos (15:1-8)

1º flagelo (16:1, 2)

2º flagelo (16:3)

3º flagelo (16:4-7)

4º flagelo (16:8, 9)

5º flagelo (16:10, 11)

6º flagelo (16:12-16)

7º flagelo (16:17-21)

Caps. 17 a 22

I) A História da Igreja (Apocalipse 2:1 a 3:22).

É muito importante que tenhamos, pelo menos, uma noção elementar da História da Igreja, que está diretamente relacionada com a história bíblica. Apresentaremos um breve esboço de suas partes essenciais, seus principais eventos e personalidades. No Anexo I deste livro citamos dois livros: “Manual Bíblico” e “História da Igreja Cristã”, que contêm material sobre o que ora tratamos. Utilizamos trechos do material contido nas páginas 670 a 714, sob o título “História da Igreja”, do Manual Bíblico, nesta parte do livro. Seria bastante proveitoso o estudante ler o Manual, pois este fornece outras informações importantes.

As sete igrejas, mencionadas na passagem de Apocalipse 2:1 a 3:22, são conhecidas, em cidades conhecidas da Ásia Menor e com condições reconhecidas do Século I. Observando-se a localização geográfica destas cidades, em um mapa, na ordem em que as igrejas são citadas no décimo primeiro versículo, descobriremos que o desenho formado é de um "círculo" - o **círculo perfeito da Igreja**. Sendo assim, cada igreja, embora tenha realmente existido, e devamos levar em consideração sua realidade para compreendermos o significado de cada carta, representa um período (dispensação) distinto da História da Igreja de Jesus Cristo.



O mapa acima mostra a localização das Sete Igrejas da Ásia. Note que a localização geográfica das igrejas (cidades) forma um círculo. Observe, ainda, a localização da **Ilha de Patmos**, aonde João encontrava-se exilado e recebeu do Senhor as visões do Livro de Apocalipse: “Eu, João, que também sou vosso irmão, e companheiro na aflição, e no reino, e paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo”. **Apocalipse 1:9**.

Ao estudarmos o significado do conteúdo de cada carta, procuraremos compreender o contexto referente a cada igreja/cidade e depois procuraremos relacionar os fatos concretos com o seu significado profético para a Igreja, em seus vários períodos dispensacionais. Quando referir-nos às igrejas da Ásia, usaremos a palavra igreja, com “i” minúsculo; ao fazer alusão aos períodos da História da Igreja, usaremos a letra “I” maiúscula, significando a Igreja como um todo.

A História Universal é comumente dividida em três períodos:

Antiga: Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma.

Medieval: Com o Império Romano, que se estende até a queda deste Império no Século XV.

Moderna: Do Século XV aos tempos atuais.

A História da Igreja é comumente dividida em três períodos:

Período do Império Romano: Grande evangelismo e crescimento; perseguições; mártires; pais da Igreja; controvérsias; cristianização do Império Romano.

Período Medieval: Crescimento e poderio do Papado; a Inquisição; monasticismo; maometismo e as Cruzadas.

Período Moderno: Reforma Protestante; grande expansão das igrejas Protestantes; larga circulação da Bíblia aberta; os governos civis libertam-se, progressivamente, da ingerência da Igreja Romana e do Clero; missões mundiais; reforma social e fraternidade crescente.

Relacionando os períodos da **História da Igreja** com as sete cartas do Livro de Apocalipse observa-se que elas estão enquadradas no seguinte contexto:

Período do Império Romano

Éfeso (séc. I)
Esmirra (séc. II-III)
Pérgamo (312 a 500 d.C.)

Período Medieval

Tiatira (500 a 1500 d.C.)

Período Moderno

Sardes (1517 d.C. ao Século XVIII)
Filadélfia (séc XIX, início séc XX)
Laodicéia (meado do séc. XX...)

Cada carta se endereça ao anjo da igreja e começa com uma descrição de Cristo tirada da visão introdutória, tendo os pormenores que se mencionam especial relevância à igreja sob consideração (cf. 2:1 // 1:16a,13a; 2:8 // 1:18; 2:12 // 1:16b; 2:18 // 1:14b,125a; 3:1 // 1:4b;4:5;Is 11:2; 7:1 // 1:18b; Is 22:22). A designação de Cristo na carta aos Laodicenses constitui uma exceção, sendo uma reminiscência da saudação com que o Apocalipse começa (cf. 14:1 // 1:5 - o **Amém** é uma lembrança ao cumprimento de toda a profecia, está tudo consumado com relação à História da Igreja).

Também é importante observar que cada carta encerra com uma promessa no tocante a galardões a serem distribuído na Parusia; de modo geral, estas promessas têm uma especial aptidão para cada igreja individualmente, e é-lhes dada uma concretização nos capítulos finais do Livro.

1ª Carta: A IGREJA Apostólica (Século I)

Carta à igreja em Éfeso (Apocalipse 2:1-7)

Éfeso era a maior cidade da Ásia e o centro da administração romana daquela província. Fica situada na costa ocidental do que atualmente é a Turquia asiática. Tomou o título de “*Guardiã do Templo*”, originalmente consagrado para a adoração à deusa anatoliana da fertilidade, e depois para a adoração de Artêmisa ou Diana (Atos 19:35-37), posteriormente, porém, estende-se aos dois ou três templos devotados ao culto dos imperadores. Justiniano mandou edificar uma igreja a São João naquele mesmo local.

Havia uma numerosa colônia judaica em Éfeso, e os judeus desfrutavam ali de privilegiada posição durante o início do império. A igreja foi fundada por Águila e Priscila, em cerca de 52 d.C., quando Paulo

	Significado	Características	Exortação	Promessas
Éfeso	Desejável	Fé, paciência, verdade	Desviou-se de seu amor a Cristo	Comer da árvore da vida
Esmirra	Mirra	Perseguição, martírio	Não temas Seja fiel até a morte	Coroa da Vida
Pérgamo	Exaltação	Alianças mundanas	Prender-se a falsas doutrinas	Maná Escondido e Novo nome
Tiatira	Aroma suave	Falsos mestres	Fornicação e tolerância a falsa profetiza	Poder sobre as nações Estrela da manhã
Sardes	Alegria	Ritualismo	Morte espiritual Obras imperfeitas	Vestis brancas
Filadélfia	Amor	Evangelismo missões	Perseverança Guardar a palavra	Coluna no templo de Deus
Laodicéia	Leigos	Apostasia, esfriamento	Riqueza material Cegueira e Nudez	Reinar com Cristo no trono



fez então uma breve visita ali, por ocasião da sua segunda viagem missionária (Atos 18:18,19). Leia ainda (Atos 18:24 a 19:40; 1 Coríntios 16:8). Essa igreja se tornou o centro para a evangelização do resto da província. Depois da partida de Paulo, Timóteo foi deixado lá (1 Timóteo 1:3) e imediatamente teve de enfrentar e tratar da questão do **ensino falso** (cf. Atos 20:29,30 e 2 Timóteo 4:3-5). Em Éfeso também residiu o apóstolo João.

Suas principais características, segundo 2:2, 3 e 6, são: **Labor (trabalho), perseverança**, não suportava homens maus, **colocava à prova** os que a si mesmos se declaravam apóstolos e não eram, odiavam as obras do **nicolaítas** e ainda suportou **provas (sofrimentos)** por causa do nome do Senhor.

O significado desta carta, do ponto de vista profético, é muito claro e se refere à Igreja Apostólica do primeiro Século.

O seu **labor** (gr. "labor até à exaustão") se refletiu, principalmente, no grande evangelismo do princípio da era da Igreja, como pode-se observar ao ler o Livro de **Atos** dos Apóstolos, e representou a Sua *característica mais marcante*. Esta rápida propagação do cristianismo foi expressa por Tertuliano, historiador cristão (160-220), assim: “*Nós somos de ontem*” (refere-se ao recente surgimento do cristianismo em relação ao Império Romano) “*e, todavia, enchemos o vosso império, vossas cidades, vilas, ilhas, tribos, campos, castelos, palácios, assembleias e o senado*” (cf. Atos 8:1-4; 11:19-21; Colossenses 1:5,6). Ao fim das perseguições imperiais, 313, os cristãos eram cerca de metade da população do Império Romano. Este foi, também, um período de grande manifestação de autoridade, sinais e prodígios (cf. Atos 4:33; 5:12-16; 6:8).

A **perseverança** desta Igreja é expressa pela maneira como preservavam, apesar das dificuldades, a integridade de vida cristã (cf. Atos 3:42-47).

Esta Igreja **colocou à prova** falsos apóstolos, profetas e mestres (cf. Atos 20:29,30; **2 Pedro 2:1-3**; **2 Coríntios 11:13-15**; **1 João 4:1**; 2 Timóteo 4:1-5).

Os **nicolaítas** eram os adeptos de Nicolau de Antioquia, um dos sete discípulos (Atos 6:5), que, supostamente, teria dado o seu nome a um grupo. Eles procuravam entrar em compromisso com o paganismo, a fim de permitir que os cristãos participassem sem embaraço em algumas das atividades sociais e religiosas da sociedade íntima na qual se encontravam. E, segundo Apocalipse 2:14,15, eles mantinham o mesmo erro que os balaamitas, a saber: ensinar a comer coisas sacrificadas aos ídolos nas festas idólatras dos pagãos e praticarem a prostituição. Foram estas as principais matérias condenadas pela epístola formulada pelos apóstolos e presbíteros, em Jerusalém (**Atos 15:6, 22-35**) - a epístola foi “*logo enviada para Antioquia*”. É notável que os nomes de Balaão e Nicolau são cognatos (Balaão - “Consumidor ou devorador do povo”; Nicolau - “Dominador do povo”). Deve ter sido para estas pessoas que Pedro e Judas endereçaram as repreensões contidas em **1 Pedro 5:1-3**; **2 Pedro 2:12-19** e **Judas 11-16**.

Esta Igreja **sofreu perseguições** (provas - vs. 3), embora não tão intensas como as que sobrevieram à Igreja Perseguida (analisada na próxima carta). A seguir citaremos algumas perseguições ocorridas no Século I. Antes, porém, seria proveitoso ler as seguintes passagens: Hebreus 11:35b-40, Romanos 8:33-39, 1 Pedro 4:12-19. Esta igreja não deixou-se esmorecer, cansar (vs. 3b).

Herodes: Confira em Atos 12:1-3.

Nero. Em 64 d.C. ocorreu o grande incêndio de Roma. O povo suspeitava de Nero; este, para desviar de si tal suspeita, acusou os cristãos e mandou que fossem punidos. Milhares foram mortos de maneiras cruelíssima, entre eles, Paulo e, possivelmente, Pedro.

As perseguições vieram a separar famílias inteiras, pais de filhos, marido das esposas, por isso é que Paulo recomendou: “*Considero, por causa da angustiada situação presente, ser bom para o homem permanecer assim como está*”, solteiro (1 Coríntios 7:26).



Demétrio, 96 d.C. Este organizou uma perseguição aos cristãos sob a acusação de serem ateus, isto é, talvez por recusarem participar do culto ao imperador. Foi breve, porém violenta em extremo. Muitos milhares foram mortos em Roma e na Itália, entre eles, Flávio Clemente, primo do imperador, e sua esposa Flávia Domitila, que foi exilada. O apóstolo João foi banido para Patmos.

Porém, esta Igreja abandonou o primeiro amor (Apocalipse 2:4), o amor por Cristo e pela família dos cristãos, que tinham no início (cf. 1 Coríntios 3:1-3; 5:9-11; 11:18-22). A partir deste momento observamos a Igreja entrando em um período de decadência espiritual e moral, até atingir o seu clímax de corrupção, na Idade Média.

2ª Carta: A IGREJA Perseguida (Século II-III) Carta à igreja em Esmirra (Apocalipse 2:8-11)

A cidade de Esmirra³ era uma das mais prósperas na Ásia Menor e tomou o nome de “Metrópole”. Ali os judeus constituíam uma colônia excepcionalmente numerosa e próspera.

A igreja, prestes a ser severamente provada, necessitava relembrar que o seu Salvador era o Senhor da História e conquistador do mundo, daí o fato da apresentação de Cristo no versículo oito.

A característica profética mais marcante deste período da Igreja, representado pela igreja de Esmirra, foi a **tribulação** (vs. 9a). A Igreja foi assolada por uma perseguição sem igual, encabeçada pelos imperadores romanos. Veja a relação de algumas dessas perseguições:



Trajano, 98-117 d.C. Visto que os cristãos se recusavam a sacrificar aos deuses romanos ou tomar parte no culto ao imperador⁴, e a Igreja era havida como sociedade secreta, o que era proibido. Entre os que pereceram neste reinado estavam, Simão, irmão do Senhor, bispo de Jerusalém, crucificado em 107 d.C., e Inácio, segundo bispo de Antioquia.

Adriano, 117-138, perseguiu os cristãos, mas com moderação. Teléforo, presbítero da igreja em Roma, e muitos outros sofreram martírio. Apesar disto, nesse reinado, o cristianismo fez marcado progresso em número, riqueza, saber e influência social.

Antônio, o Pio, 138-161. Este imperador de certo modo favoreceu os cristãos, mas sentia que devia manter a lei, havendo, por isso, muitos mártires, entre os quais Policarpo.

Marco Aurélio, 161-180. Estimulou a perseguição aos cristãos. Foi cruel e bárbaro, o mais severo depois de Nero. Muitos milhares foram decapitados ou lançados às feras, entre os quais Justino, o Mártir. Sua ferocidade foi excessiva no sul da Gália. As torturas que as vítimas sofriam, sem darem mostra de medo, quase que eram inacreditáveis. Supliciada da manhã até à noite, Blandina, uma escrava, só fazia exclamar: “Sou cristã; entre nós não se pratica nenhum mal”.

³ O nome Esmirra significa **Mirra**. Esta era uma resina cheirosa, produzida por certas espécies de coníferas que, tanto o pó (Cantares 1:12,13; 3:6) como em forma líquida (misturada com óleo ou bálsamo), é usada para perfume (Cantares 5:5,13; Ester 2:12; João 19:39). Estava também na composição do óleo sagrado, usado para unções (Êxodo 30:23). Era, portanto, um presente muito apreciado (Mateus 2:11). Vinho misturado com mirra tinha um efeito entorpecente (Marcos 15:23). Pelo significado, então, da palavra Esmirra, podemos deduzir que esta Igreja era como um “perfume” para as “narinas” do Senhor. E Ele se alegrou com a tribulação que sobreveio à esta Igreja.

⁴ O “culto ao imperador” foi decretado por Domiciano. Ele fez disso uma prova de lealdade ao império. Os cristãos, naturalmente, se recusavam a adorar ao imperador como se fosse um “deus”, e as consequências disso foram desastrosas para os crentes. Desenvolveu-se até mesmo o culto à família de Domiciano. Os próprios cortesãos de Domiciano tinham de chamá-lo “Senhor e Deus”. Ao seu próprio leito ele, ridiculamente, chamava de “leito de um deus”.

Sétimo Severo, 193-211. Esta perseguição foi muito pesada, porém não generalizada. Em Alexandria “muitos mártires eram diariamente queimados, crucificados ou degolados”.

Maximiano, 235-238. Neste período, muitos líderes cristãos foram mortos.

Décio, 249-251, decidiu-se, resolutamente, a exterminar o cristianismo. Sua perseguição estendeu-se por todo o império, e foi muito violento; multidões pereceram sob as mais cruéis torturas, em Roma, norte da África, Egito, Ásia Menor. Cipriano disse: “*O mundo inteiro está devastado*”.

Valeriano, 253-260. Mais severo do que Décio, visava destruir completamente o cristianismo. Muitos líderes foram executados.

Diocleciano, 284-305. **Foi a última perseguição imperial e a mais severa**; estendeu-se por todo o império. Durante **DEZ ANOS**, os cristãos foram caçados pelas cavernas e florestas; queimados, lançados às feras, mortos por todas as crueldades imagináveis. Foi um esforço resolutivo, determinado e sistemático por abolir o nome de cristão.

Foi sobre estes **10 anos de sofrimento** que se referiu o Senhor na carta à igreja de Esmirra (**Apocalipse 2:10**). Os dez anos significam, também, um período abreviado, Deus estava abreviando aqueles dias. Para aqueles mártires, a Palavra do Senhor foi: “*Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver... O vencedor, de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte*” (2:8b,11b). O Senhor prometeu-lhes a ressurreição, e a garantia desta promessa foi a Sua própria ressurreição. Aleluia!

“...tua pobreza, mas tu és rico...” (vs. 9 - cf. Hebreus 10:34). Aqueles crentes eram pobres, mas não porque não trabalhassem, mas devido às perseguições que sofriam. Suas propriedades foram confiscadas ou destruídas, e eles sofriam encarceramento. Foram reduzidos a nada pela ira dos imperadores. A simples sobrevivência física tornou-se um problema, pela falta de alimentos. Conta-se a história de um certo Nicodemos, cuja família possuía uma décima parte da indústria de estanho em Roma. Mas, tendo a família abraçado o cristianismo, depois da ressurreição de Cristo, foi reduzida a uma pobreza extrema, e as filhas da família podiam ser vistas a revirar os monturos, atrás de detritos, para com isso matar a fome.

Neste Período da História da Igreja, foram construídas vastas galerias subterrâneas, estendendo-se por centenas de quilômetros no subsolo da cidade. Foram usadas pelos cristãos como lugar de refúgio, culto e sepultamento durante as perseguições imperiais.

3ª Carta: A IGREJA sob favor imperial (312-500 d.C.)

Carta à igreja em Pérgamo (Apocalipse 2:12-17)

Esta cidade ficou famosa porque foi ali que primeiramente se fabricou o *pergaminho* (cf. 2 Timóteo 4:13) nome que se originou da palavra Pérgamo.

A cidade de Pérgamo era descrita como “*dada à idolatria mais do que toda a Ásia*”. Atrás da cidade situava-se uma colina, mais de 300 metros de altitude, coberta de templos pagãos. Entre eles o mais destacado de todos era o grande altar de **Zeus**, colocado sobre uma plataforma esculpida na rocha, dominando a cidade. O culto ao imperador foi estabelecido ali primeiro que em Éfeso ou Esmirra, de sorte que posteriormente, Pérgamo se tornou o reconhecido centro do culto na Ásia. Daí dizia-se desta igreja, que habitava **onde está o trono de Satanás** (vs. 13).



Pérgamo

- A cidade de Pérgamo começou a se destacar depois da morte de Alexandre Magno, em 333 a.C. Ela foi capital da província da Ásia por quase quatrocentos anos, e capital do reino da Selúcida até 133 a.C., quando foi anexada ao Império Romano.
- Como centro cultural, Pérgamo sobrepujava Éfeso e Esmirna. A sua biblioteca, com duzentos mil pergaminhos, era a segunda maior do mundo, superada apenas pela de Alexandria. Há uma lenda de que o pergaminho deriva-se de Pérgamo, haja vista ter sido essa cidade um importante centro de manufatura do pergaminho.
- Pérgamo era uma cidade muito idólatra. Nela havia um grande altar a Júpiter (Zeus), e templos dedicados ao imperador, a Atena, a Dionísio e a Esculápio, o deus da cura, identificado por uma serpente.

Considerarmos a analogia, pela qual se compara as sete igrejas da Ásia com os períodos da História da Igreja, Pérgamo representa a igreja mundana dos anos 313 a 600.

Profeticamente, esta carta descreve o Período em que a Igreja estava sob favor imperial. Neste período a Igreja foi feita uma instituição do Estado. Assim como a cidade de Pérgamo era dominada pelo culto ao imperador, neste período a Igreja começou a institucionalizar-se, sendo governada pelo Império e, por esta causa, Ela **entrou em grande apostasia**.

No decurso de suas guerras contra os rivais, **Constantino**, para se firmar no trono, na véspera da batalha da Ponte Mílvia, fora de Roma, **27 de outubro de 312**, viu no céu, acima do sol poente, a figura de uma cruz, e sobre esta as palavras “*Por este sinal vencerás*”. Decidiu combater sob a bandeira de Cristo e ganhou a batalha. Isto mudou o curso da História do Cristianismo.

Em 313, Constantino promulgou o **edito de tolerância**, no qual concedeu “*aos cristãos e a todos os outros plena liberdade de seguir a religião que a cada um aprouvesse*”, o primeiro deste gênero na História. E foi adiante: favoreceu de todos os modos os cristãos; deu-lhes os principais cargos; isentou ministros cristãos de impostos e do serviço militar; incentivou e ajudou a construção de igrejas; **fez do cristianismo a religião da sua corte**; expediu uma exortação geral, 325, a todos os súditos para que abraçassem o cristianismo; e porque a aristocracia romana persistisse em seguir suas religiões pagãs, mudou a capital para Bizâncio e denominou-a Constantinopla, “Nova Roma”, capital do novo império cristão. Em 330, o imperador consagrou a cidade de Constantinopla à Virgem Maria, mãe de Jesus.

Fez do dia de reunião dos cristãos, o domingo, dia de descanso, proibindo nele todo o trabalho ordinário e permitindo aos soldados cristãos assistir ao culto nas igrejas.

Com a cristianização do império, foram abolidas a escravidão, os combates de gladiadores, a morte de crianças indesejáveis, a crucificação como gênero de pena capital.

O primeiro templo cristão foi construído no reinado de Alexandre Severo (222-235). Depois do edito de Constantino, passaram a ser construídos em toda parte.

O cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano (O Estado). Embora Constantino tomasse de fato essa deliberação, só se efetivou no reinado de Teodósio (378-95), que tornou obrigatório a cada cidadão fazer parte da Igreja. Foi isto a **pior calamidade** que já sobreveio à mesma Igreja. O desígnio de Cristo era vencer por meio puramente espirituais e morais. Até ao tempo de Constantino as conversões eram voluntárias, por uma genuína mudança do coração e da vida da pessoa. Agora, porém, as conversões forçadas enchem as igrejas de gente não regenerada. Entrou na Igreja o espírito militar da Roma Imperial, mudando-lhe a natureza e tornando-a uma organização política e fazendo-a precipitar-se no **milênio das abominações papais (o milênio da Idade das Trevas** - tanto para a Igreja como para o mundo secular - que será o próximo período a examinarmos).

Vejamos alguns fatos que marcaram o período da Igreja sob favor imperial.

Queda do paganismo. Teodósio (378-95), ao fazer da **Igreja uma instituição do Estado**, empreendeu a supressão à força de todas as outras religiões; proibiu o culto de ídolos. Sob a vigência dos seus decretos, 375-400, os templos pagãos foram derrubados pelos cristãos, havendo derrame de muito sangue. Entrava, assim, a Igreja em sua grande apostasia. Conquistou o Império Romano, mas, na verdade, foi esse Império que A conquistou, não por eliminá-La, mas por lhe dar sua própria fisionomia.

A Igreja Imperial do 4º e do 5º Século tornou-se uma instituição de todo diferente da Igreja perseguida dos três primeiros Séculos. Na sua ambição de domínio, perdeu e esqueceu o espírito de Cristo. **O culto**, a princípio muito singelo e espontâneo, passou a cerimônias complicadas, majestosas, imponentes, com todo o esplendor externo, próprio dos templos pagãos.

Os ministros tornaram-se sacerdotes. O termo “sacerdote” não fora aplicado aos ministros cristãos antes do ano 200 d.C. Foi tomado de empréstimo ao sistema judaico, afeiçoando-se ao exemplo do sacerdócio pagão. Leão I (440-61) proibiu o casamento aos sacerdotes, tornando-se lei o celibato na Igreja Romana. Mas o celibato produziu seus maus efeitos. Através dos Séculos, a imoralidade notória dos sacerdotes tem sido um dos mais berrantes escândalos dessa Igreja.

Os godos, vândalos e hunos, que derrubaram o Império Romano, aceitaram o cristianismo; mas em grande escala essa conversão foi só nominal; e isto outra vez encheu a Igreja de práticas pagãs. Neste Período o cristianismo foi fundido com filosofias gregas e orientais, daí surgindo muitas seitas: gnosticismo, maniqueísmo, montanismo, monarquismo, arianismo, dentre outras. É a isso que se refere a passagem de **Apocalipse 2:14,15**. A Igreja que no Século I foi elogiada por odiar as obras dos nicolaítas, agora permite que o fermento (doutrina) dos balaamitas A contaminasse. O ensinamento básico de Balaão era confundir

assuntos espirituais e morais com interesses materiais, o que era uma característica do gnosticismo, e que predominou por todo o Período da Idade das Trevas. O espírito babilônico entrou na Igreja.

Apocalipse 2:16. Só a espada de dois gumes, a Palavra Viva de Deus, poderia fazer a divisão do que é espiritual e da alma (intelecto), a fim de reavivar a Igreja.

4ª Carta: A IGREJA da Idade das Trevas (500-1500 d.C.)

Carta à igreja em Tiatira (Apocalipse 2:18-29)

Tiatira era a menor das sete cidades. Ficava no caminho de Pérgamo para Sardes. Originariamente era colônia militar. Não tinha nenhum templo devotado ao culto dos imperadores, de sorte que os cristãos não eram tão perturbados por aquele culto como as igrejas precedentes. O problema desta igreja centralizava-se nas situações comprometedoras criadas pelos interesses comerciais (Atos 16:14,15). Tiatira era uma cidade industrial, célebre pelos seus muitos grêmios comerciais.

Esta igreja era dominada pelo espírito de Jezabel, que era esposa de Acabe, rei de Israel (1 Reis 16:31). Ela é um símbolo de falsa profetiza. Seu ardil se manifestou quando pressionou o marido a abandonar a Deus e a apoiar o culto a Baal. Usou meios injustos de extorquir bens materiais para satisfazer os desejos dela. A idolatria e o materialismo eram grandes tentações em Tiatira, um centro comercial.

No começo do estudo destas sete cartas observamos que elas formam uma estrutura clara que se enquadra no que vimos a respeito do **Paralelismo Invertido**. Ainda vimos que a carta à igreja de Tiatira encontra-se no centro da estrutura. Assim sendo, há uma associação das características desta Igreja com a **primeira** (Igreja do Século I) e a **última** (Igreja do fim dos tempos) (cf. vs. 19).

É importante compreender que durante o período da Idade das Trevas, grandes transformações aconteceram na Igreja. A Igreja era cheia de obras: amor, fé, serviço e perseverança (2:19a), as primeiras obras - aqui o Senhor lembra as qualidades anteriores que havia na Igreja Primitiva. Entretanto, por tolerar ou ser condescendente com “Jezabel”, os fatos mudaram (vs. 20). No versículo 21 deduzimos que “Jezabel” anteriormente tinha sido advertida, sem resultado, ou por João ou por algum outro líder cristão. Jezabel era a profetiza que propagava o ensino dos nicolaítas e seus filhos, seus seguidores se prostituíram pelo culto a outros deuses.

Como resultado do Período da Igreja Imperial (Igreja Romana), a Igreja e a Humanidade entraram em um milênio de trevas (**Idade Média**), onde pouco progresso foi feito a nível espiritual, intelectual, cultural e científico. Este período durou até a Reforma Protestante que foi paralelo ao Renascimento Cultural.

Cabe lembrar, porém, que o Senhor promete, a esta Igreja devastada, restaurá-La. Ele afirma que “suas últimas obras são mais numerosas que as primeiras” (2:19b). Leia ainda, para confirmar esta promessa, as passagens de **Ageu 2:6-9** e **Joel 2:25-27**.

A **Idade das Trevas**, foi uma época marcada pela idolatria, completa cegueira espiritual e abusos incabíveis cometidos pela Igreja Romana.

Foi o período do surgimento:

Do **Maometismo** (570);

Das **Cruzadas** (1095-1272) - a Guerra Santa contra os infiéis muçulmanos. Foi um esforço da cristandade por recuperar a Terra Santa - Jerusalém -, tirando-a de sob o domínio dos maometanos. Houve



oito Cruzadas. Elas foram o resultado de um complexo de fatores: a) A crise do sistema feudal com a consequente marginalização de um grande número de indivíduos; b) Mas não se pode ignorar o aspecto religioso das Cruzadas. O sentimento religioso do homem medieval eram muito fortes. Ele era antes de tudo um fiel servidor de Deus e da Igreja Romana. E se as Cruzadas representavam para ele uma satisfação e compensação material, representavam também o cumprimento de uma obrigação religiosa. Combater o infiel muçulmano era uma ação santa e representava a possibilidade de salvação eterna, garantida pelas *indulgências* oferecidas pela Igreja aos cruzados; c) Há ainda um motivo particular das Cruzadas, pois estas contribuíram para a luta pelo controle do poder papal dentro da Igreja Romana, principalmente o desejo de reconquistar a Igreja separada do Oriente.

Da **Inquisição**, que era uma instituição medieval destinada a fazer averiguações sobre as heresias, bem como a reprimi-las, foi estabelecida em 1231 pelo Papa Gregório IX. Era um tribunal eclesiástico com jurisdição unicamente sobre os Católicos, com o fim de investigar (inquirição) e punir crimes contra a fé católica. Os acusados de ‘heresia’ eram entregues ao poder civil para aplicação da penalidade.

Na verdade, as cruzadas e a inquisição, refletiam o caráter imperial da Igreja Romana. A inquisição, também, revela o espírito de Jezabel, que perseguia os profetas, atuando nesta Igreja.

Das **Indulgências**. A palavra significa remissão das penas. Com as indulgências, podia-se obter a remissão de uma parte ou de todos os pecados. No caso de um ‘cristão’ prestar algum serviço à Igreja, como a doação de terras a mosteiros ou igrejas, este benefício era considerado suficiente para demonstrar o arrependimento do pecador, o que lhe servia como indulgência ou remissão de pecado(s). Urbano II, papa francês, prometeu indulgência plenária (total) a todos quantos se engajassem na Primeira Cruzada. Este sistema de indulgências difundiu-se rapidamente. Não apenas papas, mas também bispos davam indulgências, e cada vez em condições mais fáceis. Contribuições para uma boa obra tal como a construção de uma igreja ou mesmo de uma ponte ou estrada, eram consideradas dignas de tal recompensa. Logo foram percebidas as possibilidades financeiras do sistema;

Do **Renascimento urbano** - o surgimento das cidades -, ligado ao **renascimento comercial** (séc. XI);

Guerra dos Cem Anos (1337-1453);

Peste Negra. De origem oriental, o vírus dessa peste foi introduzido na Europa em **1348** e se propagou com grande rapidez. Em pouco tempo, a Peste Negra dizimou entre um terço e a metade da população europeia. A difusão do vírus da peste foi facilitada por uma série de fatores. Um dos principais foi a inadequação da estrutura urbana à concentração demográfica. Em outras palavras, as cidades daquela época não eram planejadas;

Das **Transformações Culturais**. A cultura medieval foi uma síntese de elementos greco-romanos, cristãos e germânicos, reformulados em termos de novas experiências. Começou a distinguir-se no Século XI e atingiu o apogeu no Século XIII. Apesar de predominar o sentimento cristão católico-romano, verificou-se nela influência da cultura *secular* e *naturalista*, representada pela literatura fantástica, mitos, lendas e canções populares. Ainda surgiram as universidades, fato que contribuiu para o desenvolvimento da filosofia (escolástica), da literatura e das artes que, por sua vez, foi a semente do movimento renascentista que surgiu Séculos depois.

Dos **Movimentos Renovadores**. Nos Séculos XII e XIII começaram a surgir profundas mudanças econômicas e sociais, o que gerou uma verdadeira crise de consciência religiosa. Nasceu, então, uma *insatisfação* geral dos cristãos em relação ao comportamento do clero, apegado às riquezas, favoreceu o aparecimento de ideias contrárias à *ortodoxa*, isto é, aos ensinamentos da Igreja Romana. As doutrinas defendidas por estes movimentos foram chamadas de **heresias** pela Igreja Imperial. Estes movimentos constituíram-se o prelúdio da Reforma Protestante, que despontou dois Séculos depois.

Este período, entretanto, teve seu lado positivo. Foi um tempo de “metamorfose” (transição), que impeliu a Igreja e a Humanidade à busca do equilíbrio entre o espiritual e o natural, que é um pressuposto para a maturidade. Índícios desta mudança são caracterizados pela **Reforma** e pelo **Renascimento**, movimentos que despontaram logo após este período. Estes movimentos abriram novos horizontes para a Igreja e para a Humanidade. Marcou o início da **Restauração da Igreja**.

Se observarmos o Paralelismo Invertido, formado pelas sete cartas às igrejas da Ásia, notaremos que a carta à igreja de Tiatira encontra-se no centro, indicando que esta representa a fase de maior corrupção atingida pela Igreja. Mas, segundo o que estudamos sobre o Paralelismo Invertido, após o clímax da construção poética, que frequentemente é colocado no centro, há um retorno pouco a pouco. Sendo assim,

após a Idade Média, começa um retorno da Igreja à pureza de fé, vida, amor e serviço, começa o período da Restauração da Igreja.

Apesar de todos os males que sobrevieram à Igreja neste período, havia um **remanescente**, um grupo de cristãos sinceros, que buscavam viver a simplicidade e pureza da fé cristã. É importante termos em mente que, deste período em diante, a Igreja propriamente dita, é constituída por um remanescente (cf. vss. **24 e 3:4**). Foi este remanescente que provocou os movimentos renovadores.

Também é dito, em **2:24b**, que: “*Outra carga não jogarei sobre vós; tão somente conservai o que tendes, até que eu venha*”. O Senhor promete não lançar sobre a Igreja outra carga como as vistas naqueles dias. É ainda recomendado àquela Igreja, que conservasse o que eles ainda tinham de bom.

5ª Carta: A IGREJA da Reforma e da Renascença (1517 d.C. ao séc. XVII)

Carta à igreja em Sardes (Apocalipse 3:1-6)

Sardes era uma cidade de glória deslustrada. Outrora tinha sido a capital do antigo reino da Lídia, mas entrou em ocaso, depois da conquista persa, até que Tibério a reconstruiu depois de um terremoto. A cidade era célebre por duas coisas: a sua indústria de tintura e lã, a libertinagem.

A igreja em Sardes é um retrato da própria Igreja, pois houve o tempo quando tinha um nome para progresso espiritual, mas agora era sem vida; a libertinagem a invadiu, ela estava sem vida, assolada. Havia, porém, poucas pessoas - um remanescente - que não tinham **contaminado as suas vestiduras** (vs. 4), isto é, manchado com o pecado o seu comissionamento cristão. Sardes tipifica a Igreja da Idade das Trevas, que começa a ser Restaurada pela Reforma.



A Idade Média trouxe **morte** para muitas das virtudes da Igreja, que foi perdendo sua glória e pureza. Também muito da cultura e desenvolvimento socioeconômico da Humanidade foi podado. Entretanto, com esta nova dispensação que surge, o Senhor trouxe uma admoestação: “*Sê vigilante, e consolida o resto que estava para morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença de Deus*” (vs. **2**). O movimento da Reforma - surgido no “ventre” da Igreja - e o movimento do Renascimento Cultural, serviram para consolidar o resto que estava para morrer.

Reforma Religiosa ou **Reforma Protestante** foi um movimento de caráter religioso, político e econômico, verificado na Alemanha, no Século XVI. Provocou a separação de uma parte da comunidade católica da Europa, dando origem ao protestantismo. Seu objetivo era reestabelecer a fé cristã na sua **simplicidade e pureza primitivas**. Rejeitaram a tradição ensinada pela Igreja Romana porque a julgavam contrária à Palavra de Deus. Desejavam remontar a quinze Séculos atrás, ao tempo da Igreja Apostólica. Pensavam fazer uma **restauração**. Acontece, porém, que não seria possível uma restauração sem uma revolução completa. De fato, foram rejeitadas as doutrinas e tradições que não se encontravam nas Escrituras.

As causas. A Reforma foi provocada por fatores de ordem religiosa, política e econômica, tais como:

- a) o estado de anarquia, libertinagem e confusão em que se encontrava a Igreja Romana, que veio a provocar uma insatisfação religiosa generalizada;
- b) as transformações econômicas da Europa;
- c) os conflitos entre os soberanos e os papas, que contribuíram para o declínio do papado;

- d) os impostos eclesiásticos;
- e) a difusão da Bíblia, dentre outros.

Devido a estes fatos e, principalmente, à insatisfação geral dos cristãos com relação ao comportamento do clero, surgiram os movimentos renovadores. Vejamos os mais importantes:

Petrobrussianos, fundados por Pedro de Bruys, discípulo de Abelardo, 1110, na França: rejeitavam a missa, sustentavam que a comunhão era um memorial, e que os ministros deviam casar-se.

Arnaldo de Bréscia, 1155, discípulo de Abelardo, pregava que a Igreja não devia ter propriedades; que o governo civil pertencia ao povo; que Roma devia ser libertada do domínio do papa. Foi enforcado, a pedido do Papa Adriano IV.

Albigenses, ou Cártaros. No Sul da França, Norte da Espanha e da Itália. Pregavam contra a imoralidade do clero, contra as peregrinações, o culto dos santos e imagens; faziam largo uso das Escrituras; viviam abnegadamente e eram muito zelosos da pureza moral. Em 1167, constituíam, talvez, a maioria da população do Sul da França. Em 1208, o Papa Inocêncio III ordenou uma cruzada; seguiu-se uma guerra sangrenta; dificilmente, houve outra igual na História; cidade após cidade foi passada ao fio da espada; em 1229, foi estabelecida a Inquisição e dentro de cem anos os albigenses foram, completamente, desarraigados.

Valdenses. Sul da França e Norte da Itália. Parecia-se com os albigenses, mas não eram os mesmos. Valdo, rico negociante de Lião, ao Sul da França, 1176, deu suas propriedades aos pobres e saiu a pregar. Ensinava que a Bíblia era a única regra de fé e de conduta. Sua pregação despertou, no povo, grande desejo de ler a Bíblia. Sobreviveram à Inquisição.

João Wyclif. 1324-1384. Professor de Oxford, Inglaterra. Pregava contra a dominação espiritual do clero e a autoridade do papa. Defendeu o direito, que o povo tinha, de ler a Bíblia. Traduziu esta para o inglês. Seus adeptos chamaram-se **Lolardos**.

João Huss. 1369-1415. Reitor da Universidade de Praga, Boêmia. Foi um estudante de Wyclif, cujos escritos haviam penetrado nesse país. Tornou-se pregador destemido; atacava os vícios do clero e as corrupções da Igreja Romana; com veemência arrebatava, condenava a venda de indulgências; rejeitava o purgatório, o culto dos santos e o uso de uma língua estrangeira na liturgia. Foi queimado vivo.

Savonarola, 1452-1498. Em Florença, Itália. Pregava, como um dos profetas hebreus, a vastas multidões que enchiam sua catedral, contra a sensualidade e o pecado da cidade, e contra os vícios do papa. A cidade penitenciou-se e se reformou. Mas o Papa Alexandre VI procurou, de todos os modos, silenciar o virtuoso pregador; tentou até suborná-lo com o chapéu cardinalício; mas em vão. Foi enforcado e queimado na grande praça de Florença, 19 anos antes das 95 teses de Lutero.

Os anabatistas, que apareceram através da Idade Média, em vários países europeus, sob diferentes nomes, em grupos independentes.

A Renascença, ou reavivamento da cultura, resultado em parte das cruzadas, da pressão dos turcos e da queda de Constantinopla, ajudou o movimento da Reforma. Surgiu uma paixão pelos clássicos antigos. Vastas somas foram gastas no colecionamento de manuscritos e na fundação de bibliotecas. Exatamente nesse tempo, foi **inventada a imprensa** por João Gutemberg, cujo primeiro livro impresso foi a Bíblia (1455). Seguiu-se uma abundância de dicionários, gramáticas, versões e comentários bíblicos. Estudavam-se as Escrituras nas línguas originais. “*Um conhecimento novo das fontes da doutrina cristã revelou a grande diferença que havia entre a singeleza nativa do Evangelho e a estrutura eclesiástica que se dizia fundada sobre ele*”. “**A Reforma veio a realizar-se devido ao contato da mente humana com as Escrituras**”, e o resultado foi que a mente humana se emancipou da autoridade clerical e papal.

Erasmus, 1466-1536, homem de vastíssima cultura e autor muito popular da Reforma. A edição que fez do Novo Testamento Grego forneceu aos tradutores um texto acurado com que pudessem trabalhar. Ajudou muito a Reforma, mas nunca aderiu a ela.

A época em que Lutero iria falar não era uma época morta. Pelo contrário, fervia de inquietação, preocupada com uma multidão de problemas não resolvidos e anelos não satisfeitos.

Martinho Lutero, 1483-1546. Concretizou o movimento de Reforma. Levou o mundo a romper com a instituição mais despótica da História, em busca da liberdade. Certo dia, 1508, quando lia a Epístola aos Romanos, foi iluminado de súbito e a paz lhe inundou a alma: “*o justo viverá pela fé*” (Romanos 1:17). Viu, por fim, que a **salvação** ganhava-se pela confiança em Deus, mediante a fé em Jesus Cristo, e

não pelos ritos, sacramentos e penitências pregada pela Igreja Romana. As proposições que Lutero afixou à porta da igreja de Wittenberg, a **31 de outubro de 1517**, oficializaram o início da Reforma.

Uma advertência a esta Igreja: "*Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto*" (**3:1c**). A Reforma Protestante não realizou tudo aquilo que poderia ter concretizado. Devido ao abuso de sua própria liberdade, as igrejas dividiram-se em seitas e denominações, que é um indício de carnalidade (cf. 1 Coríntios 3:1-3; Judas 19). Por isso, a Igreja da Reforma tornou-se uma imensa organização, mas com pouca evidência de vida espiritual.

Sendo assim, precisamos nos identificar com o remanescente, pois a atividade dos filhos de Deus não é visível ou conhecida para o mundo em geral, ou o mundo religioso em particular. Esse grupo de Vencedores que foram chamados para a Soberana Vocação de Deus, está escondido no esconderijo de Altíssimo. O mundo não percebe o que Deus vai fazer com eles e através deles. O mundo não está notando as suas grandes proezas.

É interessante observar e comparar os movimentos de restauração com trechos das Escrituras, que profetizaram a respeito da **Restauração da Igreja**. Observe os seguintes tópicos:

Livros de Esdras e Neemias. Vimos anteriormente os precursores da Reforma. Todo movimento de restauração ou reavivamento na Igreja segue as seguintes fases: a) Deus desperta os espíritos das pessoas, que procuram voltar (arrepentimento) à pureza da vida cristã (obs: Esdras 1:5). Estas dão origem a um remanescente; b) Estas pessoas se associam, motivadas por um único ideal (cf. Esdras 3:1); c) É reestabelecida uma nova aliança e comunhão com o Senhor (cf. Esdras 3:3 // Atos 13:1-3) d) O Senhor levanta líderes que lançam o(s) “fundamento(s)” - revelações ou ensinamentos básicos - da nova construção (cf. Esdras 3:6; 5:16 // Efésio 2:19, 20; 1 Coríntios 3:10-13); e) Há retorno à vida e prática do verdadeiro cristianismo pela revelação contida nas Escrituras - retorno à Palavra Viva (cf. Esdras 7:1,6,10); f) Construção ou edificação de todos os objetivos indicados pela Palavra; g) Separação de todo elemento misto, ou daqueles que não são verdadeiros cristãos (cf. Neemias 13:1-3, 30).

Livro de Joel. Fala da assolação que veio à videira (símbolo de Israel e da Igreja - cf. 1 Coríntios 3:9), mas depois fala da restituição ou restauração de todas as coisas.

O Movimento de Restauração não parou nos dias de Lutero. Deus continuou a fazer Sua Obra.

A seguir transcrevo um breve histórico da Restauração que começou nos dias de Lutero e continua até nossos dias.

*“(Joel 2:25). Deus declarou: ‘Restituir-vos-ei’; e então começou uma gloriosa História da Igreja, quando Deus começou, devagar, mas firmemente, a restauração d’Ela. **Martinho Lutero** (1483-1546), enquanto observava uma penitência (1508), ouviu palavras celestiais: O justo viverá pela fé, e por toda a Europa os homens começaram a se voltar para a Bíblia e para uma real experiência de salvação. O primeiro passo da restauração havia sido dado. Os **Luteranos** e **Protestantes** foram perseguidos e martirizados, mas o que Deus havia feito, permaneceu. Todas as torturas da Inquisição, a mutilação e vazamento de olhos dos crentes, os espancamentos e as mortes nas fogueiras, não puderam destruí-lo, pois Deus estava restaurando a Sua Igreja. A História da Igreja continuou, com as histórias de grande homens como **João Calvino** (1509-1564), **John Knox** (1505-1587, Escócia), **John William Fletcher** (1729-1785), e centenas de outros. Satanás não conseguiu reter a operação de Deus para restaurar naqueles dias, e não conseguirá retê-la agora. À medida que as gerações se passaram Deus restaurou mais. O movimento de santificação alastrou-se. Contudo, sempre a história era a mesma: tão logo um movimento eclesial se esfriava, perdia o seu primeiro amor, ou lutava contra verdades mais elevadas, perdia a espiritualidade. Movimentos muitas vezes, se tornaram grandemente organizados com regras humanas, em vez de obedecerem à direção de Deus, e o povo recusava-se a andar na luz que Deus lhes proporcionava, de forma que Deus pulou por cima das suas pequenas paredes denominacionais e sectárias. Abandonou-os às suas formas, rituais e cerimônias, e tomou Consigo um grupo faminto de crentes. Eles eram os chamados dentre os que haviam sido chamados para fora. Desta forma, um novo passo era dado na restauração da Igreja que Deus estava efetuando.*

*Ó, igrejas que trazem o nome de seu Senhor, têm vocês nome de que vivem, mas estão mortas? Têm forma de piedade, mas negam o poder dela? Ei-los marchando através dos Séculos - os homens que estão progredindo com Deus! Leia a respeito de **João WeSalmosey** (1703-1791) - igreja metodista e Movimento*

*de Santificação*⁵ -, que suportou amargas perseguições. Com quase todas as igrejas da Inglaterra fechadas para a palavra que trazia da parte de Deus, ele pregou sobre o túmulo de seu pai, único lugar que restava, de onde ele podia pregar. Apedrejado, tido como alvo de ovos chocos, ele avançou com Deus, e outro passo da restauração foi dado. A ele seguiram-se homens como **Charles G. Finney** (1792-1875, Nova York, convertido em 1821) e uma plêiade de outros, mas aí mesmo naqueles movimentos o fogo começou a enfraquecer, e eles se transformaram em um evangelho social. Com organização, jantares na igreja, e programas, eles também começaram a erigir muros sectaristas.

Então apareceu **William Booth** (1829-1912), com o **Exército da Salvação** (1878). Aquele foi um grande dia na sua igreja apinhada, quando lhe foi solicitado que transigisse quanto às verdades da Palavra de Deus, e a sua esposa o chamou da galeria: 'Diga não, Guilherme', e Guilherme Booth disse 'Não'. Assim a igreja avançou mais outro passo. A História nos mostra o poder de Deus no Exército da Salvação, naqueles dias, com cultos de vigília, e homens e mulheres desacordados devido ao poder de Deus.

Cerca de meio Século atrás, outro grande movimento nasceu, bem semelhante à história de Atos 2 - o grande **reavivamento do País de Gales** (Grã-Bretanha), (1948) sob a liderança de **Evan Roberts**, e subsequente derramamento do Espírito de Deus sobre todo o mundo, quando homens e mulheres de todas as nações começaram a receber o Espírito Santo e a falar em outras línguas (**movimento Pentecostal**). A chuva dos céus estava caindo sobre os humildes e pequenos, e da mesma forma como das outras vezes, Satanás lutou contra ela. Todos os movimentos de Deus que haviam fechado suas portas a novas revelações, lutaram também contra ela. Os pregadores também lutaram contra esse movimento, e lhe deram muitos nomes. É uma tragédia que aquelas pessoas que haviam sido perseguidas por terem recebido uma nova luz, alguns anos atrás, agora estavam perseguindo os que estavam avançando para uma luz ainda maior. No entanto, a luz que estavam recebendo nada mais era do que uma restauração do batismo do Espírito Santo, como tinha sido experimentado pela Igreja do Novo Testamento primitiva. À medida que os anos passaram, os que haviam lutado contra a luz começaram a murchar, e começaram a seguir o exemplo das denominações que haviam existido antes deles. Tornaram-se fortemente sectaristas, expulsaram a nova luz e todos os seus ministros.

Mas, glórias a Deus que a Sua verdade está avançando! Nada pode fazer parar a chuva. Dar-lhe nomes pejorativos e tornar-se irado não impedirá que ela caia. Você não pode deter essa poderosa inundação com uma pequena vassoura. E agora, em nossos dias, Deus tem começado um outro movimento. Causas estranhas estão acontecendo, outra vez. Deus está impelindo o Seu povo a restaurar os dons do Espírito com os frutos do Espírito. **Deus está operando para completar os passos finais da restauração da Igreja nestes últimos dias. Durante 450 anos, desde os dias de Martinho Lutero, Deus tem operado para restaurar, e não cessará de operar até que o poder e glória miraculosos da Igreja sejam maiores do que os da Igreja dos dias neotentamentários, como está registrado nos Atos dos Apóstolos. É triste, mas é verdade, que os que receberam o Espírito Santo e até falaram em outras línguas, agora estejam lutando contra este movimento atual de Deus, quando Ele está restaurando os dons do Espírito, o fruto do Espírito, os ministérios, e a autoridade espiritual de Cristo no crente, como está registrado em Efésios. Eu tenho visto e ouvido muitas coisas, ultimamente, que eu sei serão encontradas somente na Igreja do Novo Testamento...**" (Extraído da literatura: "Sião Destruída e Restaurada", pgs. 5-8 - por: John Stevens).

Este trecho transcrito conta a história da restauração, dos dias da Reforma, com Martinho Lutero (1508) até 450 anos depois (1950), aproximadamente.

Após a Reforma, as igrejas Protestantes obtiveram grande expansão, que é o assunto a ser analisado na próxima carta. **A partir de 1950, então, o Soberano Senhor tem trazido um novo movimento na face da terra. "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas ..."**

⁵ Num tempo em que a Igreja havia caído de novo no formalismo sem vida, ele pregava a doutrina do testemunho do Espírito Santo e de **uma vida santa**. Na Inglaterra, nunca lhe permitiram pregar suas doutrinas nas igrejas. Por isso, pregava nos campos, nas zonas de mineração e esquinas de ruas. Organizou sociedades que defendiam a pureza de vida (**Movimento de Santificação**). Este movimento, mudou inteiramente a tonalidade moral da Inglaterra.

6ª Carta: A IGREJA das Missões (séc. XIX até início séc. XX)

Carta à igreja em Filadélfia (Apocalipse 3:7-13)

O nome Filadélfia significa “amor fraternal”. Devido a frequentes terremotos, a população de Filadélfia era pequena. A igreja parece ter sido fraca (ver vers. 8: “tem pouca força”).

Vimos como o Senhor vem restaurando a sua Igreja a partir do Século XVI. Pouco a pouco o Senhor está preparando a Sua Igreja para a entrada no Reino.

A igreja de Filadélfia representa a Igreja do Século XIX e das primeiras décadas do Século XX.

A sua principal característica, durante um período de 450 anos, como citamos anteriormente, foram as missões realizadas pelas **igrejas Protestantes** (Batistas, Metodistas, Luteranos, Presbiterianos e outras), que propiciaram a pregação da Palavra de Cristo em terras longínquas.

Na realidade, as missões protestantes já se notavam desde o início do Século XVIII, quando foi criada várias sociedades com fins missionários, como por exemplo: A Sociedade para a Pregação do Evangelho em Terras Estrangeiras (1701); Sociedade Batista para a Pregação do Evangelho entre os Pagãos (1792); Sociedade Missionária Londrina (1750-1825).

Entretanto, foi a partir do **começo do Século XIX** que se observou a organização de inúmeras sociedades missionárias, tanto denominacionais como interdenominacionais, nos Estados Unidos e Europa. Comissão Americana de Comissionados para as Missões Estrangeiras, 1810; a Sociedade Missionária Danesa, de 1821; as de Paris e Berlim, de 1824; a Missão Luterana Evangélica de Leipzig e a Sociedade Missionária do Norte da Alemanha, de 1836 - tais sociedades foram as mais importantes entre as centenas que enviaram missionários a todos os lugares. Neste período o protestantismo americano começa a tomar grande força, sobressaindo-se ao europeu.

As *denominações* estavam se tornando gigantescas. Os metodistas, escassamente 15.000 ao tempo de sua organização independente, em 1784, passavam de um milhão em 1850. Os batistas, cem mil no início do Século XIX, no meio dele haviam aumentado oito vezes.

Estas missões tiveram objetivos filantrópicos, marcadas pela criação de igrejas, escolas, e comunidades que desenvolveram o amor fraternal (Filadélfia), que se espalharam por todo o mundo. O movimento metodista, por exemplo, tinha ampla visão filantrópica. O metodismo procurou auxiliar financeiramente os seus pobres: conseguindo trabalho, remédios para os enfermos, estabelecimento escolares e dando instrução barata e procurando eliminar a grosseria e a brutalidade existente nas classes inferiores.

Porém, para esta Igreja, a passagem de Apocalipse em consideração nos revela cinco mensagens importantes da parte do Senhor. São elas:

b) *“Estas coisas diz ... aquele que tem as **chaves de Davi**, que abre e ninguém fechará, e que fecha e ninguém abre;... eis que tenho posto diante de ti **uma porta aberta**, a qual ninguém pode fechar”* (3:7b, 8a). Segundo as passagens de **1 Coríntios 16:9** e **2 Coríntios 2:12**, podemos compreender que a porta aberta refere-se à oportunidade concedida pelo Senhor para a pregação do Evangelho.

John Gill, escreveu pouco antes do começo dessa era, considerando a sua própria época como era da igreja em Sardes. Predisse ele que a era da igreja de Filadélfia seria uma espécie de reino espiritual de Cristo, com a renovação do amor e do evangelismo. Por isso, conjecturou ele: *"Essa porta aberta talvez ofereça uma oportunidade incomum para a pregação do Evangelho; uma grande liberdade mental de seus pregadores e grande atenção por parte dos ouvintes, cujos corações serão abertos para*



observar, receber e abraçar ao Evangelho; além de grande colheita de almas para Cristo e suas igrejas. Haverá pregação abundante e frequente da Palavra, com grande sucesso - o que não poderá ser tolhido por qualquer criatura". É significativo que foi da própria denominação de Gill, a denominação dos "Batistas Primitivos", da Inglaterra, que saiu Adoniram Judson (1788-1850), que se tornou o "pai" das missões.

Muitos dos primeiros missionários sofreram oposição na igreja, sendo-lhes dito que estavam lançando pérolas aos porcos, porque pregavam aos *pagãos*. Isso mostra a que posição inferior caíra o evangelismo, na Igreja da Idade Média, e na Igreja da Reforma, ou igreja de Sardes.

As igrejas Protestantes foram fiéis no cumprimento do propósito de Deus para este período da História da Igreja, levando a Palavra de Deus para terras distantes.

b) "... *que tens pouca força*" (vs. 8b). Após o período de sua expansão, as igrejas Protestantes perderam a sua força espiritual. Na Alemanha e Inglaterra, berços destas igrejas, os protestantes tornaram-se "fracos", do ponto de vista espiritual. Nos Estados Unidos, grande centro de difusão das igrejas Protestantes, observamos que estas entraram em mornidão espiritual que vem se agravando até nossos dias. Sua fraqueza foi gerada pelo fermento da imoralidade, luxúria e vaidade que penetraram nos corações dos fiéis. Murus sectários foram erigidos pelas denominações, o que veio a fechá-las para o próprio Senhor e o mover do Seu Espírito. Mesmo assim, essa Igreja tem operado praticamente sem os dons espirituais e miraculosos.

Ainda uma coisa boa permaneceu nos corações de muitos crentes: "... *guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome*" (3:8b). O Senhor conservou um **remanescente** que prosseguiu com muitos reavivamentos. Estes movimentos muitas das vezes são chamados, pelos historiadores, de "*não-conformismo*".

O Século XIX e início do Século XX foi marcado por firme expansão e crescimento do *não-conformismo* (contra as estruturas denominacionais). Um dos movimentos que surgiu como reação contra a falsa espiritualidade na Igreja Estabelecida (denominações), foi o chamado "Segundo Grande Despertamento Evangélico" e cujo principal característico foi dado pelo evangelista americano Dwight L. Moody (1837-1899). Nome importante neste período foi, também, Edward Irving (1792-1834), em Londres, que em 1828 pregava que os "dons" da era apostólica podiam ser restaurados se houvesse fé suficiente - dois anos depois, porém, creu que suas esperanças estavam se cumprindo em outros.

Porém, o mais importante destes movimentos foi o Exército da Salvação. Seu criador, William Booth (1829-1912), era ministro da Nova Conexão Metodista e, depois de bem sucedida obra de reavivamento em Cardiff, iniciou trabalho semelhante em Londres, em 1864. Disso resultou, em 1878, uma organização de aspecto militar, que recebeu o nome de Exército da Salvação, 1880. Sempre engajado decididamente na filantropia prática tanto quanto no evangelismo de rua, a obra filantrópica se desenvolveu em grande escala em 1890 em diante, quando Booth publicou *Na Trevesa Inglaterra* e o *Caminho da Libertação*. Apesar de sua forma militar, o Exército da Salvação é, sob vários aspectos, uma igreja denominacional, e tem feito imensa obra beneficente a favor dos defeituosos e delinquentes.

c) "*Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar (pôr à prova) os que habitam sobre a terra*" (3:10).

O Senhor está anunciando que **guardará** (protegerá) o Seu povo da grande tribulação que virá sobre "*os que habitam sobre a terra*", o grande julgamento divino que virá sobre o mundo em pecado. Como foi nos dias de Noé, os cristãos entrarão na "arca", ficando protegidos contra os julgamentos que virão sobre a terra, em forma de chuva. Mais adiante neste nosso livro, falaremos sobre este período, o tempo dos flagelos e julgamentos que virão da parte de Deus trazendo julgamento a todo pecado, para a breve manifestação, em plenitude, do Seu **Reino**.

Perigos, bem como bênçãos sem igual, estão diante desta geração. É da maior importância que estejamos preparados para o que está para vir. O futuro não virá para nós como um "laço", como Cristo disse que viria para o mundo inteiro. Quando o "dilúvio" chegar, é necessário ter uma ARCA de segurança como Noé. Deus está preparando um veículo para nós, para que possamos atravessar em segurança as águas turbulentas que se levantam? Sim, o Senhor está restaurando a **Igreja do Novo Testamento** nos dias modernos. A maior proteção que o crente pode ter, é estar abrigado no redil de uma igreja local, edificada segundo o padrão do Novo Testamento. Muito depois que tenham perecido as organizações construídas

sobre a sabedoria do homem, as igrejas do Novo Testamento sobreviverão para serem o instrumento de Deus na terra. *"E as portas do inferno não prevalecerão contra ela"* (Mateus 16:18).

d) *"Venho sem demora"* (3:12). A palavra grega traduzida por "venho", é *erchomai*, palavra grega que está associada a uma manifestação espiritual de Cristo. Quando se refere aos tempos do fim, fala de uma manifestação do Cristo - **manifestação do espírito de Cristo** - dentro do Seu Corpo, nos seus santos (cf. **2 Tessalonicenses 1:10**). O Senhor lembra-nos a Sua **PARUSIA**. Ainda não é a Sua manifestação gloriosa, onde todo o olho o verá e toda a língua confessará o Seu Senhorio. A manifestação do Senhor nos seus filhos está levando a Igreja ao estado de maturidade espiritual, de plenitude de vida cristã. Isso é o que temos testificado a partir da pregação da Palavra do Reino, após o ano de 1950.

7ª Carta: A IGREJA do tempo do fim (meados do Século XX ...)

Carta à igreja em Laodicéia (Apocalipse 3:14-22)

Com a expressão: *"Estas coisas diz o AMÉM"* (vs. 14), o Senhor está afirmando que Ele é o cumpridor fiel dos propósitos de Deus. Esta é a Igreja do fim, a Igreja do tempo do cumprimento de todas as coisas. Semelhantemente, o título "o princípio da criação de Deus", exalta Cristo e descreve-O como autor da atual criação, como também da criação dos novos céus e nova terra a que se referem os últimos capítulos do Apocalipse e que estão diante desta Igreja.

Depois desta afirmativa, o Senhor passa, então, a descrever o perfil da Igreja atual. As características citadas demonstram o quadro geral das igrejas denominacionais de nossos dias.

Vimos anteriormente que o período compreendido entre os anos de 1500 a 1950, foram marcados pelo surgimento, estabelecimento e expansão das igrejas protestantes e pelas fases de reavivamento (ou períodos de restauração). Agora, a partir do ano de 1950, as igrejas protestantes e os movimentos passados de reavivamento entram em formalismo, frieza e perda da vitalidade espiritual. O quadro geral, portanto, das igrejas estabelecidas da atualidade, se espelha muito bem com a descrição da igreja de Laodicéia.

O remanescente fiel que vem desde o período referente à igreja de Filadélfia existirá lado a lado com a igreja de Laodicéia.

A Igreja, a qual é representada pela igreja de Laodicéia, é composta por todas as denominações cristãs da atualidade. Porém, vale lembrar, que há um **remanescente** ouvindo e andando na vontade de Deus, para os nossos dias. Semelhante ao que aconteceu nos dias da Reforma, Deus tem tirado o Seu povo da Babilônia (representada pelas denominações e também pelos sistemas político, cultural e financeiro). Há um remanescente se libertando das amarras da Babilônia, e prosseguindo para cumprir os propósitos de Deus para esta geração.

Em seu aspecto profético, a igreja de Laodicéia representa mais do que a indiferença ou a frieza espiritual. Representa a apostasia. Nos dias anteriores à Parusia de Cristo as condições serão péssimas, e o engano crescerá bastante.

Por tudo isso, damos graças a Deus por este livro está sendo escrito nestes dias, pois servirá para esclarecer o que temos passado como Igreja.

Vejamos, então, as características desta igreja (Igreja):

a) *"... nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio, ou quente"* (3:14). Perto de Laodicéia havia fontes de água mineral morna e emética, que o viajante sedento rejeitava com nojo. Este é o desgosto que Cristo sente para com uma igreja espiritualmente morna. Qualquer outra condição espiritual seria mais promissora. Este quadro esclarece exatamente o que temos visto em nossos dias e se intensificará



mais adiante: as nações não estão encontrando uma Palavra Viva, saudável e que sacie a sede de seu espírito, nas igrejas e denominações atuais. A Humanidade está sedenta, e as igrejas não estão satisfazendo a sua sede espiritual.

A estas igrejas a Palavra do Senhor tem sido “*estou a ponto de vomitar-te*”. O Senhor está rejeitando e se entediando com a condição espiritual das igrejas denominacionais.

b) “... *dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu*” (vs. 17).

Laodicéia era uma das cidades mais ricas da Ásia Menor. Três fatos que se conhecem acerca da cidade, lançam luz sobre esta carta: era um centro bancário de fabulosas reservas financeiras; as indústrias principais eram de tecido e tapetes de lã; possuía também uma faculdade de medicina. Ainda, orgulhosamente, recusou a ajuda de Roma quando foi destruída por um terremoto em 60 d.C.

A igreja local da cidade rica já abraçara a acomodada atitude prevalecente da **soberba** das riquezas. Imaginava que possuía grandes riquezas e virtudes espirituais cristãs. Porém, não sabe ela que as riquezas materiais produzem uma **conformidade fatal com os padrões morais mundanos** (cf. Os 12:8; Lucas 1:53).

“*Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestimentas brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os teus olhos, a fim de que vejas*” (vs. 18). O ouro simboliza a verdadeira riqueza celestial, a natureza de Deus, sem máculas (Mateus 6:19,20; Lucas 12:21). Vestimentas simbolizam decência espiritual, santidade e piedade. Colírio refere-se a percepção espiritual, visão do seu real estado espiritual e do que está para acontecer. O Senhor repreende a jactância (**orgulho**) espiritual da igreja em Laodicéia: “Seu centro bancário, seu colírio, sua lã preta não servirão para dar a riqueza, visão e decência espiritual”. Todo este quadro adapta-se muito bem às igrejas institucionais de nossos dias.

c) “*Eu repreendo, e disciplino a quanto amo. Sê, pois, zeloso, e arrepende-te*” (vs. 19). O Senhor promete disciplinar as igrejas e denominações atuais.

d) Os versículos 20 e 21 nos mostra que o Senhor está às portas e que aos vencedores é dado sentar-se no trono, para reger as nações, no Seu REINO.

A partir do ano de **1950** o Senhor tem confiado aos apóstolos e profetas a revelação sobre o **REINO DE DEUS**. Esta revelação tem abalado a terra, destruído principados e potestades, estabelecido o Senhorio de Jesus Cristo. Uma porta foi aberta, e ninguém poderá fechá-la. Uma nova dispensação inicia-se ...

II) A História da Humanidade (Apocalipse 4:1-12:21).

Faremos agora a análise do Livro de Apocalipse a partir do capítulo quatro. Mostraremos o paralelo que existe nas duas versões do drama das coisas que **SÃO** (PRESENTE, tendo como referência os dias em que viveu o apóstolo João), e das que **HÃO** de acontecer (FUTURO). Colocaremos os textos lado a lado e faremos alguns comentários necessários.

Nesta parte do livro iremos ter uma visão geral da **História da Humanidade**, contada do ponto de vista bíblico-apocalíptico. Os acontecimentos narrados nesta parte do Livro de Apocalipse são fatos que marcaram a História. É interessante notar que estes acontecimentos geralmente marcaram um fim de uma época e o início de outra.

Cabe aqui uma explicação a respeito do significado da palavra **Época**, que será básica para se compreender o que iremos tratar mais adiante. **Época** é um período de tempo cujo começo é marcado por um fato importante de ordem física ou moral (época do Dilúvio, época do Renascimento) ou por um *acontecimento notável* que se toma para origem de uma era (ou dispensação); pode ser ainda um espaço de tempo que medeia entre duas eras ou acontecimentos notáveis (a época do cativo babilônico, a época das Cruzadas).

É importante frisarmos que o Livro de Apocalipse contém “*Revelações de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer, e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João*” (1:1). Deus confiou estas revelações a Jesus Cristo que, por intermédio de seu anjo, foram confiadas ao apóstolo João para que as escrevesse num livro, conforme viu e ouviu.

Sendo assim, o **Livro das Revelações de Jesus Cristo** tem o intuito de glorificar a Deus, pois mostra a Sua Soberania (cf. 1:8), e a de Seu Filho Jesus Cristo (cf. 1:17,18).

A passagem de **4:1 a 5:14** contém a preparação do palco para apresentação do drama que se segue. O **livro selado**⁶ (5:1-14) contém os planos e propósitos de Deus para esta geração. No abrir de cada selo pelo Cordeiro, é desencadeado os acontecimentos que fazem a **História da Humanidade** pós-ressurreição de Jesus Cristo. **Cada cena confirma a Soberania de Deus sobre os destinos da Humanidade.**

Jesus Cristo cumpriu seu ministério na terra e ao vencer, sendo aprovado pelo Pai, possibilitou o desencadear dos propósitos de Deus. Ele abre os sete selos...

No início deste capítulo lembramos que não há repetição de ideias ou palavras nesta primeira narrativa, isso porque as passagens paralelas a seguir são **complementares** (paralelismo complementar), os versículos narram fatos vistos de aspecto diferentes mas que se complementam.

Colocaremos em **negrito** as palavras e frases que achamos mais importantes, depois faremos breves comentários.

⁶ “Selado com sete selos”. O número de selos sugere que o livro era um testamento, conforme os costumes da época. O testamento cerrado era executado depois da morte do testador, perante as sete testemunhas que o selariam. Abria-se, lia-se, e cumpria-se aquilo que o testamento dispunha. O plano divino já tinha sido feito de maneira irrevogável. Abrindo-se os selos, se prontificava para o desenrolar dos acontecimentos. Só Cristo controla e dá significado à História.

PRESENTE

Versão UM

1º selo (6:1, 2)

*“Vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos, e ouvi **um dos quatro seres viventes**, dizendo, como se fosse voz de trovão: **Vem**. Vi, então, e eis um **cavalo branco** e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer”.*

Os rabinos achavam que a aparição de um **cavalo branco** era sinal favorável, simbolizando vitória. Estas passagens complementam-se e estão se referindo ao grande evangelismo do princípio da era da Igreja, e está relacionado com o que vimos a respeito da Igreja Apostólica do Século I. O grande Evangelismo realizado pela Igreja primitiva levou as boas-novas da salvação (**Evangelho Eterno**) a “*cada nação, e tribo, e língua e povo*” do mundo conhecido do Século I. E, como consequência, houve a expansão da Igreja. **Estes foram acontecimentos que marcaram o início da era cristã.**

2º selo (6:3, 4)

*“Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente, dizendo: **Vem**. E saiu outro **cavalo vermelho**; e ao seu cavaleiro foi-lhe dado tirar a paz da terra para que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma **grande espada**”.*

Sem dúvida o **cavalo vermelho** simboliza algo ruim (derramamento de sangue), ele tira a paz, provocando guerra e morte entre os homens. A **espada** é um instrumento de morte; metaforicamente, significa a própria **guerra** (cf. Mateus 10:34) - a palavra **grande espada** indica **grande guerra**. Ainda observamos que esta **grande guerra** está relacionada com a queda da grande **Babilônia**.

Juntando-se estes dois fatos, observamos que os versículos em consideração se complementam, e estão se referindo à Guerra Santa (Cruzadas), guerra que está relacionada com a queda da grande Babilônia que, na Idade Média, era representada pelo Império Romano e pela Igreja Imperial Romana. Babilônia era o nome simbólico de Roma, atribuído pelos cristãos desde muitos anos (**1 Pedro 5:13**).

As Cruzadas, juntamente com a Guerra dos Cem Anos e a tomada de Constantinopla em 1453, foram eventos que marcaram o fim da Idade Média, pois contribuíram para a queda do Império Romano e o enfraquecimento da Igreja Romana.

Quando estudamos a carta à igreja em Pérgamo e a carta à igreja em Tiatira, observamos que Constantino mudou a capital do Império Romano para Bizâncio e denominou-a Constantinopla, “Nova Roma”, capital do novo império cristão. Também vimos que neste período o cristianismo foi institucionalizado, tornando-se a religião do Império. Esta associação do Império Romano com a Igreja Romana lançou o mundo no milênio da Idade das Trevas.

Agora, esta profecia de Apocalipse nos mostra, e a História confirma, que o fim da Idade Média foi marcado pela queda do Império Romano e da hegemonia imperial da Igreja Romana (a “**Grande Babilônia**”).

Versão DOIS

1º anjo (14:6, 7)

*“Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um **evangelho eterno para pregar** aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo, dizendo, em grande voz: **Temei a Deus e dai-lhe glória**, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”.*

2º anjo (14:8)

*“Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: **Caiu, caiu a grande Babilônia** que tem dado de beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição”.*

As **Cruzadas (Guerra Santa)**, 1095-1272, são, sob vários aspectos, o fenômeno mais notável da Idade Média. Muitas são as suas causas. Dentre elas podemos citar:



a) O *fervor religioso da Idade Média*.

A piedade desse tempo valorizou as relíquias e as peregrinações. E que relíquia mais preciosa poderia haver, ou peregrinação mais significativa do

que à terra santificada pela vida, morte e ressurreição de Jesus? Desde os dias de Constantino aquela fora a terra das peregrinações. Tornaram-se numerosas no Século XI até a conquista da maior parte da Ásia Menor pelos **turcos**, a partir de 1071, e a tomada de Jerusalém.

b) Para *conter a expansão dos turcos*, que humilhavam os peregrinos na Terra Santa. Esta foi a causa imediata das Cruzadas.

c) O *desejo dos cristãos em obter, diretamente nos países de origem, as especiarias, sedas, marfim* e outros produtos muito procurados na Europa; dentre outros.

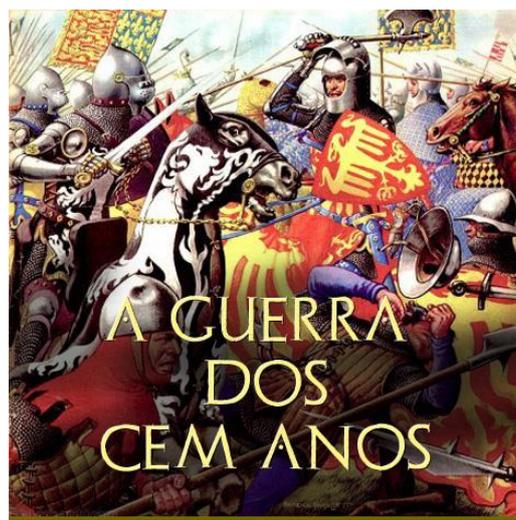
As Cruzadas foram um fracasso, se as considerarmos pelos seus objetivos. Elas não conquistaram de modo algum a Terra Santa. Foi muito **grande o seu custo de vidas e em bens**.

Com tudo isso, porém, o poder da Igreja Romana foi enfraquecendo-se. Também o Império Romano sofreu profundos abalos, que veio a culminar com a sua queda, quando da tomada de Constantinopla pelos turcos no ano de 1453.

Mas as Cruzadas trouxeram alguns benefícios para a Humanidade. Pois estimulou o comércio das cidades europeias com o Oriente. Ampliou-se muito o horizonte mental do Ocidente. Milhares que haviam crescido em densa ignorância e estreita pobreza mental foram postos em contato com magníficas cidades e com a antiga civilização do Oriente. Por toda parte houve despertamento intelectual. A época testemunhou o mais alto desenvolvimento teológico do Medieval - o escolástico. E dentro e fora da Igreja presenciou grandes movimentos religiosos populares. Viu, ainda, o desenvolvimento das universidades. Começou a florescer a literatura moderna no vernáculo. Grande desenvolvimento artístico, a arquitetura nacional do Norte da França.

Guerra dos Cem Anos, 1337-1453, entre a França e a Inglaterra, foi a primeira grande guerra europeia que provocou profundas transformações na vida econômica, social e política da Europa Ocidental. Em seu primeiro período começou a Peste Negra.

Esta guerra veio a fortalecer a Monarquia Nacional, que era um sistema de governo caracterizado pelo poder real com a formação de um Estado Nacional. Para que o poder do rei pudesse exercer-se sobre toda uma nação, era necessário a destruição dos poderes sobreviventes da Idade Média, o particularismo (feudalismo, municipalismo) e o universalismo (papado e Império Romano). Desta forma, a **Guerra dos Cem Anos contribuiu para o enfraquecimento do Sacro Império e do Império Romano**.



3º selo (6:5, 6)

“Quando abriu o terceiro selo, ouvi o segundo ser vivente, dizendo: Vem. E saiu outro **cavalo preto** e o seu cavaleiro com uma **balança na mão**. E ouvi uma como que voz no meio dos quatro seres viventes, dizendo: Uma medida de trigo por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho”.

O **cavalo preto** é um símbolo de lamento ou aflição. Sendo assim, ele está tipificando a **peste negra**.

Peste Negra. De origem oriental, o vírus dessa peste foi introduzido na Europa em 1348 e se propagou com grande rapidez. Em pouco tempo, a Peste Negra dizimou entre *um terço e a metade da população europeia*. A difusão do vírus da peste foi facilitada por uma série de fatores. Um dos principais foi a inadequação da estrutura urbana à concentração demográfica. Em outras palavras, as cidades daquela época não eram planejadas.

A **Balança na mão** do cavaleiro sugere **escassez de alimento**, falta de provisão. O que é confirmado pela expressão: “Uma medida de trigo por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho” (6:6). A comida básica se vende a preço de ouro, sendo que a provisão de um dia se comprará pelo salário dum dia de trabalho (Mateus 20:3). Normalmente, um denário (vs. 6) compraria entre doze e quinze vezes a comida necessária para um homem.

A escassez de alimento foi um outro problema que assolou a Europa, juntamente com a Peste Negra. O motivo foi a insuficiência da produção agrícola, provocada pelo regime de trabalho no sistema feudal. Enquanto o mercado consumidor aumentava, a produção agrícola nas propriedades feudais se mantinha parada ou crescia muito pouco. Por isso, a população das cidades, que crescia rapidamente, não dispunha da quantidade necessária de alimentos. Observe o seguinte trecho que descreve a situação daquela época:

“Os franceses sofriam então a fome; as piores colheitas se sucediam uma atrás da outra, fazendo os preços dos cereais subirem a um nível nunca visto. Os comerciantes desonestos se aproveitavam da miséria alheia. Havia pouco pão e o preço era alto. Os pobres supriam a fome comendo raízes e ervas selvagens”.

A passagem de **Apocalipse 14:9-13** tem alguns tópicos importantes e que estão relacionados à mesma época a que se referiu a passagem de **Apocalipse 6:5, 6**.

(14:9-13) fala da **besta** e a sua **imagem**, **perseverança dos santos** e ainda se refere aos que **morrem no Senhor**. Ainda estamos na Idade Média e tudo isso se refere ao período da **Inquisição**.

No começo do Século XIII, a situação da Igreja Romana era dúbia. Para tentar preservar a autoridade da Igreja, foi criada a inquisição.

3º anjo (14:9-13)

*“Seguiu-se outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a **besta** e a sua **imagem**, e recebe a sua marca na fronte, ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre ... Aqui está a **perseverança dos santos**,... Bem-aventurados os mortos que desde agora **morrem no Senhor**...”*



A **Inquisição**, denominada “**Santo Ofício**”, foi instituída por Inocêncio III⁷ e aperfeiçoada sob o segundo papa que se seguiu, Gregório IX. Veio a se tornar um órgão terrível. Era o tribunal eclesiástico, ao qual incumbia prender e castigar os considerados hereges pela Igreja Romana. Todos os suspeitos de heresia estavam sujeitos a torturas, sem saber quem os havia acusado. O processo corria, secretamente.

No período que se seguiu imediatamente a Inocêncio III, a Inquisição executou sua obra mais fatal no sul da França, com o massacre dos albigenses, mas a ela coube a responsabilidade de vastas multidões de vítimas na Espanha, Itália, Alemanha e Países Baixos. Mais tarde, foi ela a principal agência do esforço papal por esmagar a Reforma. Afirma-se que nos 30 anos, entre 1540 e 1570, nada menos de 900.000 protestantes foram mortos, na guerra movida pelo papa com o fim de exterminar os valdenses. Imagine-se o que não era frades e padres, insensivelmente cruéis e desumanamente brutos, a dirigirem a obra de torturar e queimar vivos homens e mulheres inocentes; e faziam isto em nome de Cristo, por ordem do seu “vigário”.

A inquisição foi um dos fatos mais infame da História. Foi inventada pelos papas e usada por eles, durante 500 anos, na manutenção do seu poder.

O papado era o símbolo da **besta** e a inquisição era sua **imagem**, sua criação. Segundo a profecia de Apocalipse que estamos analisando, todos os que adoravam (serviam ou se submetiam) ao papado e à Inquisição, e permitiam que sua filosofia e ideais tomassem parte dos seus pensamentos (“**sua marca na frente**”) e de suas ações e feitos (“**marcas sobre as mãos**”), a estas pessoas será dado “*beber do vinho da cólera de Deus*”... o inferno.

Entretanto, o Senhor elogiou a “**perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus**”. E aos que foram mortos, durante o período da inquisição, por causa do nome do Senhor é dito: “*Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor... para que descansem de suas fadigas, pois as suas obras os acompanham*” (14:13).



4º selo (6:7, 8)

“Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizendo: *Vem. E olhei um cavalo amarelo e o seu cavaleiro, sendo este chamado MORTE: e o Inferno o estava seguindo, e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à ESPADA, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra*”.

4º anjo (14:14-16)

“Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça um coroa de ouro, e na mão uma **foice afiada**. Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: *Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já secou. E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada*”.

⁷ Inocêncio III, 1198-1216, foi o papa mais poderoso da Idade Média. Declarou-se “vigário de Cristo”, “vigário de Deus”, “soberano supremo da Igreja e do mundo”, com o direito de depor reis e príncipes; que “todas as coisas da terra, no céu e no inferno estão sujeitas ao vigário de Cristo”. Levou a Igreja Romana a sobrepor-se ao Estado. Os reis e praticamente todos os monarcas da Europa se **submetiam** à sua vontade. Nunca, na História, um homem exerceu maior autoridade do que ele. Ordenou duas cruzadas. Decretou a transubstanciação. Declarou que o sucessor de Pedro “nunca e de modo algum podia apartar-se da fé católica” (infallibilidade papal). Proibiu a leitura da Bíblia em idioma próprio de um país. Ordenou o extermínio dos “hereges”. Mandou massacrar os albigenses. Mais sangue foi derramado durante seu pontificado e dos seus imediatos sucessores do que em outro qualquer período da História da Igreja, salvo no esforço papal por esmagar a Reforma, nos séculos 16 e 17. Dir-se-ia que Nero, a **BESTA**, tinha revivido, assumindo o nome de cordeiro.

As quatro pragas, **espada**, e **fome**, e **pestes**, e **feras da terra**, são símbolos dos quatro maus castigos de Deus (leia atentamente **Ezequiel 13:12-21**).

A colheita feita com a **foice**, que é um instrumento utilizado para podar, representa um ato de juízo, **juízo**, como é observado em Joel 3:13. A foice é manuseada por um “semelhante a filho de homem”, que é um anjo, no caso, **chamado de Morte**.

Vale ainda lembrar o emprego do número quatro aqui. Este número está presente na pessoa do quarto ser vivente e nas quatro pragas. O número quatro subentende universalidade. Logo, este castigo deve se referir a uma guerra que atingiu os quatro cantos da terra.

Qual fato na História poderia se enquadrar neste quadro de morte, espada (em grego, a palavra se refere à **espada de guerra**), fome, bestas feras?

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

No início do Século XX, as relações políticas entre as grandes potências europeias eram resultado de tratados assinados, na maioria das vezes, sob pressão, desconfiança, interesses econômicos e imperialistas. Não eram sinceras nem cordiais. Na Europa, embora houvesse paz, reinava a incerteza, o espírito de competição, o orgulho nacional. Vários foram os motivos, alguns remontando a 1870, que deram origem à Guerra, responsável por milhões de vítimas e destruições sem precedentes.

Praticamente o mundo todo sofreu, de uma ou de outra forma, as consequências da Grande Guerra. Essa é uma das razões por que ela é também denominada Primeira Guerra Mundial.

Uma das consequências da Primeira Guerra Mundial, no campo econômico, foi a grande **Crise de 1929**, ocorrida nos Estados Unidos, mas que se expandiu por quase todos os países do mundo. A razão principal dessa expansão foi a relação de dependência econômica existente entre os Estados Unidos e grande número de países que com ele mantinham transações comerciais. Os que mais sofreram foram os que tinham recebido capitais norte-americanos sob a forma de empréstimos ou investimentos, já que de uma hora para outra eles foram retirados.

Em todo mundo, os países agrícolas arruinados não podiam adquirir produtos dos países industrializados, que também estavam arruinados. O trabalho agrícola e o industrial encontravam-se face a face, de braços cruzados, com seus estoques invendáveis a seus pés. Nos Estados Unidos a produção declinou. De 1929 a 1933, a produção do aço baixou de 56 para 13 milhões de toneladas. O número de desempregados chegou a 12 milhões.



5º selo (6:9-11)

*“Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar aqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamando em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que **repousassem** ainda por pouco tempo, até que tenham se **completado o número dos seus conservos e seus irmãos** que iam ser mortos como igualmente eles foram”.*

5º anjo (14:17)

*“Então saiu do santuário, que se encontra no céu, outro anjo, tendo ele mesmo **TAMBÉM** uma **foice afiada**”.*

Um outro anjo, **TAMBÉM**, tendo **uma foice afiada**. Semelhantemente ao que vimos anteriormente, este episódio se refere a uma guerra:

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

As esperanças dos países europeus de uma paz duradoura com o fim da Primeira Guerra Mundial foram mera ilusão. O comportamento revanchista dos vencedores da Primeira Guerra Mundial; a crise de 1929 e suas graves consequências políticas e sociais em quase todos os países da Europa; o surgimento dos governos nazifascistas - totalitários, militaristas e expansionistas; e o fracasso da Liga das Nações, todos esses fatores reunidos criaram as condições para que novo conflito eclodisse, envolvendo todas as nações europeias e a maior parte dos países do mundo, no período de 1939 a 1945.



Nos dias **6 e 9 de agosto de 1945**, iniciam uma nova fase na história dos Homens: as bombas atômicas que caem em Hiroshima e Nagasaki põem um ponto final à Guerra Mundial. Mas, ao mesmo tempo, este duplo bombardeio inicia o que foi chamado de Estado de Guerra Permanente: conflitos ideológicos, políticos, econômicos, guerras convencionais resultam do confronto entre os EUA e seus Aliados e a URSS e os Países comunistas.

A principal consequência imediata do fim da guerra foi a radicalização das divergências entre os dois blocos que se formaram: de um lado a União Soviética e seus países-satélites (Stálin reuniu e constituiu, pela intimidação e pela força militar, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em dezembro de 1922); de outro, os países capitalistas liderados pelos Estados Unidos. Ainda, para revitalizar sua economia depois da guerra, a Europa procurou a integração econômica, através da criação do Mercado Comum Europeu.

No fim da Guerra, os Estados Unidos se afirmam como figura de proa do mundo ocidental. A sua primazia mundial não se discute: os EUA são o único país que o conflito não abalou. Pelo contrário: seu poderio financeiro e econômico se revela fabuloso. Por quê? Por duas razões. A primeira: souberam vencer rapidamente a Crise dos anos 30, graças ao *New Deal* do Presidente Roosevelt; a segunda: a Guerra Mundial foi muito proveitosa para a economia dos EUA.

Do afã stalinista de expansão na Europa Central e da política de assistência dos Estados Unidos (que visa a preservação e a extensão do seu mercado e domínio), decorre o endurecimento das posições hostis entre as duas potências. A ruptura acontece em março de 1947 quando da Conferência dos Quatro Grandes (EUA, URSS, Reino Unido e França), em Moscou, ao não conseguirem definir o estatuto da Alemanha vencida. Esse fracasso acarreta a divisão da Alemanha, simbolizando o corte do mundo em dois campos ideológicos adversos. É o início da “Guerra Fria”.

A Guerra Fria trata-se de uma guerra de posição na qual cada adversário entrincheirado espera o assalto do outro. Esta divide-se em duas fases: **Primeira, de 1947 a 1949** quando Marshall elabora um Plano de Reconstrução Econômico para a Europa, para o período de 1947-1949 e que teve como resposta a criação da OEA (Organização dos Estados Americanos); a **Segunda a partir de 1950**, iniciada pela criação, em abril de 1949, da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

Observe a data de 1950. Temos tomado esta data como sendo o início de um novo período para o mundo e para a Igreja de Cristo. Para consolidar ainda mais o significado desta data, vale lembrar que no ano de **1948** Israel foi reconhecido como Estado, fato que, profeticamente, tem muito significado.

O mundo de hoje, fruto da Segunda Guerra Mundial, é completamente diferente daquele de 1939. Mudanças econômicas, sociais, políticas e culturas alteraram profundamente a feição do globo, a ponto de muitos historiadores falarem de uma nova época da História depois de 1945.

Depois destas duas últimas Guerras, a reação dos santos não poderia ser outra: *“Clamando em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?”* Porém, o Soberano Senhor da História tranquilizou-

os e disse para continuarem dormindo; Ele "adia" o dia da primeira ressurreição e do juízo final, até que o número dos santos seja completo (cf. Romanos 11:12-16). Compare, ainda, esta passagem com o que é dito em Hebreus 11:37-40.

6º selo (6:12-7:17)

Alguns versículos.

“Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então todos os montes e ilhas foram movidos dos seus lugares. Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos, e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes, e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondi-nos da face daquele que se assenta no trono, e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande dia da ira deles; e quem é que pode suste-se?...

(7:1) Os ventos são seguros. Proteção da terra, mar e árvores.

(7:3, 4) “Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos em suas frentes os servos do nosso Deus. Então ouvi o número dos que foram selados, que era 144.000, de todas as tribos de Israel...”

(7:14...) “São estes os que vêm da grande tribulação... aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo” ...

O sexto anjo age juntamente com o anterior, que tem a foice afiada e provocou a Segunda Guerra Mundial. O anjo que tem autoridade sobre o fogo falou ao que tem a foice afiada para ajuntar os cachos da **videira da terra**. O que significa esta videira? Estamos ainda no período da Segunda Guerra e a videira representa os **judeus**. Mas, uma foice será usada para juntar uvas? Esta visão representa um julgamento vindo de Deus contra os judeus no período da Guerra.

O Estado Nazista, criado por Adolfo Hitler, era bastante autoritário. Hitler considerava o capitalismo internacional, o marxismo e os judeus, fontes de todas as calamidades da Alemanha. Por esta causa decidiu **exterminar os judeus**.

As maiores vítimas do nazismo na Europa foram os judeus. Há menos de um mês no poder, Hitler já come a perseguição dos judeus. Numa progressão paranoica, culminou com a determinação de extermínio puro e simples, feito de forma sistemática e científica. Não se pode garantir com exatidão o número dos

6º anjo (14:18-20)

Este anjo age juntamente com o anterior.

“Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem autoridade sobre o fogo, e falou em grande voz ao que tinha a foice afiada, dizendo: Toma a tua foice afiada e ajunta os cachos da videira da terra, porquanto as suas uvas estão amadurecidas! Então, o anjo passou a sua foice na terra, e vindimou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da cólera de Deus. E o lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios”.



Holocausto: exterminar os judeus

judeus mortos nos campos de concentração; cálculos oficiais garantem que de 5 a 6 milhões foram eliminados, sem incluir nessa cifra os que morreram de fome e doença nos guetos. Mais de 2/3 dos judeus da Europa foram mortos. Os judeus não produzem uva, mas sim, sangue em quantidade enorme.

"*O lagar foi pisado fora da cidade...*" Que cidade? Jerusalém! A perseguição dos Judeus deu-se fora da Palestina, deu-se na Europa. Mas, devido a toda esta perseguição, os Judeus migraram para a Palestina e em 1948 lutaram e conseguiram sua independência política.

"... *e saiu sangue do lagar até os freios dos cavalos, pelo espaço de 1.600 estádios*". Foram tantos os números das vítimas que o sangue se elevou até à altura dos arreios dos cavalos. 1.600 é um número de uma tremenda provação, pois equivale a 40 x 40. Ainda, 1.600 estádios (um estádio é igual a 8 ou 5 metros) dariam cerca de 300 Km. Alguns têm observado que isso equivale mais ou menos ao comprimento da Palestina. Isso confirma que o sangue derramado pertencia aos judeus.

A descrição dos efeitos do SEXTO SELO origina-se de numerosas Escrituras, inclusive os Evangelhos. O pensamento subjacente destas *perturbações cósmicas* é a impossibilidade que continuasse a viver sob tais circunstâncias; **o fim está próximo, é vindo o grande dia da sua ira** (6:17).

Para o terremoto como um sinal do fim cf. Ezequiel 39:19; para o sol e a lua, Joel 2:31; para a queda das estrelas e o retirar-se do céu, Isaías 34:4; para a petição aos montes, Oséias 10:8; para o grande e insuportável dia da ira, Joel 2:11. Tudo isso indica o período da grande tribulação que há de vir sobre a terra. Porém, um **remanescente** será protegido pelo selo de Deus (7:4), porque "*aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo*" (7:17).

Pode-se perceber de imediato que estes versículos descrevem, de modo definitivo, uma série de juízos, e não qualquer acontecimento em particular. Haverá várias perturbações cósmicas - trataremos deste assunto mais adiante.

Preparação para entrar em outra cena (12:1 a 14:5)

"Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora" (vs. 8:1).

Esta expressão indica uma preparação para entrar em outra cena. Aqui se deve ler a passagem de **12:1-14:5** - esta passagem contém uma narração mais detalhada do que foi dito no sexto selo e também é sua continuação.

Observe que em **12:1, 3** fala de um grande sinal no céu e **15:1** é a sua continuação. E o verso **15:2** fala dos vencedores da besta e de sua imagem, o que veremos a seguir.

Antes de analisarmos a passagem de 12:1 a 14:5 é importante que nos localizemos no tempo, para tanto, **observe cuidadosamente o esquema na página 56**. Este quadro resume os eventos até agora estudados segundo o Livro de Apocalipse.

É interessante notar o paralelo que existe entre os acontecimentos que marcaram a História da Igreja e a História da Humanidade. Em determinados pontos da História, como no Século I e na Idade Média, por exemplo, os fatos ocorridos com a Igreja vieram a marcar profundamente a História da Humanidade.

Agora, porém, quero chamar a atenção do leitor para os anos de 1945 a 1955. Este período de tempo marcou o fim da Segunda Guerra Mundial, o que levou o Mundo a entrar no período da era moderna. O decênio 1945-1955 definiram as feições do mundo contemporâneo, devido à remodelação do planeta sob o impacto da Segunda Guerra Mundial - como vimos anteriormente.

Como referência, também, em **maio de 1948** foi criado o **Estado de Israel**. E neste mesmo ano ocorreu o Reavivamento no país de Gales.

Devido a estes fatos, e outros ocorridos no "ventre" da Igreja, temos tomado o ano de **1950** como sendo o início de um novo período, tanto para a Igreja como para toda a Humanidade. Esta data é importante e ainda está relacionada com o **Ano de Jubileu**.

O **Ano de Jubileu**, ou **Dia da Expição**, é mencionada em **Levítico 25**. Segundo esta lei, uma grande transformação tinha lugar em Israel a cada **50 anos**. **Trombetas soavam**, escravos eram livres e tudo devia ser restaurado, era o dia da libertação. Nessa ocasião todos os escravos judeus eram libertados, e todos os homens voltavam para a sua herança original. Porém, há uma razão muito mais profunda para

esta lei. Ela tem um significado espiritual, e apresenta à humanidade a esperança de que Deus estabeleceu um Dia quando toda escravidão cessará, e tudo o que Deus deu à humanidade no princípio, será restaurado.

O apóstolo Paulo escreveu em 1 Coríntios 15:32 a respeito da "última trombeta", que se refere ao soar da trombeta do Jubileu, ele associa o soar desta trombeta com uma grande transformação que virá para a humanidade, de imortalidade revestindo o mortal, de incorrupção revestindo a corrupção.

Mas o que ele queria dizer com "última trombeta"? Note que por ocasião da dedicação do primeiro templo de Israel em **2 Crônicas 5:21**, havia **120 sacerdotes tocando trombetas**. Todo o templo fora terminado, todas as coisas santas colocadas nos seus lugares, e quando as 120 trombetas foram tocadas, então a glória e a presença de Deus entraram e encheram o templo. Note agora em **Atos 1:15** que, por ocasião da dedicação da Igreja primitiva, o Templo vivo de Deus, havia **120 "sacerdotes"** de uma nova ordem, tocando as suas trombetas em 14 línguas diferentes (Atos 2:8). A glória de Deus encheu este "Templo" de tal maneira, que 3.000 pessoas vieram a Cristo. Este foi o *segundo testemunho das 120 trombetas*. Mas dois não é o número completo. É necessário que haja uma terceira vez.

Desde a queda de Adão até Abraão houve 2.000 anos, ou 40 vezes 50 anos. Quarenta períodos de Jubileu passaram sobre a humanidade, quarenta trombetas foram tocadas no céu, à guisa de promessa. Mas quarenta não era o fim. Com Abrão, Deus restabeleceu a Sua promessa. Outros 40 Jubileus passaram-se, e em mais 2.000 anos veio Jesus Cristo. Mas 80 não era o fim. Com Jesus, Deus pagou a dívida da humanidade, e comprou a sua redenção. A passagem de 1 Pedro 1:4, 5 nos diz que ela vai ser revelada nos últimos tempos. E agora, dede a vinda de Jesus Cristo, passaram-se **39 períodos de Jubileu**, o que coloca, confirmando o que vimos tratando, o ano de 1950 ($39 \times 50 = 1.950$) como um marco de mais um Jubileu, caso você considere o ano de nascimento de Jesus o ano zero. Isto forma um total de 119 trombetas do Jubileu que soaram desde à época de Adão. **Hoje, então, estamos no tempo da última trombeta...**

Realmente o ano de **1948** marcou o início do Jubileu para os Judeus, com a formação do Estado de Israel - precedido por uma experiência de expiação. E, no ano de **1950**, também, começou a ser pregada (soar da trombeta) a **revelação do Reino de Deus** pelo apóstolo John Stevens (foto ao lado). Mensagens do Reino você encontra no **Portal ReinoNet**: <https://reinonet.com.br/>



O nascimento de uma nação: palco improvisado, estrelas de Davi e a histórica declaração do patriarca David Ben-Gurion

História da Igreja

- . Nascimento de Jesus Cristo
Século I
- . A Igreja Apostólica
- . Evangelismo e Crescimento da Igreja Primitiva

Século II e III

- A Igreja Perseguida

312 a 500 d.C.

- A Igreja Imperial

500 a 1500 d.C.

- Igreja na Idade Média
(Idade das Trevas)

1500 ao Século XVIII

- Igreja da Reforma
1483-1546 (Martinho Lutero)
- . Reforma Protestante
1703-1791 (João WeSalmosey)
- . Movimento de Santificação

Século XIX e XX

- Igreja das Missões
(Crescimento/expansão das igrejas Protestantes)
1829-1912 (William Boot)
- . Exército da Salvação
1948 (Evan Roberts)
- . Reavivamento de Gales

Século XX ...

- Igreja do Tempo do Fim
1950 ...

História da Humanidade

- . Nascimento de Jesus Cristo
Século I
- . Surgimento e expansão do Cristianismo pelo Império Romano.

1095-1272 d.C.

Cruzadas (Guerra Santa)

1337-1453 d.C.

Guerra dos Cem Anos

Enfraquecimento do Império Romano e da Igreja Romana.

1348 d.C.

Peste Negra

1540-1570 d.C.

- Inquisição

Perseguição e morte de Protestantes.

1914 a 1918 d.C.

- Primeira Guerra Mundial

1939 a 1945 d.C.

- Segunda Guerra Mundial

1948 - Criação do Estado de Israel

É sobre este período, que se **iniciou no ano de 1950**, aproximadamente, que se refere a passagem de **Apocalipse 12:1 a 14:5**. É importante frisar que esta passagem narra um período de transição que começou após a 2ª Guerra Mundial e vai até os nossos dias (mais especificamente os anos de 1989 a 1991..., como veremos mais adiante).

(12:1-17) - Sinais no céu... A mulher e o dragão.

Para compreendermos o que significa esta narrativa, passo a transcrever - com alguns comentários adicionais - trechos da literatura “A Gravidez da Igreja” (Série: Batismo no Corpo), 1990, pelo irmão Benedito Borges.

Mulher, Figura da Igreja.

“Mulher, na Bíblia, simboliza a igreja. Quando é uma mulher pura, pode ser comparada à Igreja de Cristo, por exemplo. A Bíblia fala sobre a noiva de Cristo, esposa do Cordeiro (Apocalipse 21:9). Várias mulheres podem servir como figura da Igreja; acredito que a mais coerente é a própria Maria, que trouxe à luz Jesus Cristo, o nosso Senhor e Salvador; houve humildade, pureza e submissão nela que devem ser características da verdadeira Igreja de Cristo, agora. Veja o que Paulo escreve em Efésios 5:27 e 1 Coríntios 11:2.

Os Problemas da Gravidez.

Creio que a gravidez de Jesus seja a que tenha criado o maior problema para a vida de Maria, pois o seu marido, José, ainda não a tinha recebido como esposa e, de repente, ela se encontra grávida. Você acha que o povo ia aceitar a explicação de que ela estava grávida do Espírito Santo? Lembre-se de que José só a aceitou por uma palavra dada por um anjo (Mateus 1:18-25); não foi?

Ela correu o risco de ser apedrejada pelo fato de aceitar a vontade de Deus para a sua vida (João 8:5). Será que não temos muita coisa em comum com Maria? A Palavra (semente) tem gerado Cristo em nós e por isso, às vezes, temos que carregar o opróbrio de Cristo, por termos uma revelação que nem todos têm tido (Hebreus 11:26).

Sem Aparência de Igreja.

Na gravidez muitas mudanças ocorrem: a mulher perde aquele jeito gracioso, há um aumento de peso; às vezes, aparecem varizes e manifestações como desejos estranhos ou enjoo, algumas são tomadas de muito desânimo.

Desde que temos recebido esta Palavra (a Palavra do Reino, em 1950) muitas mudanças têm ocorrido e, como igreja nos termos tradicionais, estamos desfigurados, muitas pessoas nem nos consideram como igreja por não termos pastores formados em seminários, não usarmos paletó, gravata ou colarinho clerical; uma boa parte das nossas igrejas nem templo possui, reúnem-se em casas. E, pelo fato de não pregarmos na rua ou fazermos companhia de evangelismo, somos como uma igreja apóstata.

Há Algo Sendo Gerado Bem Aqui Dentro de Nós.

Somos uma igreja grávida. Os esforços que antes eram gastos correndo de um lado para o outro para fazermos a obra de Deus, agora têm sido canalizados para estarmos na presença d’Ele, esperando que o Cristo seja gerado e cresça em nós até que venha à luz na Sua plenitude (Gálatas 4:19).

Assim como não compreenderam Maria, talvez não nos compreendam também, pois a energia que poderia estar sendo gasta em um movimento externo, visível, está direcionada para algo interno, no espírito. Há algo de Deus sendo gerado bem aqui, dentro de cada um de nós.

Algo Tremendo Ainda Não Veio à Luz.

Há algo vivo dentro de nós que tem sido gerado pela Palavra Viva do Senhor, mas que ainda não foi manifestado; acredito que é algo tremendo que ainda não veio à luz. Quando vier, o mundo vai conhecer o maior mover de Deus na face da terra. “Este evangelho do Reino será pregado no mundo todo, então virá o fim” (Mateus 24:14).

Perfeita Varonilidade.

Entre os alvos a serem alcançados pela Igreja, que é figurada pela mulher (Efésios 4:11-13), encontramos a ‘perfeita varonilidade’, que fala do Filho varão que será gerado, formado e virá à luz através da Igreja (noiva de Cristo - esposa do Cordeiro).

A Igreja dos Primogênitos.

*(Hebreus 12:23). Quando nos referimos à Igreja como mulher, também nos referimos a Cristo como o cabeça da Sua esposa, que é o Corpo no sentido de marido e mulher. Mas, quando nos referimos ao Filho varão ou à varonilidade da Igreja, estamos nos referindo à Igreja dos primogênitos, assim como Ele é o primogênito (Colossenses 1:15) de uma nova geração. Só que Ele é também o **Cabeça**; isto quer dizer que haverá **um Corpo** de primogênitos no mesmo nível de autoridade de Jesus, e foi dito que este Corpo fará as mesmas obras que Ele fez (João 14:12).*

O Lado Feminino e Masculino.

*Há duas formas de se interpretar isso: a primeira seria dizer que a Igreja apresentada como mulher, noiva, esposa de Cristo, vai se desenvolver até chegar ao nível de maturidade, passando assim do estado feminino para o masculino, alcançando assim a varonilidade que se refere Ef 4:13. A segunda seria admitir que **dentre** (no ‘ventre’) **da Igreja, que é a mulher, é gerado um grupo que será o Filho varão e que a característica mais importante será a maturidade.** Lembre-se do Salmo dois, versos sete e oito.*

A Figura da Igreja no Apocalipse.

O capítulo 12 de Apocalipse fala sobre uma mulher, e pela forma como é apresentada, não temos dúvidas de ser uma figura da Igreja. O texto fala sobre dois sinais no céu; isto indica que é algo que acontece em um nível espiritual, onde a luta é travada ‘nos lugares celestiais’ (Efésios 6:12).

O primeiro sinal (12:1) é a mulher (Igreja) numa posição espiritual, vestida de sol (Jesus) em glória, com a lua (fases espirituais: altos e baixos) debaixo dos pés, uma coroa (autoridade) na sua cabeça. Mas a evidência maior é que esta mulher encontra-se grávida (12:2) e, ainda para confirmar, o filho que espera é um filho varão (maduro). Será tudo isto coincidência ou realmente é uma revelação do que está para acontecer? Veja que ela já sente dores de parto (intercessão). Creio que as coisas estão mais próximas de acontecer do que podemos pensar.

O outro sinal é o dragão (diabo) - (12:3) - que também aguarda o nascimento deste filho para devorá-lo. Note que a sua calda arrasta (derruba) a terça parte das estrelas dos céus (líderes de movimentos evangélicos) e lança-os por terra (12:4), e em contraste a isto a mulher dá à luz ao filho varão e este é arrebatado (elevado) ao céu (ao trono de Deus) (12:5). Autoridade: que também é representado pelo cetro de ferro para reger as nações. Note, também, que, após dar à luz, inicia-se uma perseguição: o dragão perseguindo a mulher (Igreja) - (12:13,14). Mas Deus dá a ela duas asas da grande águia e ela voa para o deserto, para o lugar que Ele preparou a fim de que seja sustentada durante um tempo, tempos e metade de um tempo (1.260 dias), ou três anos e meio.

Um Rio no Deserto

(12:15-18) Veja que ainda a serpente (Satanás), ao perseguir a mulher (Igreja), lança da sua boca um rio em direção a ela, a fim de arrebatá-la.

*Em um tempo de deserto não se pode confundir: nem todo rio é rio (manancial) de Deus; **o engano crescerá muito nos últimos dias** (1 Pedro 2:1-3). Mas, veja também, que a terra abre a sua boca e engole o rio em proteção à mulher. Há alguns estudiosos da Bíblia que dizem que a terra será a forma de sustento nos dias futuros, quando haverá dinheiro, mas não haverá o que comprar; o sustento virá da terra (agricultura). O capítulo 12 termina mostrando que a batalha continua com o dragão irado, indo pelejar com os outros descendentes da mulher, aqueles que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus”.*

Este trecho transcrito descreve muito bem tudo o que temos passado hoje, como Igreja do Senhor Jesus Cristo. Está sendo gerado no “ventre” do Corpo de Cristo (a Igreja, a Mulher) um Filho Varão, constituído de cristãos maduros. Estes enfrentarão lutas com Satanás - por isso é que temos recebido todo um aprendizado sobre guerrear no espírito. Mas, segundo a passagem de Apocalipse 12:7-12, teremos vitória...

Ainda notamos a classificação em três grupos de crentes: os que compõem o filho varão, os que guardam os mandamentos de Deus (os Judeus) e os que têm o testemunho de Jesus (demais cristandade, composto pelas denominações cristãs). Todos participarão do confronto contra o dragão, mas cada um em um nível.

(13: 1-10) - A besta que emerge do mar.

No versículo 1, tanto a evidência dos manuscritos, como o contexto, favorece a seguinte tradução: “*ele ficou em pé sobre a areia do mar*”. O dragão (Satanás), tendo falhado, ele só em esmagar a Cristo e a Seu povo, chama ao seu lado um ajudador - a besta que vem subindo do **mar** -, e lhe dá o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Esta será representada por sete cabeças sobre a qual há nomes de blasfêmia.

O **mar** é um ótimo símbolo da superfície agitada da humanidade não regenerada e, especialmente, do turbilhão da vida social nacional do qual surgem os grandes movimentos históricos do mundo (cf. Salmos 72:8-11; Isaías 11:9; **Isaías 57:20**; Mateus 13:47 e **Apocalipse 17:15**).

Vimos anteriormente que, após a Segunda Guerra Mundial, o mundo ficou dividido entre dois grandes blocos: de um lado a União Soviética e seus países-satélites; de outro, os países capitalistas liderados pelos Estados Unidos. Hoje, porém, enquanto estou escrevendo estas linhas (Dezembro de 1991) estamos vendo grandes transformações sociais, políticas e econômicas acontecerem em todo o planeta. Nos anos de 1989 a 1991 aconteceram eventos que provocaram grandes transformações em todo o mundo (ver Anexo II) - e na Igreja também (Quanto à Igreja, não é de se admirar, pois se passaram **40 anos**, desde que eclodiu o período em que estamos estudando no ano de 1950. Estamos presenciando muitas mudanças acontecendo no povo de Deus, nestes anos. É bom lembrar que no ano de **1990** o Senhor trouxe-nos a Palavra sobre "Batismo no Corpo", que tem nos preparado para o próximo mover de Deus).

O **socialismo** nasceu como programa em 1848 (com o Manifesto Comunista de Karl Marx), assumiu o poder na Rússia em 1917 (durante a Primeira Guerra Mundial), estendeu-se ao Leste europeu após a Segunda Guerra, em dezembro de 1922 e morreu, simbolicamente, em 9 de novembro de 1989, com a queda do muro de Berlim. Em **31 de dezembro de 1991** a U.R.S.S. (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) foi oficialmente desfeita.

O **capitalismo** nasceu da Revolução Industrial britânica (séc. 18) e da Revolução Francesa (1789). Triunfou nos anos 80, mas “impuro”, permeado por concepções social-democratas, contra as quais se rebelou o neoliberalismo de Margaret Thatcher (na Grã-Bretanha) e Ronald Reagan (nos Estados Unidos). O neoliberalismo parece não estar se sentindo muito bem - Thatcher caiu em **22 de novembro de 1990** e o “reagenismo” não emplacou na gestão Bush.

Os dois movimentos - socialismo e capitalismo contemporâneo - estão se arruinando.

Os EUA atravessam uma fase de declínio econômico em relação a seus rivais comerciais e tecnológicos; tem acontecido grande desordem social e econômica; a dívida externa do país é gigantesca - seu maior credor tem sido apontado como sendo o Japão. Hoje, o país do “Sol Nascente” é um dos que têm uma das maiores rendas per capita do mundo.

O fim dos blocos geopolíticos (mundo comunista vs mundo livre) devolveu o conteúdo puramente geográfico aos conceitos “leste” e “oeste”, e criou as condições para o surgimento de um novo mundo, multipolar.



9 de novembro de 1989,
Queda do muro de Berlim

Então, do meio deste “**mar**” de agitação e convulsão social, está saindo uma nova figura e imagem para todo o mundo. Do agitação social surgirá um poderio econômico, que condicionará a ascensão de uma **potência militar**, de um **esplendor cultural** e uma **onda ideológica ou religiosa maligna**. O

mundo está se organizando em comunidades econômicas. Estas comunidades representarão a besta que sai do "mar".

As características da primeira besta são:

Dez chifres - dez aliados com muito poder (chifre). O número 10 fala de governo terreno. As **dez diademas** sobre os chifres significa que estes aliados estarão "coroados" com o poder de Satanás (cf. vs. 2).

Sete cabeças - sucessão de sete líderes ou administrada por sete pessoas.

Leopardo - crueldade e astúcia.

Urso - força.

Leão - ferocidade, desejo de supremacia.

Hoje já vemos sendo formada a Comunidade Econômica Europeia (CEE). O mundo irá adorar o dragão (Satanás) e continuará seguindo atrás do sistema político vigente (besta).

Note que esta besta terá "*autoridade para agir quarenta e dois meses*", ou três anos e meio. Esta besta representa, também o iníquo que trará grande apostasia para o mundo (cf. 2 Tessalonicenses 2:1-12). Haverá peleja (guerra) contra os santos. O pano de fundo literário do simbolismo desta passagem é **Daniel 7**. E, segundo Daniel 7:21, 22, o Ancião de dias faz justiça aos santos, que possuirão o REINO.

(13:11-18) - A besta que emerge da terra.

Esta besta tem dois chifres semelhantes aos de um cordeiro, simulando o caráter de Cristo, mas será diabólica as suas palavras (cf. Mateus 7:15).

Esta besta fará concretizar os planos da primeira besta. Esta tem um grande poder de persuasão, ao ponto de levar as pessoas a adorarem à primeira besta. Ainda domina a mente das pessoas com seus ideais e princípios (marca na frente) e levará as pessoas a executarem seus ideais (marca sobre a mão direita) (**vs. 16**). Estes ideais e atos marcarão os padrões comerciais deste período de domínio das duas bestas (**vs. 17**). O número do nome da besta é 666. Por ser o número de homem, pode está se referindo ao falso profeta. Cristo os vencerá, a besta e o falso profeta (cf. Apocalipse 19:1-21).

(14: 1-5) - O cordeiro e seus 144.000 remidos.

Tendo nas frentes escrito o seu nome e o nome do Pai.

A finalidade desta visão é fortalecer os cristãos para as tribulações implicadas no relato que se segue. Ler **Mateus 24:29-31**.

Ainda fala que haverá um remanescente que desencadeará os últimos eventos da História da Humanidade. Os 144.000⁸ remidos não serão guiados pelos ideais da besta, mas trarão em suas frentes (mentes) os pensamentos de Cristo... eles têm a mente de Cristo (cf. Romanos 12:1, 2 e 1 Coríntios 2:16). Há um novo cântico em seus corações...

⁸ O número **144.000** é o múltiplo de 12 x 12.000. O **número 12** na Bíblia tem vários significados um deles está relacionado às doze tribos da nação de Israel, Jesus também escolheu doze apóstolos dentre os Seus discípulos. Sendo assim, 12 é o número dos **separados** ou **remidos** para o Senhor. Sendo assim, os 144.000 é empregado em Apocalipse 7:4 para descrever os Judeus, das tribos dos filhos de Israel, que foram preservados do Holocausto, e aqui em 14:1 para todos os filhos do Reino (Sião) que serão protegidos no tempo do fim.

7º selo (8:1-6)

“Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora. Então vi os **sete anjos** que se acham de pé diante de Deus, e lhes foram dadas **sete trombetas**. Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um **incensário de ouro**, e foi-lhe dado muito **incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos** sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; e da mão do anjo subiu à presença de Deus o fumo do incenso, com as orações dos santos. E o anjo tomou o incensário, **enche-o de fogo** do altar e o **atirou à terra**. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremotos. Então os sete anjos que tinham as sete trombetas **prepararam-se para tocar**”.

7 anjos (15:1-8)

“Vi no céu outro sinal grande e admirável, sete anjos tendo os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus. Vi como que um mar de vidros, mesclado de fogo, e os **vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome**, que se achavam em pé no mar de vidro, tendo harpas de Deus; e entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo:... Depois... os sete anjos que tinham os sete flagelos saíram do santuário,... Então um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete **taças de ouro**, cheias da cólera de Deus... ninguém podia penetrar no santuário, enquanto não se cumprisse os sete flagelos dos sete anjos”.

Os flagelos liberados pelas trombetas são consequência das orações dos santos que, após serem oferecidas a Deus, como um incenso agradável, são queimadas e jogadas sobre a terra em forma de julgamento. Aquilo que tem sido o nosso clamor de justiça, terá sua resposta da parte de Deus nos flagelos.

Note que em **Josué 6:15-17** há trombetas e gritos, aqui há trombetas e orações. As orações dos justos liberarão a resposta do julgamento vindo da parte de Deus.

Na passagem do Livro de Josué, observamos que Raabe foi salva da destruição, “ao subir da alva”. Os justos, assim como Raabe, não serão afetados pelos horrores desta tribulação.

Gostaria de lembrar uma passagem bíblica que é muito importante e nos orienta qual a atitude que devemos tomar durante este período que se inicia.

“**Acautelai-vos por vós mesmos**, para que nunca vos suceda que os vossos corações fiquem **sobrecarregados** (oprimidos) com as consequências da orgia (ou libertinagem) da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço. Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra. Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas cousas que **têm de suceder**, e estar em pé na presença do Filho do Homem” (**Lucas 21:34**).

Os últimos acontecimentos que antecederão a grande manifestação do Senhor Jesus Cristo, no Seu Reino, serão atormentadores para todos os que vivem na face da terra. Já estamos entrando nestes dias. Tudo o que se sucederá é necessário e faz parte do plano de Deus, como veremos mais adiante. Porém, não permita que seu coração fique sobrecarregado com as consequências da depravação humana. Quando você presenciar um fato alarmante, não murmure, não entre em depressão nem tristeza de alma, reverta tudo em adoração e clamor ao Senhor.

Os selos abertos até aqui, representam o **princípio das dores**. Estes **sete últimos flagelos** que se seguem serão ainda piores.

Observemos a passagem de **2 Pedro 3:10-13** atentamente:

“Virá, pois, como ladrão o dia do Senhor, no qual os céus passarão com grande **estrondo**, e os **elementos, ardendo**, se dissolverão, e a terra, e as obras que nela há, serão descobertas (atingidos ou queimadas). Ora, uma vez que todas estas coisas hão de ser assim dissolvidas, que pessoas não deveis ser em santidade e piedade, aguardando, e desejando ardentemente a vinda (Parusia) do dia (Hemera) de Deus, em que os céus, em fogo se dissolverão? Nós, porém, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça”.

A palavra **estrondo**, “eko” em grego, significa um som atordoante, tremendo, ensurdecedor. A palavra expressa o som produzido pelo movimento rápido do ar, e era usada para vários tipos de sons. Já a palavra **Elementos** (vs. 10), em grego é “stoicheia”, refere-se aos elementos físicos, que pode se referir aos elementos da terra, ar, água e fogo, ou a “*corpos celestes*”, isto é, o sol, a lua e as estrelas, ou pode se referir aos “espíritos elementares”. **Ardendo**, era empregada por escritores médicos para expressar a temperatura febril; então, pode ter sido usada para denotar uma erupção interna, como a de um vulcão, que provoca o aquecimento da Terra.

Esta passagem confirma o que iremos ver durante estes sete últimos flagelos. A Parusia do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus, será precedido por grandes distúrbios no Sistema Solar (cf. **Lucas 21:25-28; Mateus 24:29-31; Marcos 13:24-27**). Estes distúrbios envolvem terremotos, **aquecimento da Terra**, chuvas de meteoritos, agitação do mar e muitas outras convulsões físicas.

Tudo o que veremos a seguir já começou a se desencadear em nossos dias. Haverá uma gama de **problemas atmosféricos**, como começamos a observar desde o sexto selo.

Passo a transcrever parte de uma matéria intitulada “Efeito Estufa - *O Verão do Fim do Mundo*”, da revista Manchete, que irá abalizar o que veremos mais adiante.

“O planeta Terra um dia foi azul. Mas seus habitantes, ao longo das últimas décadas, vêm lançando bilhões de toneladas de gases poluentes na atmosfera, e o resultado é inquietante: o bombardeio contínuo dos raios de Sol é retido, em partes crescentes, pelos gases; o calor vai aumentando e com ele as secas; o gelo dos pólos vai derreter-se e aumentar o nível dos mares em cerca de dois metros, lá pelo ano 2050. Terras vão desaparecer embaixo dos mares, furacões de intensidade nunca vista varrerão todas as partes. Enquanto isto, a camada de ozônio que protege a Terra vai-se destruindo, provocando câncer na pele e muitos outros males. E não foi nenhum Nostradamus insano que previu tudo isto: são cientistas, com base em dados objetivos, analisados em computador...”

*A Conferência Internacional da Mudança da Atmosfera, que aconteceu em Toronto, com a participação dos mais de 300 delegados de 48 países, foi a primeira tentativa em grande escala para transpor o hiato entre os cientistas e os poderes decisórios a respeito de uma ampla gama de problemas atmosféricos, incluindo não apenas o **efeito estufa**, como também a **chuva ácida** e o **esgotamento da camada protetora de ozônio da estratosfera...**”*

Veja ainda o que diz um outro artigo intitulado “*Aumenta a frequência dos **terremotos***”:

“A Terra está mais inquieta do que há muito tempo. Primeiro o México, depois na Guatemala. Recentemente um grande tremor (oito graus na escala Mercalli de doze graus) atingiu a República Soviética do Tadjiquistão na Ásia Central... A pesquisa sobre terremotos continua sem muitos progressos. Os tremores que acontecem em períodos cada vez mais próximos, intranquilizam os cientistas. Será que um dia virá o grande estrondo? Quando os sismólogos pensam em Los Angeles, eles têm pesadelos. A metrópole de milhões de habitantes junto ao pacífico é considerada há muito sujeita a uma catástrofe...”

Um artigo de revista cristã fala: “*É um fato que os meios de comunicação falam cada vez mais do aumento de terremotos. Recentemente também li a frase: ‘Toda a Terra está inquieta’... Desde o Gólgota, quando Deus em Jesus Cristo reconciliou o mundo consigo mesmo, a terra tremeu muito sob o impacto desse acontecimento incompreensível e imponente: ‘... tremeu a terra, fenderam-se as rochas’ (Mateus 27:51a), e desde então ela não se calou mais. Pelo contrário. Segundo informações do Observatório de*



*Estrasburgo (França), o número de terremotos aumenta em todo o mundo. Isso confirma o que foi dito pelo Senhor Jesus em **Mateus 24:7; Marcos 13:8; Lucas 21:11**”.*

- X - X - X - X - X - X - X -

No início deste capítulo lembramos que nesta segunda narração, o leitor poderia identificar claramente a repetição de ideias e palavras, isso porque os fatos relacionados são sinônimos. Destacamos as palavras repetidas nas passagens com o sublinhado.

Lembrando o que falamos a respeito do sete no sétimo, podemos compreender que estes últimos acontecimentos são continuação dos 7 selos/anjos. Sendo assim, todos os fatos que se seguem ocorrerão em um espaço de tempo correspondente ao desencadeado pelo 7º selo/anjo. Pode ser que dois ou mais acontecimentos sejam simultâneos.

FUTURO

Versão UM

1ª trombeta (8:7)

*“O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve **saraiva e fogo** de mistura com sangue, e foram atirados à **terra**. Foi, então, queimada a **terça parte da terra**, e das **árvores**, e também toda **erva verde**”.*

Segundo a passagem de 8:7, este flagelo irá destruir 1/3 da **terra**, das **árvores** e **ervas verdes**. A terra, as árvores e as ervas verdes, que anteriormente foram protegidos, agora não escapam de serem afetadas pelos flagelos. Com a destruição das árvores e ervas verde, que são fonte da própria vida, haverá escassez de alimento e a humanidade passará por fome.

Os atuais movimentos ecológicos, que pretendem salvar a natureza, é um Ismael (filho falso), um falso movimento que antecipam a profecia de **Romanos 8:18-23**, onde descreve a manifestação dos filhos de Deus que irão libertar toda a criação da futilidade.

A passagem de 16:1, 2 fala que homens serão atingidos com úlceras (ferida, chaga) malignas. A palavra é de sentido geral e pode referir-se a qualquer "abcesso" ou tumor. A palavra "**perniciosas**", que no grego é "*poneros*", também é empregada em 1 Coríntios 5:8 e refere-se à corrupção que se espalha como o fermento se propaga pela massa para o pão. A corrupção no íntimo, a malignidade e a decadência do espírito humano, haverão de aflorar até à pele, podendo ser vistas à superfície. Deus fará aqueles adoradores da imagem da besta perceberem como são, realmente, fazendo-os sofrer por isso. Leia **Romanos 1:18-27**. Observe que a idolatria está associada à depravação espiritual, moral e física do ser humano. "*Por isso Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seus próprios corações, para desonrarem os seus próprios corpos entre si;... Por causa disso os entregou Deus a paixões infames*" - fala da prostituição e do homossexualismo. No último versículo fala que os homens receberam **em si mesmos** a merecida punição do seu erro.

Tudo isto está se referindo à **AIDS**. Para uma melhor compreensão do que vimos, passo a citar parte do capítulo 6 do livro: “O Que Você Precisa Saber Sobre a AIDS”, do irmão Adiel Almeida de Oliveira.

“No dia 27 de março de 1983, pela primeira vez, através do programa ‘Fantástico’ na televisão, o Brasil inteiro tomou conhecimento de que se havia descoberto, nos Estados Unidos, ‘uma doença sem cura’: a Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida. Na época, a notícia abalou o mundo, e particularmente o Brasil, pois as informações davam conta de que o processo

*de destruição causado por aquela enfermidade no organismo do enfermo durava cerca de cinco anos, e, depois, o que esperava o pobre doente era a morte inevitável. Além disso, o que se informou é que as fontes de contágio eram: **relações homossexuais e agulhas de injeções infectadas**. Na época, o nosso comentário foi: ‘Em outras palavras, Deus está julgando dois pecados: **homossexualismo e drogas**’. (Em circular enviada a dezenas de igrejas, em 28 de abril de 1983).*

O quadro não mudou nem um pouco... Nunca nenhuma enfermidade foi tão localizada, atingindo determinada faixa da população - os homossexuais e os viciados em drogas - que são as pessoas que estão cometendo os pecados que mais se estão tornando comuns e aceitos neste Século XX. Nós, cristãos, estávamos perplexos, ao ver a sociedade em geral aceitar tais pecados passivamente e até com boa vontade, considerando a aberração homossexual apenas como ‘um modo diferente de vida’. Porém, como a Bíblia fala de modo diametralmente oposto, nunca nos havíamos conformado com a atitude permissiva da sociedade como um todo.

*Quando a AIDS surgiu, imediatamente o Senhor nos levou a correlacionar essa enfermidade com aquilo que o **Salmos 37** proclama diversas vezes. Se você ler agora, possivelmente ficará surpreso...*

Ao ler este salmo, eu sempre pensava: Como o Senhor realizará estas profecias? Como só os ímpios serão atingidos, e os justos poupados? Quando surgiu a AIDS, na minha mente e em meu coração imediatamente estabeleceu-se um elo de ligação entre essa doença e o terrível julgamento de Deus sobre os ímpios, preconizado e previsto neste salmo.

Então fui levado a pesquisar o Livro de Apocalipse, para ver se encontraria alguma conotação profética que confirmasse essa ligação que já se estabelecera em minha mente.

*Abrindo em **Apocalipse 16:1, 2**, que fala da primeira praga ou da primeira taça ou primeiro flagelo da ira de Deus, li o seguinte:... ‘aos homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem, sobrevieram úlceras malignas e perniciosas’.*

As características desta praga, bem diferente do que ocorreu quando as outras taças foram derramadas, levaram-me a correlacioná-la imediatamente com a AIDS: ‘úlceras malignas e perniciosas’ (ARA), ‘terríveis e dolorosos’ (BLH).

Outra coisa que caracteriza essa praga é que ela feriu apenas os ‘portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem’ (versículo 2). As outras pessoas não foram contaminadas...

O homossexualismo, ligado desde os tempos bíblicos à idolatria e, portanto, à adoração de demônios (Salmos 106:36-38; 1 Coríntios 10:19, 20), nestes últimos tempos tem se ligado a um terceiro vício, que é o uso de drogas psicotrópicas.”

A AIDS constitui-se um tormento que atingiu a humanidade. Lembro-me de uma entrevista realizada com uma cantora famosa, onde a apresentadora perguntou-lhe o que achava da AIDS. Ela respondeu: “A AIDS, para mim, ‘cheira’ a julgamento. Parece coisa de religião, moral, coisa de Deus”.

Algo muito importante a se observar no desenrolar destes últimos flagelos é que algumas pessoas vão murmurar contra Deus, e outras vão reconhecer que tudo tem sido feito por Ele, embora não O temam. Esta atitude das pessoas lembra o que aconteceu quando das pragas liberadas pelo Senhor, na libertação dos filhos de Israel do Egito. Gostaria de lembrar alguns fatos que servirão de aplicação para o que iremos passar neste período.

Primeiramente vale lembrar que não só os israelitas foram protegidos das pragas, como também Raabe, pelo fato de temer a Deus. “*Naquele dia separarei a terra de Gósen, em que habita o meu povo... Farei distinção entre o meu povo e o teu povo*” (Êxodo 8:22, 23 - cf. 11:6, 7). Muitas pessoas em nossos dias serão protegidas pelo Senhor, juntamente com o Seu povo.

Os magos de faraó sabiam que naquelas pragas tinha “*o dedo de Deus*” (Êxodo 8:19), embora **não se arrependessem**. Pessoas assim serão atingidas pelos julgamentos de Deus (cf. 9:11).

A partir da sétima praga havia dentre os egípcios alguns que começaram a temer ao Senhor: “*Quem dos oficiais de Faraó temia a palavra do Senhor, fez fugir os seus servos e o seu gado para as casas; aquele, porém, que não se importava com a palavra do Senhor, deixou ficar no campo os*

seus servos e o seu gado” (Êxodo 9:20, 21). Semelhante atitude deve acontecer em nossos dias. Veremos muitas pessoas se rebelarem contra o Senhor, outras, embora não se convertam, temerão ao Senhor, e reconhecerão que os flagelos são provocado por Ele. Irá haver uma definição clara dos crentes e não crentes. Muitas, porém, sofrerão...

2ª trombeta (8:8,9)

“O segundo anjo tocou a trombeta, e uma como grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar, cuja terça parte se tornou em sangue, e morreu a terça parte da criação que tinha vida, existente no mar, e foi destruída a terça parte das embarcações”.

Com o primeiro flagelo, 1/3 da alimentação terrestre será destruída. Então os homens vão procurar extrair alimentos do mar. Entretanto, *“uma grande montanha ardendo em chamas”*, que mais parece um meteorito ou cometa que cai sobre o mar, transforma-o em sangue (cf. Êxodo 7:20, 21), e causa a morte de 1/3 da criação que tem vida e destrói 1/3 das embarcações pesqueiras. A passagem de Sofonias. 1:3 apresenta a destruição dos peixes como parte do drama escatológico.

2º flagelo (16:3)

“Derramou o segundo a sua taça no mar, e este se tornou em sangue como de morto, e morreu todo ser vivente que havia no mar”.

3ª trombeta (8:10, 11)

“O terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas uma grande estrela ardendo como tocha. O nome da estrela é Absinto; e a terça parte das águas se tornou em absinto, e muitos dos homens morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargas”.

Há uma **contaminação** das águas dos rios e águas potáveis (frescas) das fontes (cf. Jeremias 9:15; 23:15). Desde que a estrela que caiu, ao soar da quinta trombeta (9:1), é um anjo, é possível que Absinto (vs. 11) seja também um anjo. **Absinto**, o nome é dado por causa da planta amarga que tem o mesmo nome.

O anjo das águas reconhece a justiça de Deus neste flagelo.

3º flagelo (16:4-7)

“Derramou o terceiro a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. Então ouvi o anjo das águas dizendo: Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas; porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos disso. Ouvi do altar que se dizia: Certamente, ó Senhor Deus, Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos”.

4ª trombeta (8:12, 13)

*“O quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e, na sua terça parte, não brilhasse assim o dia como também a noite. Então vi, e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: **Ai, ai, ai** dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar”.*

4º flagelo (16:8, 9)

“O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe dado queimar os homens com fogo. Com efeito, os homens se queimaram com o intenso calor, e blasfemaram o nome de Deus que tem a autoridade sobre estes flagelos, e nem se arrependeram para lhe darem glória”.

Parece algo semelhante ao **efeito estufa**, que faz com que o calor do sol aumente e venha a provocar queimaduras nos homens.

Haverá blasfêmia contra o nome de Deus e as pessoas não se arrependem dos seus pecados.

A águia que está "... voando pelo meio do céu..." será visível para todos, seu clamor será universalmente ouvido.

"...ai, ai, ai..." São os três últimos julgamentos, trombetas e flagelos, seguintes serão ainda mais horríveis.

5ª trombeta (9:1-12)

*"O quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma **estrela caída do céu na terra**. E foi-lhe dada a chave do poço do abismo. **Ele** abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como fumaça de grande fornalha, e com a fumaceira saída do poço **escureceu-se o sol e o ar**. Também da fumaça saíram **gafanhotos** para a terra; e foi-lhes dado poder como o que têm os escorpiões da terra, e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma, e tão-somente **aos homens que não têm o selo de Deus sobre as suas frentes**. Foi-lhes também dado, não que os matassem, e, sim, que os **atormentassem durante cinco meses**... os buscarão a morte e não a acharão... O aspecto dos gafanhotos... tinham sobre eles, como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é **Abadom**, e em grego, **Apoliom**. O primeiro ai passou..."*

A palavra "estrela" e "gafanhoto" referem-se a invasões demoníacas da terra, por parte de seres malignos. Seres de profunda iniquidade, de natureza espiritual, serão soltos à face da terra e **atormentarão** os homens. Os "gafanhotos" não atacarão as ervas e árvores, mas terão poder semelhantes aos escorpiões, injetarão seu veneno nos homens, que não é fatal, mas provocará grande tormento. Deus estabelece um prazo de cinco meses para que os homens se arrependam, o que não acontecerá.

Abdom significa "*destruidor*", é traduzido "abismo" em Jó 31:12.

O quinto flagelo mostra que o reino da besta será abalado. Os homens ficarão intensamente angustiados, cobertos de "úlceras", ferimentos feitos por enfermidades e por queimaduras provocadas pelos raios solares; mas nada disso conseguirá levá-los ao arrependimento e conversão.

Haverá grande terror entre os Seres Humanos (cf. Lucas 21:26-28) "... *Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e **erguei as vossas cabeças**, porque a vossa redenção se aproxima*".

6ª trombeta (9:13 - 11:14)

“... Solta os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio **Eufrates**. Foram, então soltos os quatro anjos que se achavam **preparados para a hora, o dia, o mês e o ano**, para que matassem a **terça parte dos homens**... Assim, nesta visão contemplei que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. As cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões e de suas bocas saía fogo, fumaça e enxofre... a força dos cavalos estava nas suas bocas e nas suas caudas, porquanto as suas caudas se pareciam com serpentes, e tinham cabeças, e com elas causavam dano... Os outros homens não foram mortos, não se arrependeram...

Vi outro anjo forte descendo do céu,... Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram, e não as escrevas. **Já não haverá demora**, mas, nos dias da voz do **sétimo anjo**, quando ele estiver para tocar a **trombeta**, cumprir-se-á, então, o **mistério de Deus**, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas.

Dispõe-te, e mede o santuário de Deus, o seu altar, e os que naquele adoram... Darei às duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco... Passou o segundo ai...”

6º flagelo (16:12-16)

"Derramou o sexto a sua taça sobre o grande rio **Eufrates**, cujas águas secaram para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do lado do nascimento do sol. Então vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos sete reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande dia do Deus Todo-poderoso. (Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para não andar nu, e não se veja a sua vergonha). Então se ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom".

Armagedom, transliteração do hebraico “*har megido*”, que é “a planície de Megido”, que domina a planície de Jezreel (Escralom). Este foi palco das maiores batalhas na antiga história de Israel (cf. Salmos 2:2, 3; Isaías 5:26-30; Jeremias 6:1-5; Ezequiel 38). O termo veio a ser usado para indicar qualquer batalha “final e decisiva”, mas horrenda, com grande matança. Haverá a grande batalha onde o Senhor destruirá os poderes de todos os povos (leia cuidadosamente Joel capítulo 3).

O entendimento destes acontecimentos relacionados com estes textos paralelos são muito importantes e estão se desenvolvendo nos dias em que estou escrevendo estas linhas. Por sua importância, e necessidade de detalhamento, escrevi, em 1997, a **Parte II de Compreendes o Que Lês? – Invasão dos Reis e Demônios Vindos do Oriente**. Material que você pode baixar no meu blog: <https://raibarreto.com.br/>.

O Senhor vem sem demora... Não haverá demora.

Nos dias o soar da sétima trombeta, cumprir-se-á **o mistério de Deus**.

7ª trombeta (11:15-19)

*“O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: **O REINO do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos.** E os vinte e quatro anciãos que se encontram sentados nos seus tronos, diante de Deus, prostaram-se sobre os seus rostos e adoraram a Deus, dizendo: Graças te damos, Senhor Deus, Todo-poderoso, que és e que eras, porque **assumiste o teu grande poder e passaste a reinar.** Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, assim aos pequenos como aos grandes, e para destruídes os que destroem a terra. Abriu-se, então o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e grande saraivada”.*

7º flagelo (16:17-21)

“Então derramou o sétimo anjo a sua taça pelo ar, e saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está. E sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu grande terremoto, como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra; tal foi o terremoto, forte e grande. E a grande cidade se dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações. E lembrou-se Deus da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira. Toda ilha fugiu, e os montes não foram achados; também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande”.

Cumpriu-se, aqui, o mistério de Deus, como foi mencionado em **10:7: O REINO DE DEUS**. O reino do mundo tornou-se de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos Séculos dos Séculos.

Após a sétima trombeta, será realizado o julgamento dos mortos e a entrega de galardões aos santos.

Agora devemos ler os capítulos **17 a 21**, que é um paralelo aos acontecimentos vistos na sétima trombeta. Nesses capítulos temos uma narrativa clara e detalhada dos acontecimentos que envolvem o último Ai, e os fatos que seguem a este. Estes textos descrevem acontecimentos que estão diante de nós, nos nossos dias futuros.

(17:1-18)	- Destruição da grande meretriz.
(18:1-24)	- Queda da Babilônia.
(19:1-10)	- Bodas do Cordeiro. Júbilo, Alegria no céu.
(19:11-21)	- Prisão da besta e do falso profeta.
(20:1-6)	- Prisão de Satanás por mil anos.
	- Primeira ressurreição.
	- Os justos reinam por 1.000 anos (Milênio).
(20:7-10)	- Libertação condicional de Satanás.
	- Derrota definitiva sobre Satanás.
(20:11-15)	- O juízo final.
(21:1-8)	- O novo céu e a nova terra. “Tudo está feito”.
(21:9-27)	- A nova Jerusalém, que desce do céu.
(22:1-21)	- Reinaremos pelos Séculos dos Séculos (vs.5)...

Anexo I

Bibliografia Sugerida

Neste Anexo faço a citação de alguns livros que acho importante conter na biblioteca de qualquer estudante da Bíblia. Os livros, dicionários, gramáticas, concordâncias, versões da Bíblia, manuais e chaves linguísticas que se seguem fazem parte dos livros de pesquisa que normalmente utilizo para o estudo da Palavra de Deus.

Fiz questão de relacioná-los, porque vários irmãos em Cristo têm-me pedido uma relação de livros que possam auxiliá-los no estudo da Bíblia.

Também coloquei comentários após a descrição de alguns livros, com a finalidade de ajudar o estudante a saber como utilizá-los.

A maioria destes livros pode ser encontrada em qualquer livraria cristã de nossas cidades.

Traduções da Bíblia.

A Bíblia Sagrada

João Ferreira de Almeida (edição Revista e Atualizada no Brasil - ARA)
Sociedade Bíblica do Brasil

Esta é a tradução mais comumente utilizada no meio Protestante. É a tradução que também empregamos como de costume. Também é boa a sua edição Revista e Corrigida - ARC.

É importante que tenhamos várias traduções da Bíblia, a fim de podermos consultar os textos. A consulta em outra tradução, por vezes, traz esclarecimento sobre o significado da passagem que se esta estudando e meditando.

A Bíblia Sagrada - Velho Testamento e Novo Testamento

João Ferreira de Almeida
(De Acordo Com os Melhores Textos em Hebraico e Grego)
Imprensa Bíblica Brasileira
A Bíblia de Jerusalém
Edições Paulinas

Bíblia Vida Nova
Edições Vida Nova

A Bíblia Viva (Paráfrase)
Editora Mundo Cristão

Das traduções “na linguagem de hoje”, acho esta mais fiel aos textos originais. Pode ser empregada para a leitura de textos com linguagem poética muito difícil, como o Livro de Provérbios, por exemplo.

Há outras versões da Bíblia que têm sido lançadas pelas editoras cristãs e que devem ser consultadas pelo estudante.

Manuais, Dicionários, Enciclopédias, Concordâncias e Comentários.

Os mais comuns são:

Manual Bíblico
Henry H. Halley
Edições Vida Nova

É muito importante que todos os cristãos tenham este Manual. Ele é essencialmente um livro de fatos bíblicos e históricos. Inclui, simultaneamente as notas sobre os livros da Bíblia, um esboço das descobertas arqueológicas e um capítulo sobre a História da Igreja (que utilizamos largamente neste nosso livro).

O Novo Dicionário da Bíblia (Vol. I e II)
Edições Vida Nova

O Novo Comentário da Bíblia (Vol. I e II)
Edições Vida Nova

Dicionário Enciclopédico da Bíblia
A. Van Den Born
Editores Vozes
Concordância Bíblica
Sociedade Bíblica Brasileira

Literaturas sobre o grego do Novo Testamento:

Coinê - Pequena Gramática do Grego Neotestamentário
Francisco Leonardo Schalkwijk.
Editores Ceibel
Caixa Postal, 12
CEP 38.740 Patrocínio (MG)

Esta é uma excelente gramática que apresenta um plano de aulas que, seguindo-o, você poderá, sozinho, desenvolver um bom conhecimento da língua em que foi escrito o Novo Testamento - Grego Coinê.

Introdução ao Estudo do NOVO TESTAMENTO Grego
Gramática - W. C. Taylor
Editores Juerp

Dicionário do Novo Testamento Grego
W. C. Taylor
Editores Juerp

Léxico do N. T. Grego/Português
F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker
Edições Vida Nova

Entre o Dicionário e o Léxico citado, acho mais proveitoso o Léxico.

Dicionário Grego-Português e Português-Grego
Isidro Pereira, S. J.
Livraria Apostolado da Imprensa

Chave Linguística do Novo Testamento Grego
Fritz Rienecker/Cleon Rogers
Sociedade Religiosa Edições Vida Nova

Esta Chave Linguística deve ser usada para enriquecer o entendimento dos versículos bíblicos. Ela traz o significado de algumas palavras, versículo por versículo, do Novo Testamento. As explicações, por vezes, traz luz ao entendimento do significado original do texto.

O Novo Testamento Interpretado - versículo por versículo
Russel Norman Champlin
MILENIUM Distribuidora Cultural Ltda

Esta é uma obra consagrada no meio Protestante do Brasil. O Novo Testamento é comentado versículo por versículo. Quando se trata de comentário, precisamos tomar cuidado. Portanto, o que acho bom e importante, nesta obra, são as explicações sobre os vocábulos gregos que são empregados nos versículos e algumas informações sobre o contexto cultural e histórico das passagens.

Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento
(Vols. I-IV)
Sociedade Religiosa Edições Vida Nova

Este Dicionário é muito bom, embora prolixo. Usa linguagem técnico. Mas traz luz sobre o significado de importantes palavras do grego do N. T.

The Exhaustive Concordance Of The Bible
James Strong - 1951

Esta é uma excelente obra. Uma das melhores concordâncias da Bíblia já editada. Contudo, sua edição é esgotada, sendo de difícil aquisição. Porém, já existe versões mais modernas, embora com uma perda, se comparada ao seu conteúdo original. Esta concordância contém **todas** as palavras empregadas no Hebraico do A.T. e no Grego do N.T.

Outros Livros.

História da Igreja Cristã (Edição Especial Volumes I e II)
W. Walter
Co-Edição: Juerp - Aste

Este livro contém um índice remisso no qual você pode encontrar vários assuntos citados neste nosso livro, como por exemplo: Vida de Lutero, Calvino, a Inquisição, Reforma etc. Para se estudar a respeito da História da Humanidade, um bom livro de História Oserá proveitoso.

A História de Israel (No Antigo Testamento)
Samuel J. Schultz
Edições Vida Nova

A Poesia e o Camponês
Título da Reedição: *As Parábolas de Lucas*
(Uma análise literária-cultural das parábolas em Lucas)
Kenneth Bailey
Edições Vida Nova
Tradução: Adiel Almeida de Oliveira

Extraí um bom material deste livro para compor os capítulos 1 e 3 deste nosso livro. Seria de bom proveito a aquisição deste livro por parte do estudante, pois o autor mostra, ainda, como parte do Evangelho Segundo Lucas apresenta capítulos que se combinam em um padrão de paralelismo.

A Vida Diária nos tempos de Jesus

Henri Dniel-Rops

Edições Vida Nova

Este é um dos livros que oferece informações a respeito da cultura judia, contemporânea de Jesus e dos discípulos. O autor esclarece as várias facetas da vida do dia-a-dia. Educação de filhos, casamento, pobreza, riqueza, comida, trabalho, escrita, doenças, morte, religião, enfim, tudo que esclarece como viviam os homens e mulheres na Palestina há dezenove Séculos no passado.

Anexo II

1989 - 1991 *Acontecimentos que mudaram o mundo.*

1989

Janeiro:

- . 1ª visita à China do ministro soviético das Relações Exteriores após 30 anos.
- . Tratado da União do Magreb Árabe.

Fevereiro:

- . Fim da retirada das tropas soviéticas do Afeganistão.

Março:

- . Revolta no Tibete e no Sinkiang.

Abril:

- . Crises políticas e violências étnicas na África (Senegal, Mauritânia, Libéria etc)

Maiο:

- . Gorbachev eleito chefe de Estado soviético.

Junho:

- . O Egito reintegrado na Liga Árabe (Casabianca).
- . Massacre da Praça da Paz Celestial.
- . 1º ministro procedente do Solidariedade.

Agosto:

- . Sony compra Colúmbia.

Setembro:

- . 1ª visita de Hassan 2º à Espanha desde 1961.

Novembro:

- . **Queda do muro de Berlim e abertura da cortina-de-ferro.**
- . Eleições presidenciais livres no Brasil.
- . Aylwin eleito contra Pinochet.

Dezembro:

- . Intervenção militar dos EUA no Panamá.
- . Revolta romena

1990

Fevereiro:

- . Libertação de Nelson Mandela

Abril:

- . Fim do regime comunista na Nicarágua com eleições.
- . Independência da Namíbia

Maiο:

- . Conselho Europeu de Dublin sobre a União política.
- . Unificação dos dois Iêmen.
- . Declaração de soberania das Republicas Bálticas, da Rússia, da Ucrânia etc.

Junho:

- . Sucesso do FIS na Argélia.
- . Crise do federalismo canadense.
- . Tensão na Cachemira.
- . Abertura da Bolsa de Budapeste.

Agosto:

- . Anexação do Kuwait pelo Iraque.
- . Envolvimento militar do EUA na Arábia Saudita.
- . Retomada de influência da ONU.

Outubro:

- . Contatos oficiais entre as duas Coreias.
- . Unificação alemã.
- . Projeto de visita de Gorbatchev ao Japão.

Dezembro:

- . Conferência CSCE Paris.
- . Conflito do Oriente Médio - crise do Golfo.
- . **Thatcher renuncia após 11 anos no poder.**

1991

...